

UNIEVANGÉLICA – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
ANÁPOLIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIEDADE, TECNOLOGIA E MEIO AMBIENTE.

MARIA DE LOURDES JACINTO CAETANO

A NATUREZA NA LITERATURA DE CORA CORALINA: A POÉTICA
DO CONTEXTO E LUGAR.



MARIA DE LOURDES JACINTO CAETANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, da UniEvangélica – Centro Universitário de Anápolis, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Ambiental.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giovana Galvão Tavares.

Anápolis
2015



Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
E construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e plantas roseiras e faz
doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
Um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
[...]

(CORALINA, 2013, p. 148)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente ao meu amado esposo Elson, que sempre me incentivou, acompanhou e proporcionou condições para que eu pudesse concluir mais esta formação Acadêmica.

Aos meus filhos, Lana Ellen e Alan Pedro, pelo amor e carinho que sempre recebi. Saibam que é o motivo de todo meu entusiasmo, a razão de continuar seguindo em frente e me perdoem pelas vezes que tive de abdicar de algo na companhia deles para chegar ao final desta jornada.

Aos meus pais, Antônio (*in memorian*) e Sebastiana (*in memorian*), ambos mineiros de Patos de Minas, vieram para Goiás em 1948, aqui viveram numa sociedade e em um período muito parecido com o que fala Cora Coralina, pois, as estórias/histórias que a poetisa relata são muito parecidas com as que eles me contavam quando criança: o tacho de cobre, a broa de fubá, a boiada, o berrante, a escola primária, a palmatória, o vintém poupado etc. São lembranças que faz com que seja verdade quando Cora afirmava que, muitas pessoas diriam: “estas coisas também se passaram comigo”. (CORALINA, 2013. p. 19)

Aos meus amados irmãos, especialmente à Fátima (*in memorian*), minha grande incentivadora. E juntamente aos demais, Vicente, Jair, Valdivino, Pedro, Antônio e Edson sempre foram grandes exemplos de fé, força e coragem na vida.

Às minhas cunhadas, cunhados, sobrinhos e sobrinhas todo meu carinho e desejo de sucesso em suas jornadas.

Ao meu sogro Galeno (*in memorian*), à minha sogra Nelma pelo carinho, compreensão, respeito e ajuda em todos os momentos, especialmente no cuidado com meus pequenos quando a eles eu recorria.

Aos colegas de curso, Fábica pelas muitas voltas para casa que fizemos juntas. Fernanda, Marcos e Tiago que sempre foram companheiros tanto nos momentos ruins quanto nos felizes, permanecendo firmes e me sustentando na luta diária.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que, em tudo me iluminou, capacitou e fortaleceu para que eu pudesse chegar à conclusão deste trabalho.

Aos meus familiares que, não mediram esforços em proporcionarem-me boas condições de estudo.

À Professora e Orientadora Dr^a Giovana Galvão Tavares, responsável por hoje poder concluir este trabalho, tanto na sugestão do tema quanto nas leituras que fiz para realização deste.

Ao Dr. Clovis Carvalho Britto, estudioso em Cora Coralina que mesmo distante e por meio de emails não mediu esforços para me atender quando solicitado.

Ao Instituto Federal Goiano – Campus Ceres, pela confiança e incentivo, me proporcionando 50% (cinquenta por cento) de bolsa para que pudesse realizar esta capacitação.

Aos meus colegas de trabalho pelo carinho e apoio na buscar pela graduação.

A minha querida ex-aluna Lorrany que disponibilizou seu apartamento e dividiu comigo seu quarto para que pudesse ficar mais confortável em uma cidade diferente da minha, longe de casa e da minha família, duas vezes por semana no primeiro ano de mestrado.

Aos Professores de Curso, pelo carinho e paciência a mim dispensados. Aos funcionários da UniEvangélica e Secretaria do Mestrado, pela prontidão que sempre demonstraram para comigo, quando requisitados.

Enfim agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir este estudo.

Obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa consiste em analisar a natureza em Cora Coralina, fazendo um estudo do contexto vivido pela poetisa e suas representações poéticas, identificando as categorias de lugar e natureza expressa através de suas obras. Para tratar o contexto, natureza e lugar, utilizamos os teóricos Levi (1996), Tavares (2010), Carino (1999), Figueirôa (2007), Tuan (2012; 2013), Bourdier (1996), Morin (1988), Beltrame (2008), Lenoble (1969) e Jacobi (2003). Bem como os pesquisadores em Cora Coralina: Britto e Seda (2009), Britto (2011), Tahan (2002), Carvalho (2003), Chaveiro (2007), Denófrío (2004), Teles (2001), Pereira (2004) e Delgado (2008). Desta maneira responderemos a três questões norteadoras. Como o contexto vivido por Cora Coralina influenciou na construção de suas obras? Que lugar Cora Coralina pertenceu no decorrer de sua vida? Como a natureza se apresenta em cada ciclo de vida da poetisa? Nascida, aos 20 dias do mês de Agosto de 1889, na Cidade de Goiás, antiga Villa Boa de Goyaz e capital do estado de Goiás até 1937. Cora passou sua infância e adolescência em constante contato com a natureza. Contudo, mesmo morando no estado de São Paulo, durante 45 anos, realizou ações benéficas ao meio ambiente. Estas respostas às questões ambientais em Tuan (2003) são definidas como “Topofilia”, ou seja, os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural. Tais ações também foram observadas em seu retorno à sua cidade natal aos 65 anos de idade, em 1956. Assim, o tipo de pesquisa que adotamos seguiu a metodologia qualitativa, teórico Gaskell (2003) e pesquisa bibliográfica em Lima (2007). Sendo realizadas através de leituras bibliográficas e levantamento documental.

PALAVRAS-CHAVES: Cora Coralina, Natureza, Contexto, Lugar, Goiás.

ABSTRACT

This research analyzes nature in the work of Cora Coralina, making a study of the context lived by the poet and her poetic representations, identifying the categories place and nature expressed through her works. To treat the context, the nature and place we used the theorists Levi (1996), Tavares (2010), Carino (1999), Figueroa (2007), Tuan (2012; 2013) Bourdier (1996); Morin (1988) Beltrame (2008), Lenoble (1969) and Jacobi (2003). As well as researchers in Cora Coralina: Britto and Seda (2009), Britto (2011), Tahan (2002), Carvalho (2003), Chaveiro (2007), Denófrio (2004), Teles (2001), Pereira (2004) and Delgado (2008). Questions on the context lived by Cora Coralina and its influence on the construction of her works, the place Cora belonged to in the course of her life, and the way nature is present in each cycle of life of the poet were used as guides for the study. Cora was born in the 20th day of August 1889, in the City of Goiás, former Villa Boa of Goyaz the capital of the state of Goiás up to 1937. She spent her childhood and adolescence in constant contact with nature. However, even living in São Paulo for 45 years she conducted beneficial activities to the environment. The answers related to the environmental questions, in Tuan (2012), are defined as “Topophilia”, or, the emotional ties of people with natural environment. These actions were also observed on her return to her hometown after the age of 65, in 1956. Therefore, research will follow the qualitative methodology, the theorist Gaskell (2003) and bibliography research in Lima (2007) through bibliography readings and documentary research.

KEYWORDS: Cora Coralina, Nature, Context, Place, Goiás.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Pesquisa e conhecimento: A trajetória do pesquisador.....09

CAPÍTULO 1

1.1 – Conceituando: Contexto, lugar e natureza..... 14

1.2 – A infância de Aninha18

1.3 – A adolescência na vida da poetisa.....38

1.4 – Idade Adulta e o amadurecimento..... 45

1.5 – Na velhice, o reencontro com suas raízes 59

CAPÍTULO 2

A visão de outros pesquisadores sobre contexto, natureza e lugar em Cora Coralina.....72

2.1 - Literatura, geografia e arte minimizando os conflitos sociais72

2.2 – O sagrado e a natureza sob o olhar de Cora Coralina.....83

2.3 – O Rural como um dos lugares que a poetisa pertenceu86

2.4 - Os muitos lugares da monumentalização de Cora Coralina..... 94

CAPÍTULO 3

3.1 – Cora Coralina e a natureza100

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....115

REFERÊNCIAS..... 117

INTRODUÇÃO

PESQUISA E CONHECIMENTO: A TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR.

“... o conhecimento avança à medida que o seu objeto se amplia, ampliação que, como a da árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces”. (SANTOS, 2008, p. 77)

Morin (2002, p. 20), faz algumas considerações importantes sobre o conhecimento “considerando” ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão do mundo e de seus princípios de conhecimento”. Espero não me deixar levar pela afetividade criada para com a autora e as obras que serão analisadas no decorrer da pesquisa, mas, agir mantendo o controle racional que é essencial ao trabalho científico, evitando assim o risco de erros. Esta reflexão servirá de base para a construção desta pesquisa.

De acordo com Santos (2008) é necessária outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. A produção de uma pesquisa é construtiva na medida em que contribui para a produção de um conhecimento transformador do próprio pesquisador. Essa é uma realidade de quem lhes escreve. Mas por que esse processo é construtivo? É construtivo, porque colabora de maneira significativa com a formação intelectual e profissional do pesquisador, mobilizando comportamentos, valores e sentimentos antes estabelecidos.

Sou formada em Letras Modernas, licenciatura. Pareceu-me o curso certo a fazer, devido meu grande interesse por Português e Inglês no ensino médio e o “desinteresse” por números, fórmulas, cálculos, etc. Na faculdade direcionei-me para

práticas educativas de Língua Portuguesa e Inglesa. Pois, sempre gostei muito de estar em contato com pessoas, discutir, problematizar.

Ao concluir a Faculdade ingressei-me rapidamente na carreira do magistério e como professora, ministrei aulas na rede estadual durante quinze anos, sempre com as disciplinas de Inglês e Português no ensino fundamental e médio. Após quinze anos na rede estadual ingressei na rede federal onde permaneço há cinco anos. Não posso deixar de mencionar que sempre esteve presente a inquietação de como deveria trabalhar a interdisciplinaridade entre Língua Portuguesa e os Temas Transversais, em especial o meio ambiente, tema tão pertinente, penso que essa inquietação surgiu desde as primeiras capacitações realizadas durante as formações para docentes que objetivavam o trabalho com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

O discurso do pesquisador e a visão de mundo que ele possui estão diretamente ligados à sua trajetória, à sua maneira de obter o conhecimento/ciência, sua maneira de pensar e desenvolver seu raciocínio para chegar aos resultados. Assim, posso encontrar nos meus estudos anteriores e no meu trabalho em sala de aula como professora, o meu eu pesquisador de agora, movimentos que se completam e se tornam mais explícitos durante a abordagem da metodologia desta pesquisa, já que procuro fazer um link entre a área de formação da graduação que é Letras e a área do mestrado que é Ciências Ambientais.

Ao produzir conhecimento de dentro de um campo de saber, que é as Ciências Ambientais, também estabeleço um diálogo com algumas ideias ou representações que me forneceram subsídios para pensar este campo.

Em resumo, elucido aqui uma epistemologia narrativa de como pensava ou fazia a ciência e a pesquisa em Educação, daí chegando a uma categoria de estudo que define todo este processo de amadurecimento de pesquisadora.

Enquanto professora de Língua Portuguesa, busquei fazer um mestrado na minha área de formação e por falta de oportunidades, ou penso até que, já estava determinado por Deus em minha vida fazer um trabalho nesta dimensão e com esse fim, ingressei-me na área de Ciências Ambientais. Então, conversando com uma colega que era da área de Educação Ambiental, surgiu a ideia de me dedicar a esta área da educação que tanto me inquietava há muito tempo quando pensava a interdisciplinaridade e sua valiosa contribuição na formação cidadã de nossos alunos.

Não posso esquecer-me de mencionar que a Instituição a qual atuo como professora, Instituto Federal Goiano – Campus Ceres, possui grande parte de seus cursos voltados para área agrícola e com inúmeros projetos de extensão e pesquisa direcionados à preservação e conservação do meio ambiente. Assim, elaboramos um projeto de pesquisa voltado para Percepção ambiental de alunos e professores desta Instituição de Ensino.

Entretanto, após uma longa conversa com minha orientadora do mestrado, coloquei-a a par do meu desejo de fazer uma pesquisa que estivesse direcionada para minha área de atuação e área do mestrado. Fui então, orientada a trabalhar um projeto que visualizasse a Língua Portuguesa e Ciências Ambientais. Eis que surgiu então, a grande ideia sobre a “Natureza em Cora Coralina”, uma poetisa goiana que demonstrou seu grande amor pela natureza durante toda sua vida e na grande extensão de suas obras literárias.

Desta forma, chegamos ao tema gerador desta pesquisa que é trabalhar a natureza em Cora, fazendo uma análise do contexto vivido pela autora na construção de suas poesias e identificando também as categorias de lugar e natureza expressas pela poetisa através de suas obras, em quatro períodos diferentes de sua vida: infância, juventude, idade adulta e velhice. Desta maneira responderemos a três questões norteadoras: Como o contexto vivido por Cora Coralina influenciou na construção de suas obras? Que lugar Cora Coralina pertenceu no decorrer de sua vida? Como a natureza se apresenta em cada ciclo de vida da poetisa?

No primeiro capítulo conceituaremos. Contexto, natureza e lugar utilizando os teóricos Roazzi (1987), Goffman (1974), Levi (1996), Tavares (2010), Carino (1999), Figueiroa (2007), Tuan (2012), Tuan (2013), Bourdier (1996), Morin (1988), Beltrame (2008).

Em seguida, apresentaremos o contexto vivido por Cora Coralina e as influências deste contexto na construção de suas obras, bem como os lugares que a poetisa pertenceu e como a natureza se apresenta em cada ciclo de vida da escritora. Para tal, além de basearmos nas obras de Cora Coralina nos atemos aos estudiosos, Britto e Seda (2009), Britto (2011), Denófrio (2004) e Teles (2001).

No segundo capítulo apresentaremos a fortuna crítica de Cora Coralina em relação ao contexto, natureza e lugar, sob a ótica dos estudiosos, Britto (2009), Carvalho (2003), Chaveiro (2007), Pereira (2009) Delgado (2008).

E por fim, no terceiro e último capítulo, será apresentado, em parte, a visão de natureza que Cora demonstrou no decorrer de sua vida, através de suas ações em prol do meio ambiente, por meio dos teóricos Tuan (2013), Tamaio (2002), Bourdier (1996), Morin (1988), Beltrame (2008), Lenoble (1969), Jacobi (2003) e Silva (2015).

Segundo Tamaio (2002, p. 28) há diferentes concepções de natureza¹. Essas concepções mostram profundas diferenças em relação a posturas e valores, estando, portanto, inseridas em diferentes contextos socioculturais.

A visão romântica da natureza enaltece seus aspectos belos e grandiosos, considerando a natureza como harmônica e sempre em equilíbrio, calcada na dualidade homem x natureza e muito associada ao conceito de mãe-natureza, provedora, acolhedora e bucólica.

O tipo de pesquisa que adotaremos seguirá a metodologia qualitativa que, de acordo com Gaskell (2002) fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das Relações entre os atores sociais e sua situação. Bem como, a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Lima (2007), se dá ao fato de a aproximação com o objeto ocorrer a partir de fontes bibliográficas. Assim, a pesquisa será realizada através de: Leituras bibliográficas e Levantamento documental.

Para as pesquisas bibliográficas foram realizadas as leituras das obras de Cora Coralina: *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*; *Vintém de Cobre*, *Meias Confissões de Aninha*; *Meu Livro de Cordel*; *Villa Boa de Goyaz*; *O Tesouro da Casa Velha* e *Estórias da Casa Velha da Ponte*. Bem como, obras de autores que também destacam vida e obra da poetisa, São eles, *Moinho do Tempo*, *estudos sobre Cora Coralina*; *Cora Coralina: o mito de Aninha*; *Cora Coralina, Raízes de Aninha*; *No Santuário de Cora Coralina* e *Cora Coragem, Cora poesia*. Além de Teses, Dissertações, Monografias e Artigos Científicos que enfatizam a trajetória da poetisa.

¹ Romântica, Utilitarista, Científica, Socioambiental e Naturalista.

Ao tratarmos Topofilia lugar e natureza, utilizamos as obras de Yi-Fu Tuan: *Espaço e lugar, perspectiva da experiência e Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Além de, *A poética do Espaço* de Gaston Bachelard. Assim Tuan (2012) conceitua Topofilia:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode ser variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza igualmente fugaz, mas muito intensa que é subitamente revelada. Mas permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos do lugar, por ser o lar, o locus das reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 2012, p. 135).

Destarte, quando referirmos ao “amor” de Cora Coralina pelo lugar e natureza nesta dissertação estabelecemos como objeto de análise o lugar de topofilia no sentido em que, como nas palavras de Tuan, representam os laços afetivos dos poetas sobre o ambiente vivido por eles. O lugar que expressa o lar, a volta ao “locus das reminiscências”, que seria para Cora Coralina, a cidade de Goiás, bem como, os diversos lugares que a poetisa pertenceu no decorrer de sua vida.

Para a pesquisa documental, foram realizadas três pesquisas de campo, uma em Goiás, no Museu: Casa de Cora Coralina. E duas em Goiânia, na Academia Goiana de Letras e Instituto Histórico Geográfico de Goiás.

Em Goiás, no Museu Casa de Cora Coralina, tivemos acesso, graças à disponibilidade de Tiago Mota Ferreira, guia turístico, aos arquivos contendo muitos de seus poemas manuscritos, os quais estavam digitalizados, e às fotos de Cora Coralina.

Durante visita ao Museu Casa de Cora, Marlene Vellasco, a diretora do Museu, relatou que lá não havia muito sobre Cora do período de sua infância e juventude, já que a Casa preserva coisas que pertenceram a ela, depois de sua volta à Goiás em 1956. E

que a infância e a juventude são retratadas por ela através de suas obras. Por isso devêssemos atentar para as obras literárias dela e sobre ela. E que, os arquivos inéditos, não poderiam ser liberados, visto que, estavam organizando uma publicação para Dezembro de 2014.

Na Academia Goiana de Letras, fomos recebidas pela Secretária e funcionária, (Regina Célia Lemes Moessa) que nos acompanhou durante a pesquisa mostrando a sala dedicada à Cora Coralina, a Galeria da Saudade e diversos arquivos dos Jornais; *O Popular e Diário da Manhã*, contendo escritos sobre Cora Coralina. Bem como, O Discurso de Posse e texto de Maria do Rosário Cassimiro em comemoração ao Centenário do nascimento de Coralina, publicados na Revista da Academia nº 08.

No Instituto Histórico e Geográfico de Goiás fomos recebidos também pela Secretária que nos relatou não estar em condições de nos mostrar fotos ou arquivos sobre Cora Coralina, pois, estes haviam sido catalogados e que no momento o Instituto estava sem condições de atender ao público devido à falta de Bibliotecária.

Devo mencionar também que durante as muitas buscas pela internet e leituras de livros e artigos sobre a trajetória de Cora Coralina tive a sorte de encontrar o e-mail de Clovis Carvalho Britto,² pesquisador e estudioso em Cora. E ao entrar em contato com o mesmo fui abençoada com uma imensa gama de material e informações, o que norteou os meus estudos.

Assim, a maioria das informações que apresentamos neste trabalho foi retirada de obras literárias escritas pela própria Cora Coralina e escritos de outros autores, bem como documentos em arquivos públicos, imagens fotográficas, artigos, Dissertações e Teses.

²Pós-Doutor em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (2006). Atualmente é Professor na Universidade Federal de Sergipe.

CAPÍTULO 1

1.1 - Conceituando: Contexto, lugar e natureza.

Os conceitos contexto, lugar e natureza são abordados para atingir o objetivo geral da pesquisa, ou seja, trabalhar natureza em Cora Coralina, fazendo uma análise do contexto vivido pela autora na construção de suas poesias e identificando também as categorias de lugar e natureza expressas pela poetisa através de suas obras, em quatro períodos diferentes de sua vida, infância, juventude, idade adulta e velhice.

De acordo com Roazzi (1987), entende-se por contexto a estrutura de referências que o sujeito adota, a maneira pela qual ele pessoalmente organiza e interpreta a experiência, ou seja, o significado social do evento. Como afirmado por Goffman (1974), os indivíduos, continuamente, e de forma ativa, projetam os próprios quadros de referência no mundo que está imediatamente à volta deles.

Ao abordarmos contexto, natureza e lugar nos quatro ciclos de vida da poetisa, trataremos sua biografia em conjunto com o contexto por ela vivido. De acordo com Carino (1999), as biografias tratam da representação de vidas de indivíduos, as quais, em sua singularidade, serão tanto efeito quanto causa das transformações ocorridas em sua época histórica.

Desta forma, biografias contextualizadas, tratam de utilizar o individual em benefício do coletivo, diferentemente das periodizações históricas que são sempre problemáticas, pois, raramente se consegue justificar convincentemente as mudanças de um período para outro.

Ainda segundo Carino (1999), as biografias têm caráter educativo, podendo ser apreciado no contexto de uma pedagogia do exemplo. Assim, na esperança de contribuir para a formação educativa de nossos leitores trataremos a biografia de Cora Coralina em conjunto com o contexto vivenciado pela poetisa. Para o autor, "são nos exemplos de vivências humanas reais que a educação vai buscar os modelos com os quais procura forjar a imagem a ser formada pela educação". (p. 26).

Figueiroa (2007) afirma que, contar a vida de um indivíduo, ou de um grupo, deve permitir reinterpretar e recontar a História mais geral. Desta forma, contaremos a

história de vida de Cora Coralina, reinterpretando e recontando a História geral, por meio de seu contexto.

Segundo a autora, "cada época, cada local constroem seu próprio arquétipo, que está imbricado no contexto histórico. (...) E é isso o que torna o gênero biográfico fascinante e atual e sempre atualizado pelo presente, que busca no passado as respostas e os sentidos para si próprios". (p.14).

Como nos apresenta Levi (1996), na tipologia *biografia e contexto*, o indivíduo simboliza uma época e um grupo, sendo que o meio e a ambiência são fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias. Assim, a individualidade do sujeito será tanto efeito como causa das transformações ocorridas em sua época histórica e, especialmente, na relação com o grupo que este pertence.

Ou ainda, como nos coloca Tavares (2010) o estudo do contexto histórico social nos ajuda a conhecer a trajetória de uma vida e compreender o que é aparentemente inexplicável, contribuindo para desvendar uma época e a vida de um grupo.

A tipologia *biografia e contexto* contribuem para o retrato de uma época e de um grupo. Essa modalidade biográfica busca, por meio da contextualização, compreender a trajetória de uma vida através de um contexto histórico que o justifica, reconstituindo o contexto histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos, permitindo compreender o que aparentemente aparece como inexplicável. (p.32).

O contexto vivido por Cora retrata quase um século de vida. Nascida na cidade de Goiás em 1889, momento do fim do Império e instalação da Primeira República, ela vivencia em sua infância e parte da juventude os “desajustes” sociais de uma periferia do país e os preconceitos sócios econômicos inerentes a uma menina pobre, filha de viúva.

Os contextos vividos por Cora registrados em vários de seus poemas referem-se ao lugar vivido e a sua totalidade.

Para lembrar Bourdieu (1996) o indivíduo nada é fora de suas relações com o todo. E esse todo será aqui representado através do contexto, lugar e natureza.

Segundo Tuan (2013), ao conceituarmos o termo “lugar” não podemos desconsiderar outro que é o “espaço”, pois, ambos se completam, apesar de “espaço” ser

mais abstrato que “lugar” o que inicia como espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Portanto, segundo o autor “as ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra”. E “se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar”. (TUAN, 2013. p. 14).

Tomando de empréstimo de Tuan (2013) de que lugar é pausa, podemos nos referir às obras de Cora como expressão da pausa, o retorno do lugar vivido, como referencia Tuan (2013), lugar é “uma classe especial de objeto. E uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para outro; é um objeto no qual se pode morar”. (p. 22).

Nesse sentido o autor nos mostra a importância do lugar na vida das pessoas e diz que “todos os seres humanos têm seus próprios pertences e talvez tenham necessidade de um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo”. Desta forma, qual o lugar de Cora? Talvez o Rio Vermelho, a ponte, a casa, o beco. (p. 47).

Ainda em Tuan (2013), “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos” (p. 47). Ou Ferreira (2000), “O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade”. (p.4).

Tuan (2013) acrescenta que os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente (*insider*), e relações externas, próprias do turista (*outsider*). O lugar torna-se realidade, portanto, a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, de ser definido através de uma imagem precisa, limitada. Lugar se distingue deste modo, de espaço. Este "transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 2013. p. 14) adquirindo definição e significado.

O lugar de Cora, expresso em seus poemas construídos no decorrer de sua vida, apresenta a natureza em si como ponto fundamental de compreensão da vida. Cora soube como ninguém interagir com os elementos que fizeram parte do seu meio ambiente, demonstrando amor pelas aves, plantas, animais, o rio, a bica d'água, a escola, a igreja, o quintal, serras, lavadeiras, menino lenheiro, pobres, desamparados,

entre outros elementos que aparecem como reinantes na vida do indivíduo e da sociedade. Isto de acordo com Beltrame (2008) é uma nova concepção de natureza:

A nova concepção de natureza, que estou chamando de novo paradigma de natureza, deve proporcionar outra relação com o meio em que vivemos uma relação mais respeitosa, igualitária e acima de tudo humilde, de maneira que não somos o centro das coisas, mas simplesmente somos parte delas, interagindo com os elementos que a compõe. (p. 31).

Para lembrar Tuan (2012), quando se fala de natureza “fala-se de muitas coisas; De sapatos e navios e cola, De repolho e reis” – Natureza é “Os céus acima, a terra embaixo, e as águas sobre a terra” Isto é sentido de totalidade. (p. 187).

Cora Coralina em toda extensão de sua vida, esteve muito ligada aos lugares que pertenceu e às coisas que neles existiram. Nos poemas escritos pela poetisa há uma representatividade grandiosa destes. Na grande maioria, Coralina faz sua declaração de amor aos elementos da natureza. Amor este que demonstra uma relação de respeito, igualdade e humildade, simbolizando que o ser humano não é o centro das coisas, mas simplesmente fazemos parte da totalidade que o compõe.

1.2 - A Infância de Aninha.

Anna Lins dos Guimarães Peixoto (Aninha/ Cora Coralina) nasceu em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás³, antiga Villa Boa de Goyaz e capital do estado de Goiás até 1937, na Casa Velha da Ponte, às margens do Rio Vermelho.

³ A Província de Goiás foi descoberta por Bartolomeu Bueno, o filho, apelidado de Anhanguera. Bartolomeu também construiu uma casa à beira do Rio Vermelho que veio a constituir um núcleo de um arraial que recebeu o nome de Santana. O arraial de Santana logo adquiriu importância e as autoridades da região passaram a estabelecer residência naquela localidade. Em fevereiro de 1736, através de um decreto régio Santana foi elevada a vila. Porém, a região ainda estava subordinada ao Governador de São Paulo, D. Luíz de Mascarenhas, Conde de Sarzedas, que só permitiu que o decreto entrasse em vigor em julho de 1739, dando assim, à nova vila o nome de Vila Boa de Goiás em homenagem a Bartolomeu Bueno, seu fundador. Contudo, um decreto promulgado por D. João VI e datado de 18 de setembro de 1818 deu o título de cidade à capital da província vindo com isso, a ser chamada de Cidade de Goiás que foi capital da Capitania, da Província e, depois, do Estado, num período que vai de 1749 a 1937.

“Recebeu o nome em homenagem à padroeira da cidade Sant’Ana, promessa feita na expectativa de salvar o desembargador das doenças (gota e artrose), em estágio avançado, que o levaram à morte. Um mês e 25 dias após seu nascimento ficou órfã de pai”. (BRITO; SEDA 2009. p. 38). Neste poema Cora nos revela:

Meu pai se foi com sua toga de Juiz.
Nem sei quem lha vestiu.
Eu era tão pequena,
Mal nascida.
Ninguém me predizia – vida.

Nada lhe dei nas mãos.
Nem um beijo,
Uma oração, um triste ai.
Eu era tão pequena!...
E fiquei sempre pequenina na grande
Falta que me fez meu pai.
(CORALINA, 2013. p. 103).

Sua mãe viúva pela segunda vez, com as três filhas para criar, (Vicência do primeiro casamento, Helena e Anna Lins do segundo) ficou morando na Casa Velha da Ponte.

De acordo com Britto (2011), o nome da residência, eternizado em seus poemas e crônicas, se refere ao fato de a casa colonial ter sido construída na margem direita do Rio Vermelho, como se seus alicerces saíssem dele. A ponte da Lapa surge das paredes da Casa Velha estendendo-se até a outra margem, constitui uma das quatro que unem a cidade que é recortada ao meio pelo rio.

Cora Coralina assim descreve sua residência: “Casa da Ponte, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, levando tuas raízes profundas a cada cheia bravia, velha casa de tantos que se foram”. (CORALINA 1994. p. 11).

A Casa é símbolo do tempo, da raiz, da força que impede a ação da água em levá-la. Para Cora Coralina a resistência da Casa à força das águas, é também a sua resistência às intempéries que a vida lhe trouxe. E lembrando Machado de Assis no livro

“Relíquias da Casa Velha”⁴ assim diz: “uma casa tem as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou da felicidade que se perdeu”. (p.01).

Cora expõe em seus poemas a casa como lugar de tristeza e da felicidade. Seus sentimentos e lembranças da infância estão ali eternizados. A casa é o lugar do pertencimento e identidade. Parafraseando Assis: “Chama-lhe sua vida, sua casa”, sendo ela o registro de fatos históricos de Goiás que bem estudados tornam-se parte material da história de Goiás.

A cidade de Goiás era formada por uma sociedade conservadora composta por famílias que residiam nos largos e ruas principais, que elegeram os becos como locais dos segregados. Estes becos constituíram a principal fonte de inspiração de Cora Coralina, pois, de acordo com Alencastro (2003) seu “eu poético” se faz nos espaços, logradouros e detalhes que não foram reconhecidos como marcos tradicionais de Goiás. O que contrariou a visão do elitismo e da monumentalização.

Desta forma, Cora traduz o ambiente a partir dos lugares onde viviam os dominados distanciando da visão romântica da velha cidade dirigindo seu olhar para os espaços obscuros dos esquecidos.

Beco da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
[...]
Amo e canto com ternura
Todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras... [...]
(CORALINA, 2006, p. 92-94)

De acordo com Britto (2007) a escritora define o beco como um lugar que provoca evocações negativas: triste, ausente, sujo, sombrio, velho, pobre, úmido e escorregadio. Porém, o beco desperta o seu amor pelo que congrega de belo em meio à degradação e pela vida que contém: a que renasce e que busca sobreviver a despeito de sua fragilidade e das condições desfavoráveis. Também remete a um ambiente onde,

⁴ ASSIS Machado de. *Relíquias de Casa Velha*. Vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

apesar de reinarem a ausência e o abandono, era capaz de fornecer condições para que os burros-de-lenha executassem suas atividades.

Segundo Palacin (1989) os efeitos do 15 de novembro⁵ prenderam-se as questões políticas e administrativas. Porém, os fatores socioeconômicos e culturais não sofreram abalos e continuaram os mesmos: o liberto continuou sem ter para onde ir, entregue a toda sorte para o marginalismo social; as classes dominantes continuaram as mesmas; as grandes áreas de latifúndios improdutivas por povoar e explorar; a economia em decadência sem se pensar na modificação da estrutura de produção; agricultura e pecuária em grande deficiência; a população esquecida em suas necessidades e usada pelos políticos hábeis, que cada vez mais baixavam decretos em seu nome.

De acordo com Almeida (1999) esse patrimônio político em Goiás durante toda a primeira fase da República foi disputado por grupos familiares, Bulhões, Xavier de Almeida e Caiado, se caracterizando mesmo como um patrimônio familiar. A ascensão e queda destes grupos ao poder se dá em função de arranjos políticos regionais e das mudanças no poder a nível federal.

Com relação à economia goiana, Campos (2003) considera que a agropecuária é seu elemento principal. Pois, desde a decadência da mineração a criação de gado se tornou a principal atividade econômica. Segundo o autor essa era a alternativa viável para a região. O escoamento do gado para o mercado consumidor era mais fácil que outros produtos devido aos grandes problemas de transporte existentes naquela região. E de acordo com Campos, o gado era “um produto que por si se exportava”. O que superava o maior problema existente daquela época, o transporte.

A lavoura não tinha a importância econômica de que desfrutava a criação resumindo-se apenas a uns poucos produtos necessários ao consumo da população estadual. Assim, a economia de Goiás não se destacava no âmbito nacional, pois, apesar de o Estado não ter indústrias, também não possuía produtos agropecuários importantes para o mercado nacional. (CAMPOS, 2003, p. 33).

⁵Os primeiros anos de Goiás República, foram marcados de intensas lutas pelo poder político entre autoridades nomeadas pelo Governo provisório e políticos locais que ansiosos em participar das decisões políticas de seu Estado, agiam muitas vezes como donos daquilo que eles pensavam ser “patrimônio político” deles. Os Caiado apareceram no cenário político de Goiás já nos primeiros anos da república, como integrantes do “Centro Republicano”, nome pelo qual era conhecido o Partido Republicano de Goiás. Já na primeira eleição direta para a presidência do estado, em 1892, o “coronel” Antônio José Caiado, na condição de primeiro vice-presidente, com a renúncia do presidente, assume o cargo no lugar do então eleito, José Leopoldo de Bulhões.

Sobre a questão demográfica Campos destacou que a formação dos primeiros povoados urbanos se deram devido a procura e exploração de ouro. Com a decadência desta atividade econômica a população se viu obrigada a se estabelecer na zona rural dedicando-se às atividades agropastoris, pois, é esta atividade que a maioria da população ativa de Goiás encontra trabalho, originando-se na principal fonte de renda durante a Primeira República (CAMPOS, 2003, p. 36).

Na questão Geográfica e de Comunicação, Goiás sofria com sua localização. O Estado está de acordo com Campos numa situação de isolamento⁶ num país onde a economia é de exportação, mas que quando se volta para o exterior é quase sem mercado interno com a máxima dificuldade para comunicação e para o transporte, enfim, num país preocupado com a região mais desenvolvida, o litoral.

A ligação com o Centro-sul vai surgir com a ferrovia, que somente teve início na segunda década do século XX com a chegada dos primeiros quilômetros em Goiás. Sendo que quando havia estradas de rodagem eram precárias e na maioria das vezes cabia a particulares construí-las e explorá-las, visto que o poder público não dispunha de recursos para tal.

O autor ainda destaca que os chefes políticos goianos são os principais responsáveis não somente pelo “atraso” do Estado, visando não somente perder o controle do mesmo, quanto pelo não prolongamento da ferrovia, principalmente até Goiás. Esta seria na visão de Campos uma estratégia política engendrada e portal elite para manutenção do dito atraso. A não existência de meios de comunicação está relacionada com a deficitária situação das atividades econômicas, bem como, com a produção e até com o produto da economia, o gado (CAMPOS, 2003, p. 39-40).

Britto (2007) relata que, nos séculos XVIII e XIX, os principais meios de transporte utilizados em Goiás eram os animais cargueiros (burros e mulas), e o encarregado por conduzi-los era denominado tropeiro. As poucas estradas existentes no país eram transitadas por carros de boi, carruagens e, principalmente, por cargueiros. Com o advento das ferrovias e do transporte automotor, essas viagens de longa distância não mais se justificavam, e os tropeiros se resumiram ao cumprimento de funções consideradas domésticas ou aos pequenos serviços.

⁶Na República, a ideia de atraso ganhou uma dimensão mais política do que econômica. Para Chaul (2002), o estado seria o representante memorial desse atraso e a pecuária o meio para sair do marasmo provocado pela decadência da mineração.

Cora Coralina nos descreve esta situação em seu poema “O Longínquo Cantar do Carro”: [...] carregar o carro, jungir os bois, pegar na despensa da casa grande mantimento para a viagem - quatro dias ida e volta, receber a lista das encomendas. Levar bruacas de couro por cima do taboado com os presentes, [...] (CORALINA, 2013. p. 97)

Atividade essencialmente masculina foi por muitos anos fonte de renda de trabalhadores que vendiam nas cidades leite, verduras, cereais e feixes de lenha. Na cidade de Goiás, era comum o dito popular segundo o qual “quem não governa a lenha, não governa a casa que tenha”, delimitando o universo da mulher na sociedade e legitimando o acesso dos lenheiros às casas de “conceito”. (BRITTO, 2007).

Esses trabalhadores assumiram a função de estreitar os laços da cidade-vida, efetivando a ponte entre o mundo marginal e o mundo oficial. Os becos que, a princípio, foram criados apenas para encurtar as distâncias transformaram-se em locais para a circulação de serviçais e animais. E entre evocações negativas e declarações de amor, a autora identifica um primeiro personagem do beco:

Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a
sombra, No range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido,
que só se vê na minha cidade.
Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.
(CORALINA, 2006. p. 92/93)

O menino lenheiro circula pelo beco desenvolvendo sua atividade cotidiana, e a poetisa, ao descrevê-lo, denuncia as consequências do trabalho infantil em Goiás e no Brasil. Um dos trabalhos dos jovens e crianças no interior goiano foi o de lenheiro. Para aumentar a renda familiar, os meninos entregavam os feixes de lenha nas residências e, conforme descreve Cora Coralina, perdiam sua infância tornando-se seres indefinidos:

“forte para ser criança e pequenino para ser homem” desrespeitando assim o processo natural do desenvolvimento do ser humano. (BRITTO, 2007).

De acordo com Britto (2009), a mãe de Cora Coralina⁷ era viúva quando se casou com seu pai, um renomado desembargador da Província e já possuía sua primogênita que era Vicência (Sinhá).

Assim relata Coralina sobre seu pai:

Depois de tantas passagens por tantas comarcas como Juiz Municipal e de Direito, até uma certa comarca de nome Chique – chique, na Bahia, minha mãe contava, veio terminar sua carreira de magistrado neste longínquo estado de Goiás, isto em 1884. Aqui morreu. Deixou duas filhas – Helena e Anna. (...) Meu pai era solteiro e idoso veio para Goiás. Minha mãe viúva. Meu pai casou-se tarde (daí a filha sobrevivente nestes dias de 1965) (BRITTO, 2009. p. 36).

Cora Coralina nasceu um ano e três meses depois da abolição da escravatura, em 1889. De acordo com Tahan (2002, p. 11),

O decênio de 1880 é terrivelmente difícil. Os abolicionistas e os republicanos, em plena campanha, intranquilizando e pondo em sobressalto os senhores de terras e escravos; as leis proibindo a vinda de navios negreiros; a que favorece os sexagenários, livrando-os – esta contando com o apoio dos senhores escravagistas que não podiam ter mais o trabalho dos velhos nas lavouras, nos engenhos, agora encostados, apenas representando despesas; a lei do Ventre-Livre, a que os senhores foram completamente contra, e finalmente, a completa abolição da escravatura, em 1888. (TAHAN, 2002, p. 1)

Segundo Britto (2009), com a abolição dos escravos agravaram as crises financeiras e tornou-se insustentável administrar as imensas propriedades sem a

⁷Aninha era a terceira filha de Jacynta Luiza do Couto Brandão e segunda do casal Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto e Jacynta Luiza do Couto Brandão.

presença da mão de obra escrava. “Faltavam trabalhadores, as atividades entraram em decadência e a família, incapaz de reagir, começou a se endividar e a empobrecer”.

No poema: “O Carreiro Anselmo”, a poetisa conta como era o trabalho dos empregados nas fazendas, o respeito para com seus patrões e a dedicação com as lidas diárias.

“ Meu avô já velho, na Fazenda Paraíso,
tinha um carreiro de anos de serviço,
chamado Anselmo. Era ele que amansava os bois, lidava com o carro e o carretão, puxava e
topejava as toras e ajudava a rolar para a engrenagem da serra. Cuidava do curral. Nem
precisava chamar os bois. Abria a tronqueira, entrava, os bois iam atrás.
Na hora de ligar ao carro, a junta da frente se postava
parelha,
recebia a canga. Seguiam os bois do meio, punham-se no lugar, eram encangados, certos, aí
vinham os do coice. (...) (CORALINA, 2013. p. 100-102).

Em “Minha infância” (Freudiana), confidencia que desde seu nascimento teve que se tornar uma mulher forte e sobreviver às dificuldades ambientais e familiares.

(...)
Quando nasci, meu velho pai agonizava,
Logo após morria.
Cresci filha sem pai,
Secundária na turma das irmãs.
(CORALINA, 2006, p. 168)

Com Abolição da Escravatura ocorrido um ano antes, os avós e tios que moravam na fazenda, sem a mão de obra escrava e devido a vários empreendimentos ruins começaram a se endividar. Helena e Anna receberam apólices em que os juros eram percebidos semestralmente. Mas mesmo assim a família Couto Brandão estava em dificuldades financeiras. (BRITO, 2009, p. 40)

Cora Coralina ilustra as dificuldades financeiras que juntamente com sua família passou:

Entrava-se, decididamente, na linha da decadência econômica e financeira que alguns maus empreendimentos apressaram. Faltava dinheiro para tudo. Minha mãe se escondia, humilhada, mandava dizer que não estava em casa. Aos poucos foram saindo em penhores onerosos, donde nunca mais voltaram, joias, diamantes, coleção de antigas moedas de ouro, relógios Patek Filipe, livros valiosos de meu pai. (...) Vazia de seu melhor e valioso conteúdo, sobrou ainda, na casa e na família, não pouco orgulho e muita empáfia. (CORALINA, 1994. p. 84/85).

Segundo Bittar (2002), a escritora Ondina Albernaz relembra sua avó, D. Jacintha,⁸ mãe de Cora Coralina, dizendo que ela era uma mulher de temperamento forte e muito franca chegando até às raias da rudeza, porém era inteligente e de uma cultura avançada para a época. Mas, que, a partir dela, surge um tipo de mulher que se destacava no ambiente da família e fora dele: (...) Minha mãe era assinante do “Paiz”... (...) Acostumei a ler jornais com a leitura do “Paiz.” (...) Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos universais. (...) (CORALINA, 2013, p. 98)

D. Jacintha mantém intercâmbio comercial com grandes magazines franceses, dos quais recebe cosméticos, perfumaria, remédios e obras de arte. Da França, recebe também jornais e revistas. Desligada das lides domésticas é, no entanto, uma figura forte dentro de casa. Como a maioria das mulheres de seu tempo, D. Jacintha possui uma grande liderança, que exerce sobre os que moram sob seu teto. Quando sua filha Vicência fica viúva, jovem e com filhos pequenos para criar, leva-os todos para a Casa da Ponte, onde reside. Lá cozinha-se, costura-se, fazem-se quitandas, cigarros, o dinheiro aparece.

Apesar da luta diária pela manutenção da família D. Jacintha era mulher de conversa agradável discorria sobre os mais variados assuntos, especialmente sobre a Revolução Francesa e as ligações do Brasil com a Inglaterra. Participava dos acontecimentos políticos locais e, tão logo as feministas europeias conquistam o direito

⁸D. Jacintha lia espanhol e italiano e falava fluentemente francês. Intelectual, perde-se em intermináveis leituras e, até hoje, o fato de ter lido todos os livros da Biblioteca Pública de Goiás é sempre lembrado. Considerando-se as possibilidades da época, com as dificuldades de comunicação e atrasos do correio, está sempre bem informada, assinante que é dos jornais *O País*, *O Jornal e Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

ao voto, faz dessa reivindicação a sua bandeira em Goiás, segundo depoimento de suas netas.

D. Jacintha montou seu próprio negócio: uma tropa de burros que liga a cidade de Goiás até a ponta da estrada de ferro, em Araguari, Minas Gerais. Mal sucedida no empreendimento, perde muito dinheiro. Para manter-se, começa a vender suas jóias e, mais tarde, dedica-se à produção de cigarros de palha, que são cuidadosamente confeccionados (usa caramujos para alisar a palha), embalados e, em seguida, despachados para o Rio de Janeiro. (BITTAR, 2002, p. 145)

Assim, a vilaboense/matriarca da segunda metade do século XIX e início do XX, não se prende aos afazeres domésticos, mas consegue sua independência dentro e fora do lar.

De acordo Bittar (2002), o entrelaçamento de fatores econômicos, sociais, culturais e políticos, aliados ao isolamento, marca indelével da cidade de Goiás, estabelece - durante o século XIX e início do XX - uma problemática da qual emerge o destaque de um fragmento: a mulher no papel de matriarca.⁹

O excesso de figuras femininas no casarão somando a ausência de um filho homem fez com que Senhora passasse por uma série de dificuldades, visto que, não tinha um herdeiro que no futuro provesse a família:

Ao nascer frustré as esperanças de minha mãe,
Ela tinha já duas filhas, do primeiro e do segundo casamento.
Com meu Pai.
Decorreu sua gestação com a doença irreversível de meu Pai.
desenganado pelos médicos.
Era justo seu desejo de um filho homem
E essa contradição da minha presença se faz sentir agravada
com minha figura molenga, fontinelas abertas em todo
crânio. Retrato vivo do velho doente, diziam todos.
Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde
sempre. Venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha
mãe. (CORALINA, 2013, p. 114)

Foi no casarão da Ponte da Lapa que a família Couto Brandão viveu. Nessa casa Aninha nasceu e passou a infância entre seus cômodos e quintal, ao lado do Rio

⁹A palavra matriarca vem do latim - *mater* - e significa mãe. É considerada matriarca, a mulher/mãe que exerce autoridade preponderante na família.

Vermelho. Além da casa natal, a ponte interligava dois outros ambientes importantes em seus primeiros anos: a Igreja do Rosário e a Escola da Mestra Silvina. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 32).

A infância marcada por dificuldades, privações e amarguras é representada pela metáfora do vintém de cobre. (BRITO, 2009. p. 32).

Fui criança do tempo do cinquinho,
Do tempo do vintém.
Do antigo mandrião
de saias velha da vovó.
De cobertas de retalho,
de panos grosseiros encardidos,
remendados,
De velhos preconceitos
- orgulho e grandeza do passado.
Opulência. Posição social.
Sesmarias. Escravatura.
Caixas do lavrado.
(CORALINA, 2006. p. 46).

Cora Coralina teve uma infância marcada pelo desamor e carregou consigo as marcas da infância sofrida, como se fosse a pedra rejeitada da família. Não sem motivos, desenvolveu um complexo de inferioridade que resultou na imagem da menina inzoneira, mal amada e feia da Ponte da Lapa. (BRITO; SEDA, 2009, P. 41).

A poetisa relata essa infância marcada por dificuldades, privações e amarguras em muitos de seus poemas como em („Minha infância“, „Vintém de Cobre“, „Aquela gente antiga“, „Meu Vintém perdido“, „Menina mal amada“, „Criança“ etc) de seus livros Vintém de Cobre e Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais. (BRITO; SEDA, 2009, p.41).

Entretanto, segundo Ramon (2003, p. 83), “apesar da profundidade freudiana dessas marcas infantis, elabora seus complexos e se faz a partir deles. Seu divã de analista constrói sua eudade, que quis também, chamar de “freudiana”. Vitoriosa,” e canta: Não te deixes destruir...Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas. Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça (CORALINA, 2013, p. 148).

E em 1892, sua mãe Jacynha teve mais uma filha, Adda Maria Ribeiro, desta vez com o médico Antônio Ferreira Ribeiro da Silva, frustrando novamente as expectativas de um filho homem. (BRITO; SEDA, 2009, p.41)

Entretanto, de acordo com a certidão de nascimento de Adda Maria e com o testamento de Jacyntha, a união entre sua mãe e o médico, não existiu oficialmente. Tais informações explicam os motivos de Jacyntha continuar com o sobrenome do desembargador (pai de Cora Coralina) e o fato de a poesia de Anna Lins (Cora Coralina) não se referir à presença masculina na Casa da Ponte no período de sua infância e adolescência. Mas sim, deixando clara a evidência nessa época, da presença de nove mulheres no casarão.¹⁰ (BRITO; SEDA, 2009, p. 42).

Aninha sempre teve o exemplo de leitores assíduos, tanto sua mãe quanto seu pai eram grandes leitores. Jacyntha¹¹ apesar de não ter tido a oportunidade de adquirir uma formação superior, a exemplo de seus irmãos que estudaram na Bélgica e em Ouro Preto, adquiriu uma cultura avançada se compararmos com a de muitas mulheres de seu tempo. Também seu pai, era frequentador do Gabinete Literário Goiano, certamente influenciado por sua esposa. (BRITO; SEDA, 2009, p. 44)

Assim, Cora Coralina quando criança observou e relatou em um de seus contos: “Minha mãe desiludida, na sua dupla viuvez, vivia vida sedentária, passava os dias mergulhada na leitura do “Jornal do Comércio” e do “País” ou de grandes volumes encadernados do “Panorama” numa transferência ou evasão de suas frustrações de mulher. (...) Minha mãe lia a “História Universal” de Cesar Cantu em doze volumes”. (CORALINA, 1994, p. 82/84)

Aninha teve uma infância na Casa da Ponte, não recebia muitas visitas e a casa era um dos poucos lugares frequentados pelas crianças da família, além da igreja e da escola. Já que a rua era atração lúdica proibida, sendo vista apenas pelos vidros quebrados das vidraças juntamente com o rio. E segundo Brito e Seda (2009, p. 44) “O quintal, com seus muros divisórios entreabrindo jardins, horta, pomar e a biquinha de aroeira, constituía um oásis onde a pequena Anna Lins dava asas a sua imaginação: entrava em contato com a terra, brincava com as formigas, com os pássaros e plantas”:

¹⁰ As oito mulheres que Cora Coralina se referia era na verdade sua mãe, as três irmãs, as bisavós Vicência (vó Dindinha) e Antônia (mãe Yayá), a tia Nhorita e a ex-escrava Mãe Didi. (BRITO; SEDA, 2009, p. 42) ¹¹ Jacyntha Luíza do Couto Brandão Peixoto. Descendente de abastada família portuguesa, proprietária de sesmarias numa época em que ainda existia ouro em abundância no Brasil.

Sempre gostei de olhar carreirinha de formiga. Seus movimentos. Suas constâncias. Acho que aprendia muito com elas, que formiga muito ensina. Aquele vaivém continuado, aquele poder. Suas cargas pesadas, todas coletivas, intencionadas. Carregos de coisas misteriosas, fanicos, indistintos. Elas sábias, instruídas, sagazes. (...) O quintal era grande. Meu mundo. (...) Eu olhando, boba. Aprendendo, que formiga muito ensina. Mestras. (CORALINA, 2011, p. 37- 40).

Outros dois grandes refúgios de Aninha eram a igreja e a escola. Na igreja, segundo Brito e Seda (2009, p. 44), ela era sempre confortada por frei Germano e sempre estava presente às missas dos padres dominicanos da Igreja do Rosário. “No acervo do Museu de Cora Coralina existem pequenos catecismos, livros de oração e de História Sagrada que Cora Coralina conservou desde fins do século XIX. Em 1894, juntamente com suas irmãs, foi crismada na Capela do Seminário de Goiás pelo bispo ultramontano dom Eduardo:”

Na escola, Aninha iniciou aos cinco anos de idade conforme Brito e Seda (2009, p. 45 e 46), Mestra Silvina foi a única professora da poetisa, além de madrinha de Crisma foi também professora de sua mãe e embora, “já aposentada continuou lecionando para os filhos de suas ex-alunas em sua residência à Rua Direita, n. 13, atual Moretti Foggia. Não se sabe ao certo se Aninha cursou dois ou três anos da escola primária”. Foi ela, mestra Silvina, quem teve a paciência para apresentar o mundo da leitura e da escrita àquela menina que ninguém acreditava que pudesse aprender a ler.

Na escola da mestra Silvina,¹² “Aninha estudava em dois períodos, das 8 as 11 e das 13 às 16 horas, na escola onde não existia recreio, férias, exames e merenda, mas em que palmatória sempre comparecia”, como registra no poema “A escola da Mestra Silvina” (BRITO; SEDA, 2009, p. 46).

Com a escola um novo mundo abriu-se para Aninha que, assim como fez sua mãe, começou a driblar as frustrações utilizando a leitura:

¹²Em seu poema “A escola da Mestra Silvina”, Cora Coralina descreveu o cotidiano da escola e relembra seus colegas de classe. Dentre eles estão, sua irmã Helena e os irmãos Vítor e Hugo de Carvalho Ramos que, no futuro, seriam também grandes escritores, o último, autor da tão aclamada *Tropas e boiadas*. (BRITTO; SEDA, 2009).

Autodidata, construiu uma vida inteira dedicada à escrita e para demonstrar sua gratidão à sua mestra Cora Coralina fez referência a ela em muitos de seus poemas e entrevistas. Dedicou seu livro *Vintém de cobre* à memória da sua mestra que era cinquenta anos mais velha que ela: “À memória da minha grande mestra, Silvina Ermelinda Xavier de Brito – Mestra Silvina – ofereço este livro. (...) Minha mestra, meus colegas... tão poucos restam. Revivo a velha escola e agradeço, alma de joelhos, o que esta escola me deu, o que dela recebi. A ela ofereço meus livros e noites festivas, meu nome literário”. (CORALINA, 2013, p. 17-18)

Certamente que se sua velha mestra tivesse vivido para acompanhar a trajetória de vida da aluna do banco das mais atrasadas, teria muito orgulho de sua discípula que agigantou o nome de sua terra para outros lugares muito além dos Reinos de Goiás (BRITO; SEDA, 2009, p. 47).

Entretanto, conforme Britto e Seda (2009, p. 51), os estudos de Aninha ficaram comprometidos por causa do casamento em 1900 de sua irmã mais velha, Vicência (Sinhá) com seu primo comerciante Joaquim Jacintho da Cunha Bastos (filho de Vicência do Couto Brandão Bastos e Francisco da Cunha Bastos).

Como não possuía nenhum filho homem Jacyntha arquitetou o casamento a fim de promover a ascensão social da família. Porém, o jovem pretendente atravessava uma crise financeira e teve que se aventurar no comércio de mercadorias na Região do Araguaia e na febre da borracha em Belém, cidade onde faleceu em 23 de março de 1908.

Com o casamento da filha, Jacyntha sua mãe ficou bastante endividada na cidade, aumentando ainda mais suas dificuldades financeiras.

Segundo Brito e Seda (2009, p. 51), “Não só a viuvez, Mas o casamento de sua irmã Vicência impactou sobremaneira os destinos de Aninha”.

Diante das dificuldades financeiras, Jacyntha mudou-se com as filhas para a fazenda onde morava seu pai. E aos 11 anos de idade Cora Coralina passou a residir na fazenda de seus avós juntamente com sua família, deixando para trás a Casa Velha da Ponte.

Segundo Brito e Seda (2009, p. 92) a Fazenda foi “um oásis que embalou os sonhos de infância e adolescência da Jovem Aninha”. E se as lembranças que Aninha possuíam de sua cidade e de sua casa-natal remetessem a um cotidiano de preconceitos, dores e limitações que marcaram os primeiros anos de sua vida, sua relação com o meio

rural ao contrário, possuiu importância crucial para a visualização de descobertas, alegrias e sonhos.

No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,
(...) era certa e esperada aquela comunicação anual.
A volta dos casais de João-de-Barro,
Para levantar suas casinhas novas
Nos galhos do grande jenipapeiro.

(...) enquanto as andorinhas esvoaçavam aninhadas
Nos beirais do velho casarão.
(...) Tínhamos ali o nosso Universo. Vivia-se na Paz de Deus.
Eram essas coisas na Fazenda Paraíso.
(CORALINA, 2013, p. 87- 91)

E como transparece em alguns poemas e crônicas, foram muitos os momentos felizes que marcaram as relações familiares do dia-a-dia de Aninha e a maioria destes momentos foram vivenciados na secular fazenda da família. (BRITO; SEDA, 2009, p. 49).

Ao mudar para a fazenda da família Aninha entrou em contato com a vida na gleba e com uma prática que acompanharia por toda sua vida literária, a contação de histórias. Foi justamente nessa época que começou a aparecer um fio narrativo que, no futuro, caracterizaria grande parte de seus poemas evidenciando assim, uma atitude épica por meio da expressão “Quando eu era menina” e de uma poesia confessional em “Minha bisavó contava”. Este convívio certamente contribuiu nas suas escolhas e no desenvolvimento das suas escritas para narrar poeticamente suas estórias. (BRITO; SEDA, 2009, p. 51).

Segundo Melo (2011), longe da escola e isolada da cidade, Aninha intensificou a sua atenção à leitura e descobriu o “sabor” e o “valor” das palavras.¹³ “A escola primária já tinha aberto para mim as portas da leitura e da escrita”, declara Cora Coralina (1994, p.79).

¹³ Os indícios deixados por Cora Coralina em *Vintém de Cobre* mostram que, desde criança, mesmo longe da escola, ela lia muito e de tudo que lhe aparecia. Seu comportamento era próprio daquele leitor autodidata. E, assim, a leitura se tornou uma “paixão” para a menina.

Sua mãe, no seu dia a dia, passava horas lendo. Seu único luxo diante da pobreza que assolara a família. E Aninha que assistia a essas cenas de entrega ao escrito, tomou conhecimento da dimensão do ato de ler e do livro e tendeu a querer “imitar” a mãe, num processo de identificação. Este fato em paralelo ao desejo de se superar em relação ao saber a impulsionavam a investir na direção de maior proximidade com a cultura, mesmo fora da escola formal.

Embora lhe fosse dado acesso a revistas, jornais e livros, *nenhuma palavra de apoio, nenhum elogio* era dispensado por parte da família na direção de seu crescimento cultural. Pelo contrário, *censuravam*. Em certo momento, parece até contraditório que esse incentivo lhe seja negado, pois o seu cotidiano era numa família em que o ato da leitura era frequente, sendo a mãe um exemplo de leitora. Mas as pistas em *Vintém de Cobre* apontam para essa falta de credibilidade e repúdio da família:

Sempre sozinha crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina. Escola difícil. Dificuldade de aprender. Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente. Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada. Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina... Alguém escreve pra ela... Luís do Couto, o primo. Assim fui rejeitada, até a saída de Luís do Couto para São José do Duro, Muito longe, divisa com a Bahia.

(CORALINA, 2013, p. 115-116)

Sendo Anna Lins prima do poeta Luís do Couto, o qual estava em ascensão no círculo literário goiano, na década de 1900-1910, os préstimos eram delegados a ele. Mas, nem assim, ela desistiu e continuou em suas investidas literárias, a busca por leituras era incessante, mesmo diante da falta de estímulos da família.

O silêncio que pairava na fazenda Paraíso, situada do outro lado da Serra Dourada, passara então a embalar os sonhos da menina moça. E, nessa pacata vida do campo, Aninha dedicou muito do seu tempo às leituras, na sua peregrinação de leitora autodidata, Aninha começou a busca por leituras dos romances e jornais que vinham da cidade, ela também recorria a meios informais de leitura. Aqui, o destaque para “folhinha Garniê”.¹⁴

¹⁴Modo popular de pronunciar o nome do Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914).

Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de
fora, Logo a pecha da sabichona, D. Grámatica, pernóstica,
exibida. [...]

E agente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas
Leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico.
(CORALINA, 2013, p. 127)

Esse tipo de impresso, mesmo reconhecido pela tradição como gênero de impresso popular, que chegou ao Brasil para conquistar novos leitores, numa moderna estratégia de mercado, era mais uma opção de leitura nada trivial, visto que também difundia ideias e valores entre um público leitor que convivía com a recém-proclamada República.

Mesmo essas leituras “bastardas”, desautorizadas, como as leituras da folhinha “Garniê” e dos calendários, ocupavam um lugar importante para Aninha, Cora, pois estas também faziam parte do que ela dispunha de consumo cultural e de meios para se inteirar sobre o que passava pelo mundo, uma vez que estava distante da cidade, e assim se manter atualizada sobre as atividades sociais e intelectuais como festas, eventos e informações mais voltadas para a leitura de instrução e entretenimento, novos lançamentos, biografias, trechos de poesia e ficção, sátiras, máximas, enfim, notícias ligadas à cultura. O acesso a esses objetos culturais, que também eram agentes sociais, certamente concediam uma noção de prestígio, uma espécie de distintivo cultural para a menina do banco das atrasadas da escola da mestra Silvina.

A reclusão no campo transformou-se em exploração sistemática de tudo que lhe era possível consumir, em matéria de leitura, tudo aquilo que se oferecia ao seu desejo de conhecer, enfim, que saciavam a sua curiosidade autodidata. A serenidade e a liberdade do convívio com o campo, dos onze aos dezessete anos de idade, não concediam à jovem Aninha apenas tempo para as leituras, mais do que isso, permitiram brotar a inspiração para a escrita, e ela produz os seus primeiros escritos: o conto “O canto da Inhuma”, datado de 23/10/1909.

O impacto das suas leituras em romances e outros escritos, em cotejo com as leituras dos jornais, a levou ao encontro com a memória e a cultura e ao esboço de sua leitura de mundo. Nesse trecho do conto acima citado, podemos ver sinais da sua audácia:

Qualquer pessoa que tenha vivido algum tempo no campo, ou melhor direi, na proximidade das mattas, conhece, sem duvida, a inhuma e o seu canto extraordinário, incompreensível, único na espécie. O que mais accentua a particularidade desse pássaro é reunirem-se em bando de cinco a sete, formando uma verdadeira orchestra de ritmo impecavel e com a competente variedade de instrumentos.

[...]

E num momento, ouvindo as inhumas trinarem orchestralmente nas cordas retezadas da viola fiquei desorientada, sem atnar se tinha na minha frente um sertanejo rude, analphabeto, ou se um artista consagrado. Weber compondo a sua magnífica peça “Passarinhos no Bosque” [...]. (CORA CORALINA, 1909).

Nesse texto, a autora registra fatos que identificam a fazenda Paraíso como fonte da sua inspiração, reforçando assim que, mesmo morando no campo e sem escola, o seu processo de constituição leitora continuava em andamento. Assim, aos onze anos de idade, morando na fazenda, Aninha escreveu seu primeiro conto, revelando que já possuía certa leitura de mundo e domínio da arte da escrita, ao usar a imagem do homem sertanejo como metáfora para se referir à ave Inhuma, típica do cerrado goiano, e fazer comparações sobre a importância e beleza do canto dessa ave à melodia da música de Weber e concluir celebrando a música seja do sertanejo analfabeto e sua viola, seja a do pássaro, seja a do violino erudito musicista.

Segundo Britto e Seda (2009), Cora Coralina começou escrevendo em prosa num período em que, o gênero que estava em evidência era a poesia. E com exceção de Cora, todos os integrantes do considerado terceiro período da literatura goiana eram poetas: Joaquim Bonifácio, Luis do Couto, Ricardo Paranhos, Sebastião Rios, Arlindo Costa, Rodolfo Marques, Gastão de Deus, Josias Santana e Leodegária de Jesus.

Nas leituras que agora fazia, sem o receio de punições, envolvida na aventura de novas aprendizagens e sem o compromisso de levar um resultado para casa, aliadas ao desejo que habitava na jovem, impulsionavam-na cada vez mais a penetrar na leitura de “grandes nomes”. Sem se preocupar com os “[...] princípios goianos, de que moça que

lia romance e declamava Almeida Garrett ¹⁵ não dava boa dona de casa” (CORALINA, 2013, p. 44).

Cora Coralina define suas escolhas de leitura como uma leitora exigente e mais amadurecida. Como se pode conferir, o “requinte” por boas leituras fazia parte de suas escolhas.

Segundo Britto e Seda (2009), ao mudar para a fazenda aos onze anos de idade, Aninha apesar de estar longe da escola e isolada da cidade intensificou suas leituras em sua peregrinação de leitora autodidata. A fazenda também representou para Cora Coralina uma fonte de inspiração, fazendo brotar os ideais de escrita, visto que, foi na Fazenda Paraíso que ela produziu seus primeiros escritos. Seu contato direto com a natureza ela nos descreve em seu poema: “Na Fazenda Paraíso”. Cora assim nos relata:

Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias
da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó

Antônia,

que todos diziam Mãe Yayá, minha velha tia Bárbara,
que era tia Nhá-Bá.

[...]

Tinha a sua horta, canteiros de couve e cebolina verde,
salsa, hortelã e ervas santas, milagrosas, de curar.
Pimentas não faltavam, mostarda e sarralhas,
tomatinho por todos os lados.

Rodeando o cercado, plantas de fumo, suas flores
rosadas, rejeitadas das abelhas.

Suas roseiras, jasmineiros, cravos e cravinas, escumilhas,
onde beija-flores faziam seus ninhos delicados
e pingentes de outros ninhos, de um passarinho amarelo
sem mérito cantor,

engraçadinho piador – o caga sebo.

[...]

(CORALINA, 2013, p. 56/57).

Cora eterniza este seu amor pelo lugar de sua infância por meio de sua memória que é registrada em muitos de seus poemas. É este lugar que teve grandes significações na formação de sua identidade como indivíduo e membro de uma comunidade que a

¹⁵Almeida Garrett foi um importante representante do romantismo português que deixou obras, consideradas “primas” pelo cânone vigente, tanto na poesia, no teatro, como na prosa, inovando a escrita e a poética do século XIX, em cada um destes gêneros literários, que eram, poesia, teatro e prosa.

poetisa revela através desta escrita memorialística retratando não somente sua vida, mas a vida de todo um povo.

1.3 – A Adolescência na vida da poetisa.

De acordo com Melo (2011), a menina Aninha morou na fazenda o período de cinco anos, ou seja, dos onze anos de idade aos dezesseis. E Durante os cinco anos em que morou na fazenda, ela também manteve contatos com intelectuais e escritores, seus contemporâneos,¹⁶ através de quem recebia romances e encaminhava seus escritos numa tentativa de publicação. Essa possibilidade de intercâmbios enriqueceu a formação de Aninha, levando-a a se relacionar com pessoas influentes, o que contribuiu para a ampliação dos seus horizontes e, assim, a menina um dia “obtusa” ensaiava sair do casulo. Seus primeiros escritos, conforme ela registra em *Vintém de Cobre* (p.82), “[...] foram publicados no suplemento desse jornal [O Paiz]”.

Aninha, então aos dezessete anos volta à Cidade de Goiás e assume o pseudônimo de Cora Coralina. Em entrevista à TVE, para o *Especial Literatura*, Cora diz:

Quando eu comecei a escrever, por muita vaidade e ignorância, nesta cidade havia muita Ana. Sant“Ana é a padroeira daqui. E quando nascia uma menina davam-lhe logo o nome de Ana. Nascia outra, era Ana. De modo que a cidade era cheia de Ana, Aninha, Niquita, Niquinha, Nicota, Doca, Doquinha, Doquita, tudo isso era Ana. Você ia procurar saber, era Ana. Então eu tinha medo que a minha glória literária fosse atribuída à outra Ana mais bonita do que eu. Então procurei um nome que não tivesse xará. Olhei pela cidade, corri as minhas recordações, indaguei como chamava tal moça, assim, filha de fulano... não achei nenhuma Cora. Aí optei por Cora. Depois Cora só era pouco, achei

¹⁶Carlos de Laet (1847-1927), jornalista, professor e poeta, carioca do Rio de Janeiro, RJ. Convidado para a última sessão preparatória da instalação da Academia, em 1897, foi o fundador da cadeira 32. Arthur Azevedo (1855-1908), jornalista, poeta, contista e teatrólogo, maranhense de São Luís.. Foi um dos fundadores da ABL, na qual criou a cadeira 29. Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), carioca do Rio de Janeiro. Sua produção literária abrange mais de 40 volumes entre romances, contos, literatura infantil, teatro, jornalismo, crônicas e obras didáticas. Carmem Dolores (1852-1910), nome literário de Emília Moncorvo Bandeira de Melo. Jornalista, romancista, contista e dramaturga, tendo-se dedicado também à crítica e à poesia.

Coralina e aí juntei Cora Coralina e passei a me identificar por Cora Coralina. (Vídeo da TVE, n.14, 29 jan. 1985).

Apesar de muito jovem, Cora encara com determinação os desdobramentos dessa escolha de vida, a despeito de seus poucos recursos financeiros, da falta de incentivo de sua família, de sua timidez e do espaço ainda quase invisível da escrita feminina. Para contornar essas primeiras dificuldades, ela se infiltra nos espaços destinados às práticas de leituras, frequentados por intelectuais, e nos quais a presença masculina predominava. A sociedade goiana dessa época ainda trazia resquícios da cultura dos séculos anteriores, de uma sociedade patriarcal.¹⁷ Conforme escreve Lajolo (2003, p.263), a mulher dessa época “pode, agora, receber instrução e trabalhar, mas seu universo ainda é o da família, da casa e do marido, ao qual cabe dedicar-se”.

Segundo Mello(2011), justo neste período, a escrita de autoria feminina dava indícios de ascensão, já era difundida com maior frequência nos periódicos de grande circulação, como os jornais *Goyaz* e *A Imprensa*, e a cidade de Goiás vivia uma fase de intensa reestruturação cultural com uma considerável produção literária, sobretudo no campo da poesia e do jornalismo, a exemplo dos primeiros contos de autores goianos, entre eles, os de Cora Coralina.

A despeito de as dificuldades de publicação serem grandes, alguns autores goianos publicaram suas obras.¹⁸ A ascensão cultural goiana se intensificava, sobretudo, com a criação de importantes instituições, como a Academia de Direito em 1903, a Academia de Letras em 1904, esta, segundo Britto e Seda (2009), composta de doze cadeiras, sendo uma delas ocupada por uma mulher, a escritora Eurídice Natal, e o Grêmio Literário Goiano, em 1906.

Nos espaços destinados às práticas de leituras era comum acontecerem os serões e eventos frequentados por intelectuais da sociedade local. E Cora Coralina também participava ativamente desses encontros.

¹⁷ A educação feminina visava, principalmente, preparar a mulher para o exercício do seu papel de esposa, educadora dos filhos e dona de casa. No máximo, poderia escolher profissões apropriadas à mulher, como professora, modista ou, para as mais arrojadas, enfermeira.

¹⁸ Henrique Silva, *Poetas goianos* (1901); Joaquim Bonifácio, *Alvoradas* (1902); Luis do Couto, *Violetas* (1904); Gastão de Deus, *Agapantos* (1905); Félix Bulhões, *Poesias* (1906); Leodegária de Jesus, *Coroa de Lírios* (1906) e Arlindo Costa, *Lírios do vale* (1907), entre outros autores (BRITTO; SEDA, 2009, p.70).

Esses encontros do Clube Literário Goiano a aproximou cada vez mais do mundo das Letras e o jornal foi o canal que ela escolheu para divulgar seus escritos. Na época, a escrita predominante era a poesia. Cora Coralina, curiosamente, escrevia em prosa e nem por isso deixou de ser reconhecida.

Clovis Britto e Rita Seda (2009) encontraram no Jornal *Goyaz* (Acervo do Gabinete Literário Goiano, Goiás-GO), na secção “Letras”, escritos de Cora Coralina publicados no período de 1907 a 1910. Ela também colaborava com o Jornal *A Imprensa*, onde mantinha uma secção chamada “Chroniqueta”. Nesses espaços, escrevia sobre assuntos variados, mas predominavam os temas relacionados ao romance e à natureza, o que também despertaria a atenção do crescente público leitor feminino. Quantas jovens e até mesmo mulheres já mães de família não se teriam identificado com sua escrita? Temas como o amor e as virtudes eram tratados por Cora com uma propriedade de sentimentos que poderiam causar identificação com o público feminino.

A escrita de Cora Coralina refletia algumas percepções elaboradas a partir do discurso sobre a “quase necessidade” de que a mulher tinha de se casar. Acreditava na vocação feminina para o casamento, embora se entregasse cada vez mais à atividade literária. Nessa época, o conjunto de seus escritos revelava acentuado teor romântico, deixando visível o seu desejo de concretizar o casamento e constituir família.

Não abrindo mão de leituras consideradas “mais refinadas” e integrada nos espaços culturais que passara a frequentar, desvelava-se cada vez mais uma jovem com forte inclinação para a literatura. Essa preferência é assumida contra tudo e todos ganhando espaço Cora Coralina. Entretanto, a família continuava omissa em relação ao caminho escolhido pela jovem, sem acreditarem no seu potencial:

Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
Ele nomeado Juiz de Direito.

Vamos ver, agora, como faz a Coralina...

Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,
alto lá! Francesa.

Passei a ser detraquê, devo dizer, isto na família.

A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.

Somente minha bisavó e tia Nhorita. (CORALINA, 2013, p. 116)

Segundo Melo (2011), mesmo Cora já tendo publicado alguns escritos, a família não dava crédito aos seus méritos, relegando-a sempre ao lugar de incapaz. No entanto, ela não se deixava levar por esse juízo, rebelando-se e lutando pelos seus objetivos, bem visíveis em passagens de *Vintém de Cobre*. Os jornais que na época circulavam na Cidade de Goiás, revelam uma Cora Coralina ainda adolescente, com apenas dezoito anos de idade incompletos, desprovida de qualquer aparência “bizarra”, em plena atividade literária e reconhecida pela crítica local, como mostra este fragmento publicado no Jornal *A República*, em 1907:

Acharam-se presentes muitos cavalheiros membros das diversas classes sociais e mui ilustres senhoras e senhoritas formando um auditório respeitável. [...]

O senhor presidente concedeu a palavra gentilíssima e inteligente a senhora Ana Peixoto [Cora Coralina] [...]

Após pequena pausa a ilustrada conferencista desenvolveu incomparável e admiravelmente o delicado tema escolhido dissertando com belíssima eloquência sobre o amor.[...]

Senhora de si, falando pausadamente num tom majestoso de solenidade, ela procedia a leitura de seu discurso com maior segurança de bom efeito causado no auditório. Lia encantadoramente **as suas peças trabalhadas com esmero no silêncio do Gabinete** e juntando-se a isto **a sua figura atraente realçada pelos tons suaves de seu trato correto** terminou o seu importante trabalho de modo admirável para nós e todos os assistentes. [...]. (THEODORO, 1907, p. 3).

Nesse texto, Domingos Theodoro faz alusão a uma conferência literária do Grêmio Literário Goiano, proferida em um dos salões do palacete da Sra. Virgínia Vieira, pessoa da elite goiana.

No poema “Velho sobrado”, em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (2006, p.85), Cora Coralina faz alusão a essa senhora, escrevendo: “Quem esquece?/[...]/ D. Virgínia Vieira/ – grande dama de outros tempos./ Flor de distinção e nobreza/ na heráldica da cidade.”

Essa conferência, intitulada “Dissertação sobre o amor”, foi proferida no dia 20 de julho de 1907 e publicada no jornal *A Imprensa*, n.159, de 24 de julho do mesmo

ano. Nessa data, ela estava com dezessete anos de idade e já demonstrava maturidade intelectual, prova dos seus investimentos solitários, desde que deixara a escola, ainda criança.

Esse mesmo texto de Theodoro também sinaliza um dado importante para a carreira de Cora Coralina: “[...] estando findo o mandato da diretoria, procedeu-se nova eleição sendo eleito presidente: Leodegária de Jesus, Vice-Presidente: Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina), [...].Goiás, 25 de julho de 1907. Domingos Theodoro”. (Cf. *Jornal A República*, Goiás, n. 126, p.3, 27 jul. 1907. Acervo do Gabinete Literário Goiano). Na Goiás dessa época, a presença feminina despontava no meio cultural, visto que a diretoria do Grêmio Literário Goiano, anterior a esta, também era composta por mulheres: Lambertina Póvoa e Alice Sant’Ana.

Com o reconhecimento do seu talento Cora Coralina, logo ocupa outros espaços culturais goianos. E, de acordo com Nelly Alves Almeida (2002), em 1908, ela se torna redatora do *Jornal A Rosa*.¹⁹

Era notório o reconhecimento ao talento de Cora Coralina e, como consequência, teve o seu nome escolhido para escrever uma crítica ao livro *Lilazes*, do reconhecido escritor Luís do Couto, seu primo. Essa crítica foi publicada no *Jornal Goyaz*, edição de 5 de julho de 1909, sob o título “Primeira Impressão”. Nesse texto, Cora Coralina comenta sobre a obra, mostrando-se desenvolta ao tratar de poesia, uma vez que, nessa época, como já destacado, ela só escrevia em prosa. E escreve sobre *Lilazes*:

A escola clássica do sentimentalismo, muito mais piegas que lyrico e horrivelmente abusada, degenerou-se, vai desaparecendo da Literatura moderna. Hoje, o sentimento é secundário; a arte é essencial. A tua Dor, litterária ou real, nenhum interesse desperta-se enquadrada numas rimas frouxas e feias, assim nenhum dos teus sentimentos ainda os mais elevados. Porém, rendilhe a mais banal das tuas ideias, imprimindo-lhe o cunho estético da Arte, vista-lhe a malha de seda da Forma, e a consagração não se fará esperar.

A feição da Poesia actual é pueril. Cora Coralina (*Jornal Goyaz*, 5 jul. 1909).²⁰

¹⁹Um jornal feminino dedicado à poesia. O *Jornal A Rosa*, “era impresso em papel cor de rosa e seus dirigentes ofereciam bailes, a que as moças deviam comparecer vestidas de cor de rosa e só se podia falar em francês” (Cf. BRITTO; SEDA, 2009, p.72).

²⁰Acervo do Gabinete Literário Goiano.

Esse conhecimento sobre a poesia era resultado dos seus investimentos pessoais. Além de *Vintém de Cobre*, outras fontes também apontam para o incessante envolvimento da jovem com a vida literária. No *Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*, de 1910, o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo não apenas elege o conto de autoria de Cora Coralina “Tragédia na Roça”, para publicação, como tece comentários elogiosos sobre a escritora:

Cora Coralina, (Anna Lins Dos Guimarães Peixoto), é um dos maiores talentos que possui Goyaz; é um temperamento de verdadeiro artista. **Não cultiva o verso, mas conta na prosa animada** tudo que o mundo tem de bom, numa linguagem fácil harmoniosa, ao mesmo tempo elegante. É a maior escriptora do nosso Estado, apesar de não contar ainda 20 anos de idade. (AZEVEDO, 1910, p. 209).

Em Melo (2011), o escrito mais antigo localizado foi “O canto da Inhuma”, datado de 14 de outubro de 1900 e publicado no Jornal *Goyaz* em 1910, o que não inviabiliza a existência de algum escrito anterior a este. Da fase em que Cora já se encontrava inserida no meio literário goiano, o escrito mais antigo foi localizado no Jornal *A Imprensa*, n.159, de 24 de julho de 1907, com a publicação “Dissertação sobre o Amor”. No entanto, Britto e Seda (2009, p.76) aponta um texto ainda mais antigo, sem título, relatando sobre o espiritismo, datado de 31/12/1905 e publicado no Jornal *Tribuna Espírita*, do Rio de Janeiro em 15/02/1909.

De acordo com Britto e Seda (2009) a primeira década do século XX se sobressai das demais com relação à efervescência na vida literária desta poetisa. A sua presença nas grandes solenidades da sua cidade era sempre requisitada. O Jornal *Goyaz*, de 25 de março de 1911, confirma tal distinção, ao trazer comentários a respeito da escritora por ocasião de uma homenagem aos 25 anos de falecimento do poeta Félix de Bulhões. Como escritora prestigiada pelos colegas de profissão, foi escolhida para proferir o discurso dessa solenidade. Optou por uma linguagem moderada, “modéstia

afetada”, num discurso que agradou ao ponto de angariar elogios do Jornal *Goyaz*, na edição do dia 1º de maio de 1911:

No cemitério, o trânsito pelos passeios que contornam as catatumbas, até dar acesso ao jazido de Antônio Félix, era difícil. Ali uma multidão avaliada em mais de 400 pessoas, entre cavalheiros, senhoras, senhoritas e crianças, aguardava o discurso, que se sabia à altura do momento solene, da talentosa e festejada escritora senhorita **CORA CORALINA nome que já se impôs no nosso meio literário como a uma CARMEM DOLORES** dentre o mundo feminino. (Jornal *Goyaz*, 01/04/1911, p.1).

Além dos elogios, o texto do jornal a compara com Carmem Dolores,²¹ que tinha repertório lido por Cora Coralina, conforme ela declara no poema “O longínquo cantar do carro de boi”.

Movida pelo desejo, Cora Coralina soube articular o seu veio literário e abriu-se para novas experiências culturais e também existenciais. E como qualquer jovem daquela época, sonhava também com o “príncipe encantado”.

Como jovem sonhadora e romântica, é chegada a hora de nova descoberta: o “príncipe” dos livros de contos, com os quais ela se identificava quando criança toma forma humana e Cora sente o sabor da “paixão”. Em 1908, ela conhece Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas.²² Intelectual respeitado, o chefe de Polícia participava ativamente da vida literária da cidade e também era associado do Gabinete Literário Goiano onde, provavelmente, teria conhecido Cora Coralina e se curvado aos seus encantos.

A família da escritora, no entanto, não aprovava o romance, pois o advogado, embora já estivesse, há algum tempo, separado do seu primeiro casamento, não era um homem livre, digno de uma senhorita “de família”. Mas, em nome do sentimento que os unia, mantiveram o relacionamento, e, principalmente por serem figuras conhecidas e

²¹ Autora do romance *A Luta*, de contos, como “Um drama na roça”, “Gradações” e “Almas complexas” e de crônicas jornalísticas, várias das quais reunidas em *Ao esvoaçar da ideia*,

²² Advogado, jornalista e chefe de Polícia do Estado de Goiás, recém-chegado à cidade.

respeitadas na vida cultural goiana, sofreram o preconceito inerente a uma sociedade tradicional e conservadora. (BRITTO, SEDA, 2009).

1.4 - Idade Adulta e o amadurecimento.

Segundo Tahan (2002), Coralina, apesar da não aprovação da família, continuou se encontrando com Cantídio. A mãe de Cora, então, quando toma conhecimento da gravidez da filha, planeja mandá-la para a Fazenda, a fim de que, Coralina tivesse seu filho às escondidas e longe da sociedade, pois, esta a condenaria por estar grávida de um homem mais velho 44 anos de idade, casado, com filhos no estado de São Paulo e uma filha mestiça, fruto de um relacionamento com uma índia, descendente dos índios Gajajaras em Itaberaí – Goiás.

Tahan (2002, p. 83), assim relata sobre a situação de Coralina: “Casos como o de Aninha, às vezes, acontecem. A cidade não poupa ninguém, não aceita, não esquece. Uma moça que caia na desgraça, pouco falta para ser caluniada e, não há dúvida, é rejeitada, é repudiada, as amigas fogem “como o diabo da cruz”. Um hanseniano talvez não seja tão evitado quanto uma jovem desonrada”

Segundo Tahan (2002), com uma carreira promissora à sua frente, a escritora e jornalista se viram diante de um conflito. E contrariando a todos, Cora e Cantídio, com ajuda de Maria Grampinho²³, trocaram bilhetes e fugiram na madrugada do dia 25 de novembro de 1911, para o Estado de São Paulo em uma comitiva de mulas e cavalos, meio de transporte utilizado na época. Cora, não fugiu do amor que sentia e foi por ele que decidiu seguir seus anseios. Desta forma nos relata em seu conto, “Casa Velha da Ponte”: ...Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. Andei por mundos ignotos e cavalei o corcel branco dos sonhos. [...] (CORALINA, 1994, p. 11)

De acordo com Brito e Seda (2009), apesar das dificuldades, o casamento com Cantídio teve importância fundamental na vida de Cora Coralina, não apenas por ter sido esposo e o pai de seus filhos, mas por ter sido ele quem descortinou São Paulo para a moça do interior. Cora com ele recomeçou um novo caminho e uma nova vida.

²³ Maria da Puificação, andarilha, negra, pobre, dormia todas as noites no quintal da Casa Velha da Ponte. Pelo costume de vestir várias saias e colocar muitos grampos no cabelo foi acunhada de Maria Sete Saias e de Maria Grampinho. (Britto, 2009, p. 354/355)

Em Mello (2011), no dia 25 de novembro de 1911, a Cidade de Goiás acorda sem a sua “ilustre” escritora. Uma partida sofrida, incompreendida e forçada pela rigidez da tradição. Partida que põe uma “pedra” no caminho da escritora e jornalista.

Inconformados e indiferentes ao desejo de Cora Coralina, os vilaboenses não a entenderam, não aceitaram a sua escolha e, como ela mesma diz, a “apedrejaram”. Assim, ela inicia a sua nova caminhada rumo às terras paulistas, até então conhecidas apenas pela literatura.

Segundo Palacin (1989), a elite que dominou a política goiana a partir de 1912 foi os Jardim-Caiado, e essa política era popularmente conhecida como Caiadismo. Sendo registrados no início em seus documentos como “política Eugenista”. Antônio Ramos Caiado fez presidente do Estado, fez deputados, se fez sempre senador da República e estava sempre aprovando leis de acordo com seu interesse político e pessoal. No entanto, somente foi afastado do poder quando o movimento renovador de 1930 tornou-se vitorioso. Em Goiás seu grande opositor foi Pedro Ludovico Teixeira.

Campos (2003) em sua obra, *Coronelismo em Goiás*, apresenta os principais pontos que envolvem a construção da tese do atraso e isolamento goiano, utilizando alguns referentes empíricos que são: indicadores econômicos, demográficos, geográficos e de comunicação. No entanto, um dos primeiros pontos apontados pelo autor é a ideia do descaso político para com Goiás diante dos pedidos de intervenção federal para Goiás não atendido em (1905, 1909 e 1926). O que leva a crer que a não intervenção seria decorrente da pouca importância de Goiás no cenário nacional.

Segundo Britto e Seda (2009) Cora Coralina de tantas Annas estava deixando as terras acidentadas da região da Serra Dourada, dos Morros de São Francisco, do Canta Galo e das Lages rumo a uma nova vida. Dentro de si carregava Aninha, Annica, todas agraciadas por uma infância ora conflituosa, ora feliz na Casa Velha da Ponte e na fazenda Paraíso. Aninha jornalista e escritora deixava para trás o convívio com os seus familiares, com a sua terra, para avistar a luz tênue de outras paisagens em uma longa viagem nos precários meios de transporte da época, em companhia daquele que escolhera para ser o pai dos seus filhos.

Em seu caminho para São Paulo, antes mesmo de sair do Estado de Goiás, Cora Coralina experimenta o sentimento de ser mãe. Pois, Cantídio já possuía uma filha que se chamava Guajajarina de dois anos de idade que fez questão de levar na viagem com eles. Cora Coralina tinha então, sob sua guarda uma criança de dois anos e em seu ventre uma nova vida.

Britto e Seda (2009), afirmam que, sobre a viagem, além das entrevistas o único documento encontrado foi uma anotação da poetisa com os dizeres: “Vinha das minhas terras goianas, numa longa viagem, comitiva de bestas e cavalos até Araguari, travessia do rio divisor Paranaíba. Chorei ali, já do lado mineiro, minhas lágrimas de despedida”²⁴ A viagem prosseguiu de trem e, dois dias depois, a última parada, precisamente na Estação da Luz,²⁵ na grande São Paulo.

Cantídio e Cora Coralina depois de atravessarem Goiás em lombo de burro chegaram a Araguari, onde pegaram o trem até a Estação da Luz em São Paulo. O lugar de descanso foi à Rua dos Gusmões, numa pensão simples.

Decorridos 98 anos da passagem de Cora Coralina pela Estação da Luz, o Museu da Língua Portuguesa abrigaria a exposição “Cora Coralina, coração do Brasil”, realizada no período de 29 de setembro a 13 de dezembro de 2009. (Exposição “Cora Coralina, coração do Brasil” realizada no Museu da Língua Portuguesa. Curadora Júlia Peregrino. São Paulo, 2009).

De São Paulo foram para o Rio de Janeiro ver o mar. E depois de um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, decidiram morar em Jaboticabal. Era o começo de uma nova vida a dois. Seu paraíso: seu lar! Jaboticabal foi o lugar escolhido por Cora Coralina e Cantídio para abrigar seus projetos, estimular o trabalho e educar seus filhos. (BRITTO; SEDA, 2009).

Em 28 de maio de 1912, nasceu a primogênita Paraguassu Amaryllis, dois anos do nascimento de Paraguassu, em 21 de fevereiro de 1914 vieram os gêmeos Cantídio e Enéias. Depois de cinco meses e três dias, Enéias faleceu e foi enterrado em Jaboticabal.

Em 1915, a família ganhou um novo membro: Jacyntha Philomena. Dois anos depois do nascimento de Jacyntha, em 1917 nasceu Maria Isis Brêtas: uma criança prematura, pequena e franzina. Maria Isis Brêtas, teve pouca chance de vida vindo a falecer cinco meses e quatro dias depois.

Após dez anos, quando pensavam que não haveria mais novidade na família nasceu a caçula Vicência, no dia 24 de setembro de 1927, em plena primavera.

²⁴Acervo do Museu Casa de Cora Coralina. Registro em uma anotação sem data.

²⁵Local onde, no início do século XXI, surgiria o atual Museu da Língua Portuguesa.

Em entrevista Cora Coralina relembra o nascimento de seus filhos dizendo, que teve sete, mas criou apenas cinco, pois, dois de seus filhos morreram quando ainda eram crianças e, devido às dificuldades da época para a criação de um filho, dificuldades que segunda ela hoje não existem mais. “Sete. Criei cinco. Perdi duas crianças com cinco meses de idade. Tempos difíceis. Não havia alimentação adequada, médico, pediatra, e havia as dificuldades para se criar uma criança, que, hoje não existem”. (BOTASSO, 1984, p. 29)

De acordo com Souza (2013), Ana é uma excelente dona de casa e, mesmo concebendo cinco filhos, se envolve em serviços sociais. Conseqüentemente, o tempo fica pouco para seus versos e vai guardando na memória os acontecimentos da vida para um dia tentar botar no papel. Seus escritos restringem-se a artigos de jornais na expectativa de reivindicar melhorias para a sociedade que assiste. Neles passa a assinar como Cora Coralina. Começa a escrever novamente quando reata a relação com a mãe.

De acordo com Britto e Seda (2009) enquanto a família de Cora Coralina crescia, Jaboticabal despontava para o progresso e sua vida não se restringia aos afazeres domésticos, mas, demonstrava uma preocupação social. Tanto que começou a vender mudas de árvores para serem plantadas durante a pavimentação da cidade de Jaboticabal, pois, a Cidade das Rosas (Jaboticabal), estava situada na região oeste do estado de São Paulo que sempre foi quente. E Cora tinha consciência do quanto à sombra de uma árvore pode aliviar o mormaço, talvez sua experiência de vida em sua cidade natal proporcionasse para ela este saber que lhe era próprio. “Ela levou um saco de coquinhos e plantou todos. Nasceram palmeiras que ela vendeu à prefeitura para arborizar a cidade”. (Depoimento de Nize Brêtas, nora de Cora Coralina, Balneário de Camboriú-SC, 2009).

Sua preocupação social e visão pioneira sobre a importância da preservação ambiental ficou registrada no artigo “Árvores”, que foi publicado em setembro de 1922. Através deste artigo Cora faz um convite aos estudantes e professores, para que ao invés de escreverem poesias, em comemoração à “Festa das árvores”, que os jovens plantassem mudas, despertando assim nos estudantes o amor à ecologia. O texto que Cora escreveu faz apelos muito atuais, tanto que até hoje é usado em Jaboticabal, como alerta ecológico.

Em seu artigo Cora diz:

Podiam realizar nesse dia uma linda e nobre festa de propaganda prática e fecunda se, ao invés de versos inócuos cada professor levasse sua classe a plantar de fato árvores pelos arrabaldes, pela orla dos caminhos, pelas praças que nas cidades do interior são tão tristemente amplas, nuas e desertas e que seriam assim pela infância anualmente arborizadas! E elas aprenderiam assim melhor a amar e defender essas plantas, que cresceriam com elas e em que mais tarde se reveriam enquanto homens mulheres feitos a lembrar-lhes sempre os mais belos dias de vida. Nem é isto fantasia irrealizável de escritora, senão objetivo de fácil alcance. As municipalidades hoje, todas elas mais ou menos interessadas na equação desse problema, se incumbiriam facilmente de designar e preparar os pontos a serem arborizados e as plantas para esse fim. E que linda festa não seria essa a que o povo se juntaria, festa religiosa em que a crença na primavera da vida, plantando árvores na primavera do ano, com suas mãos pequeninas e débeis, sentir-se-ia dignificada e feliz por uma ação nobre e boa, concorrendo assim, para beleza, progresso e fecundidade da terra que lhe é berço!”²⁶

De acordo com Britto e Seda (2009) Cora Coralina sempre esteve aberta ao chamado da terra. A vivência que ela tinha, fazia questão de passar para todas as crianças, jovens e adultos, em seus textos, poemas, diálogos e atitudes. Seu lema de vida era plantar, cuidar e colher e além de árvores plantou flores. E enfeitou sua própria vida de folhas e flores em seu “simbolismo de vida vegetal”.

Cora Coralina quando morava em Jaboticabal ficou conhecida como Cora florista, isto porque, seguindo a vocação e sensibilidade, adquiriu uma chácara e nela fez uma plantação de rosas. Exímia lavradora sabia adubar, plantar, regar, cuidar, podar e enxertar as roseiras. Cora conhecia os segredos das plantas, vocação que veio desde criança, no quintal da Casa Velha da Ponte cuidava das plantas e flores em vasos e jardim:

Em Gonçalves, (1982. p. 24) Coralina relata: “Aprendi a enxertar roseiras e até criei uma estufa de plantas verdes. Tudo isso enchia minha vida e até comprei uma casa com o dinheiro das flores”.

De acordo com Britto e Seda (2009), durante o tempo que morou em Jaboticabal sua vida não se restringiu ao cuidado com a família e ao cultivo das flores, apesar de ter sido muitas vezes limitada por falta de tempo, a poetisa continuou, em suas horas livres, lendo e escrevendo seus artigos. Neste período, não recebeu estímulos para que

²⁶CORALINA, Cora. Árvores, Jaboticabal, set. 1922. In: BRITTO; SEDA, 2009.

divulgassem suas produções, mas, continuou, apesar da distância, manter contato com sua cidade natal através de seus textos que eram publicados nos jornais locais.

Para *A Informação Goyana*, enviava suas reminiscências sobre Goiás. Para o jornal *O Democrata*, coisas sobre Jaboticabal. No *Estado de São Paulo*, crônicas pertinentes à um jornal com amplas áreas de leitores. Cora Coralina apreciava muito escrever, mas, tinha também uma necessidade muito grande de publicação, para ela o ato de escrever estava diretamente ligado à publicação. (BRITTO; SEDA, 2009).

No entanto, Cora não recebeu incentivos de seu esposo e tinha às vezes seus textos salvos pelos seus filhos:

“Quando casei, meu marido era muito ciumento. Não aceitava que eu publicasse, aceitava apenas que escrevesse, mas não que publicasse. Mas durante quase toda a minha vivência da vida conjugal, eu muito pouco escrevia, porque escrever para mim é uma forma de publicidade, eu sinto a dificuldade da publicidade para o que eu escrevia naquele tempo”. [...] (SALLES, 2004. p. 76).

Dois dos textos de Cora Coralina que foram registrados pela revista *A Informação Goyana* e que mereceram destaque foram, “*Rio Vermelho*” e “*Ipê Florido*”, nestes textos, a revista explicou aos leitores que a poetisa mesmo distante não esquecia sua velha morada, pois, seus textos evocavam sempre paisagens ou coisas da longínqua terra que ela deixou para traz em sua mocidade. Na crônica “*O Rio Vermelho*” Cora revela a saudade que sentia da cidade natal e seu grande amor pelo rio que tanta importância teve em sua vida. Assim ela fala:

Goiás tem um rio que a recorta, dividindo a cidade em duas partes iguais. É um antigo e lendário rio de ouro e minerações passadas em cujas ribas agrestes o bandeirante plantou o marco da primeira descoberta.

Nasci nas margens desse rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou a flor da minha adolescência, acalentando com amavio estranho, os sonhos da minha fantasia. [...] Longe de ti, oh! Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas águas, meus ouvidos anseiam pela tua voz brandiciosa e sedativa que despertou complacente as ilusões de minha adolescência... [...] (CORALINA, 2003, p. 101 - 103)

Em entrevista concedida a Vicente Fonseca e Armando Lacerda, na fase de prospecção do Filme Cora Doce Coralina, em 1982. Cora relata que, durante o tempo que esteve longe de Goiás, sempre escreveu alguma coisa de maneira que os goianos leram Cora Coralina durante o tempo em que ela morou em Jaboticabal. Foram muitos os textos publicados em jornais, revistas, fora de Goiás. Ela afirmava que, desta forma sempre esteve ligada à literatura.

A leitura era uma constante na vida de Cora, e como afirmou em diversas entrevistas, embora não tivesse integrado o movimento literário, acompanhou pelos jornais as difusões e polêmicas de sua época em relação às ideias pré-modernistas ou modernistas que rondavam a São Paulo de sua época. Tais ideias, de acordo com BOSI (1994) fortaleceram desde o início do século e a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, ficou marcado como um divisor de águas para um período literário.

No dia 3 de outubro de 1921, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou um artigo escrito por Cora Coralina intitulado “Ideias e Comemorações”, por razão da efervescência ideológica do período que culminou no Modernismo e aliada aos preparativos em comemoração ao Centenário da Independência. Este artigo de Cora foi dedicado “ao dr. Monteiro Lobato” e sugeria a exibição de filmes que retratassem a cultura e ao mesmo tempo serviria para divulgar as belezas de todos os estados da Federação, o que, segundo a escritora, atrairia turistas e divulgaria as belezas do País. No texto Cora diz:

E viria em primeiro plano S. Paulo com o esplendor dos seus cafezais compactos, em todas as fases do plantio, cultura, florescência, colheita, exportação, enriquecendo direta e indiretamente o país, o Estado, o município, o fazendeiro e o colono. [...] Depois Minas com seu industrialismo de laticínios [...]. Bahia com sua cultura de cacauzeiros, [...] Paraná com sua erva mate, [...] Rio Grande do Sul com as suas charqueadas, [...] Pernambuco e Alagoas com suas grandes usinas açucareiras. [...] O Amazonas com sua borracha, [...] Mato grosso com sua ferocidade de terras virgens, [...] E Goyás, o olvidado, perdido e isolado no centro do Brasil, mais ignorado dos próprios brasileiros do que os outros estados da confederação, relegado sempre na distribuição dos favores oficiais, vivendo vida inteiramente à parte progredindo mais pelo instinto natural das coisas do que pelo consenso dos governos

que desconhecem impatrioticamente as possibilidades econômicas do Brasil Central. (CORALINA, 1921)²⁷

Cora em seu artigo demonstrou conhecer e valorizar a cultura, economia e belezas naturais de cada Estado da Confederação. No entanto, como boa goiana e defensora de seu povo, aproveita para denunciar o descaso dos governantes em relação ao seu estado de origem. Talvez seja este um dos motivos pelo qual o artigo tenha sido ignorado por aqueles que poderiam colocar em prática suas sugestões.

Segundo Britto e Seda (2009), em Jaboticabal, após 14 anos de união, Cora e Cantídio casaram-se perante a sociedade. O casamento aconteceu no dia 1º de julho de 1925, depois que Cantídio ficou viúvo de seu primeiro casamento. Durante o tempo que residiu na Cidade das Rosas, Cora viveu intensamente para esposo, filhos e o cultivo de rosas.

O marido de Cora Coralina sempre foi um advogado muito atuante, ele participava da sociedade Jaboticabalense ativamente como advogado ganhou muitas causas e fez muito amigos em sua profissão. Visando melhores condições de estudo em 1929 Cantídio mudou-se para a comarca de Salto Grande e Cora Coralina juntamente com seus filhos mudou-se para São Paulo, separando, desse modo à ligação diária do casal. Mesmo morando em São Paulo Cora viajava frequentemente para Salto Grande e continuou participando da vida jaboticabalense, por meio de seus textos, sempre demonstrou o grande amor à terra de seus filhos.

Segundo Britto e Seda (2009) a poetisa transformou as dificuldades que tinha em alegrias e realizações e metaforicamente como se expressava, ela soube transformar as pedras que existiam em seu caminho de flores, instituindo um elo entre a Cidade das Rosas e a Cidade das Pedras: Jaboticabal e Goiás. Preparou com muito cuidado o terreno que, semeou a semente de sua poesia. E todas estas sementes caíram em terra fértil, exalando cores e perfumes de sua coralina liturgia floral.

Em Tahan, 2002, Cora Coralina residiu em São Paulo no período que explodiu a Revolução Constitucionalista de 1932²⁸. Coralina ficou extremamente empolgada, pois,

²⁷ CORALINA, Cora. Idéias e Comemorações, jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 3 out. 1921. Acervo do Museu Casa de Cora Coralina.

²⁸ Esta Revolução se caracterizou pela revolta dos paulistas contra o Presidente Getúlio que insatisfeitos com sua administração passaram a exigir que um político civil e paulista fosse nomeado interventor no Estado, e não os afilhados de Getúlio, a população clamava também por uma nova Constituição do Brasil. Mato Grosso, Minas Gerais e Rio Grande do Sul apoiaram as reivindicações de São Paulo.

agora ela estava no coração do movimento, diferentemente da Revolução de 1924 contra o governo de Arthur Benardes que nada alterou sua vida, pois, estava no interior e as notícias só chegavam através dos jornais. Nenhum movimento de tropas ou rebelião aconteceram por lá. Do movimento da Coluna Prestes apenas ouviu falar ou leu.

Então, Cora alistou-se como enfermeira, trabalhou costurando uniformes e bibis de soldados. Uniu-se aos que lutavam pelo estado e doou suas joias, sua aliança também foi doada e, assim como muitos recebeu seu diploma com os dizeres: “Dei ouro para o bem de São Paulo”.

Em outubro de 1932, após três meses de luta, os paulistas se renderam. Prisões, cassações e deportações seguiram-se à capitação. Estatísticas oficiais apontaram 830 mortos. Estima-se que centenas a mais de pessoas morreram sem constar nos registros oficiais.

A Revolução Constitucionalista foi o maior confronto militar no Brasil no século XX. Apesar de, a derrota paulista em sua luta por uma Constituição, dois anos após o combate, em 1934, o objetivo dos paulistas foi alcançado com a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

Cora e Cantídio após receber seu filho Bretinhas de volta do combate pelo movimento revolucionário, pois, este também se alistou e lutou junto às tropas paulistas, continuou suas vidas em paz. Cantídio morava no interior de São Paulo e sempre que podia vinha a São Paulo visitar a família. Coralina em São Paulo, com os filhos moços, apenas a pequena Vicência ainda exigia atenção permanente, passou a se preocupar com os problemas da cidade e, voltou a colaborar com artigos para o jornal *O Estado de São Paulo*, mandando outros para Jaboticabal, seus versos, porém continuam sendo guardados.

Em 1933, Cora recebeu uma carta de Senhora Jacintha, sua mãe, lhe contando sobre a mudança da capital de Goiás para Goiânia,²⁹ cidade projetada para ser a sede do governo por Pedro Ludovico Teixeira, governador do Estado. Na carta Senhora demonstrou seu inconformismo, assim como, muita gente que não aceitava sua Goiás “passada pra trás”.

Cora Coralina descreve este momento em seu poema, “Nos Reinos de Goiás (A vida e suas contradições)” dizendo que muitas foram as oportunidades que os

²⁹ A pedra fundamental de Goiânia foi lançada em 1933, graças aos esforços de Pedro Ludovico Teixeira, e a transferência efetivou-se em 1937. (SIQUEIRA, 2009, p. 9)

moradores da antiga capital tiveram para acompanhar a mudança e por medo não ficaram ricos ou remediados.

De acordo com Tahan (2002), o advogado Cantídio, quando ainda morava em Salto Grande, mais precisamente em março de 1934, adoeceu e precisou ficar internado na Santa Casa de Palmital por causa de uma infecção pulmonar. Segundo depoimento de Vicência Brêtas Tahan, filha de Cora Coralina: “Ele gostava muito de pescar, de se banhar... tanto que ficou doente de se banhar lá no rio, daí pegou uma pneumonia”. (BRITTO, 2009. p. 163)

O estado de saúde de Cantídio se agravou e nada mais pôde ser feito. Cantídio Tolentino Brêtas faleceu em 2 de abril de 1934. Seu corpo foi velado na casa de sua filha Paraguassu e seu sepultamento no cemitério de Palmital Estado de São Paulo. “A dor pela perda do marido é grande”. Mas, o momento não é de lágrimas. Precisa conter sua dor e ser prática. “Afinal agora já não pode contar mais com ele para ajudá-la na formação dos filhos”. (TAHAN, 2002, p. 162)

Para garantir a educação dos filhos, ingressa em diversas atividades para acarinhar fundos: comerciante, vendedora de livros, na editora do amigo José Olímpio. Enquanto isso, Bretinhas consegue passar nos exames e vai para a Escola Militar do Realengo, no Estado do Rio. A filha casada, já tinha lhe dado duas netas: Maria Luiza e Maria Helena. Guajaja resolve ir lecionar no interior. Jacintha cursa duas escolas ao mesmo tempo: a Normal Padre Anchieta e a primeira turma de Escola de Educação Física e a caçula Vicência entra para o primário numa escola germano-brasileira, em Pinheiros.

Foram correntes, amarras, embasamentos.
Foram fortes demais.
Construíram a minha resistência.
Filhos, fostes pão e água no meu deserto.
Sombra na minha solidão.
Refúgio do meu nada.
Removi pedras, quebrei as arestas da vida e plantei roseiras.
Fostes, para mim, semente e fruto.
Na vossa inconsciência infantil.
Fostes unidade e agregação.

Depois da formatura de Jacintha, Cora e as duas filhas que ainda moravam com ela resolveram mudar para Penápolis,³⁰ cidade do interior de São Paulo, para que Jacintha assumisse a nomeação de Professora, naquela cidade.

Segundo Tahan (2002), antes de ir para Penápolis, Cora vai até a casa de amigos para se despedirem e então se hospeda em casa de uma amiga, Dona Clotildes por uns dias. Mesmo porque, já havia encaixotado seus pertences para a mudança. Dona Clotildes, morava numa rua toda arborizada e, justo nesta época, as árvores estavam com favas de semente maduras; às tardes ao passear com sua pequena Vicência e, para distraí-la, vai catando as sementes que a pequena encontra pelo caminho e cola-as em um saquinho de papel. Quando chega a noite, Vicência se distrai com as sementes fazendo montinhos para contar e recontar.

Vicência propôs à mãe que, levasse as sementes para a nova cidade onde iam morar e ela concordou com a filha, desde que esta as carregasse, pois, já tinha bagagem suficiente para transportar. Ao chegar a Penápolis, Vicência não deu importância às sementes, então Cora jogou-as no quintal da casa onde iam morar e em pouco tempo elas se transformaram em centenas de mudas. Cora decidiu, então, arrancá-las e transportá-las para latas a fim de formar mudas para plantio. Com tantas mudas para replantar, Cora esperou o caminhão de coleta de lixo e propôs aos homens encarregados pela coleta que, separassem as latas grandes, de preferência as de vinte litros de óleo comestível ou de querosene. Prometendo-os uma gratificação.

Em pouco tempo tinham muitas mudas. Divertia-se cuidando das plantas, Removeu as bananeiras que deram frutos e plantou mais mudas. Não descuidou do jardim e voltou a ter suas roseiras.

De acordo com Britto e Seda (2009), depois de dois anos da morte de seu marido, Cora enfrentou uma nova perda. Sendo que, em 1º de abril de 1936, sua mãe Jacyntha Luiza do Couto Brandão Peixoto faleceu na cidade de Goiás. Desde que Cora passou a residir no estado de São Paulo, mãe e filha trocavam correspondências. E sua mãe sempre a manteve informada dos fatos mais marcantes na família e em Goiás. Em uma de suas últimas cartas, datada de 22 de fevereiro de 1935, sua mãe relatou: “Não se esqueça do meu estado e que só tenho prazer quando recebo carta de vocês. Abraço aos netos e a ti. Tua mãe Jacyntha”. (SALLES, 2004, p. 80)

³⁰Em Tahan (2002) A cidade de Penápolis se deu devido às terras loteadas em 1907, por Manoel Bento da Cruz. No ano seguinte, os frades capuchinhos se instalaram ali. O primeiro nome foi Santa Cruz do Avanhandava. O Nome Penápolis foi em homenagem à Afonso Pena.

Na cidade de Penápolis, a vida seguia em frente, Cora não abandonou a leitura e escrita e um tema que lhe chamava a atenção e os jornais não abandonava era a perseguição a Lampião – Virgulino Ferreira da Silva – hora condenando suas ações, hora dando razão. E assim aconteceu até a morte de Lampião na Fazenda Angicos, no sertão sergipano, com isso já em agosto de 1938 e a poetisa não perdia as notícias.

Segundo Britto e Seda (2009) as mudas de árvores eram tantas que Cora teve a ideia de vendê-las para o Prefeito para que, este pudesse arborizar a cidade, já que o clima não era muito ameno. O Prefeito depois de muito relutar, acabou convencido pela poetisa e por seus ajudantes de que, aquela seria uma ótima ideia tanto para embelezar quanto para amenizar o calor na cidade. E desta forma Cora, providenciou mais sementes e passou a vender mudas de árvores para as cidades vizinhas também.

Após, um longo período morando em Penápolis, Cora Coralina foi incentivada por um casal de sitiantes que costumava visitar, a mudar-se para Andradina. Eram terras novas e acreditava ser um bom meio para ganhar vida, até mesmo porque havia grande facilidade para si comprar casas, sítios e terrenos. De acordo com Tahan (2002), era mês de Janeiro de 1941 quando coralina decidiu ir às novas terras para conhecer e, como possuía um comércio em Penápolis pensou: “janeiro é mês meio morto para o comércio. As vendas são poucas. Quem teve de comprar já o fez em dezembro, mês das festas”.

Ao mudar-se para Andradina,³¹ Cora montou sua loja que, passou a chamar “Casa-Borboleta”. Nela, vendia não somente retalhos, mas, Mescla, brim, algodão cru que eram tecidos que resistiam ao trabalho árduo daqueles modernos bandeirantes que povoavam a cidade.

Coralina teve uma vida social ativa em Andradina com participação em muitas reivindicações que, os trabalhadores faziam para melhores condições de trabalho. Pois, aquele era um momento delicado, com a Segunda Guerra Mundial deflagrada, mesmo que o país não tivesse enviado seus homens, já participava do esforço de guerra com os seus aliados, com sua indústria e seu aço, deixando, assim, os lavradores numa situação crítica, onde ferramentas elementares e insubstituíveis como a enxada faltavam no mercado.

³¹Em 10 de janeiro de 1939 foi oficialmente criado o município de Andradina, idealizada pelo fazendeiro Antônio Joaquim de Moura Andrade, conhecido como “O Rei do Gado”. (BRITTO; SEDA, 2009)

Coralina, aproveitando a disponibilidade de um candidato a Deputado que veio ao encontro de seu eleitorado em vésperas de eleição, fez seu pedido em nome de todos:

Senhor deputado, suas palavras demonstram, preocupação e interesse por nossos problemas. Bem sabe o senhor, homem também da lavoura, o que sofremos neste momento. As Casas da Lavoura contam, agora, com uma quantidade irrisória de sementes vindas do Instituto Agronômico, para nossas necessidades. Não bastasse isso, não há enxada. Onde já se viu um país essencialmente agrícola não ter a mais elementar das ferramentas que um homem da terra precisa? Se o senhor realmente quer saber o que fazer por esta cidade, por esta região, aí está: ajude-nos a encontrar enxadas.³²

Não demorou muito tempo e o Banco do Estado, recebeu um lote com algumas centenas de enxadas que vendeu aos agricultores por preço abaixo dos comerciantes locais. Assim, os que a conheciam e ficavam sabendo de sua atuação no meio social diziam: - Êta mulher pai d'égua! (TAHAN, 2002. p. 183). Porém, nem tudo era fácil na vida de Coralina, mas sua luta fazia parte de seu cotidiano e não era mulher de desistir quando as coisas não iam bem.

Em Andradina, se destacou como comerciante e lavradora e após obter uma ótima safra de milho, ela escreveu o “Poema do Milho” e guardou-o, como sempre fez pensando na possibilidade de publicar um livro, “quando for o momento oportuno”, como sempre dizia. E em seu “Poema do Milho” relata:

Milho...
Punhado plantado nos quintais.
Talhões fechados pelas roças.
Entremeado nas lavouras.
Baliza marcante nas divisas.
Milho verde. Milho seco.
Bem granado, cor de ouro.
Alvo. Às vezes vareia,
- espiga roxa, vermelha, salpintada.
[...]
Lanceando certo-cabo-da-
enxada. Vai, vem... sobe, desce...

³²Narração da escritora e filha de Cora Coralina, Vicência Bretas Tahan, em seu livro: Cora Coragem, Cora Poesia. 2002.

Terra molhada, terra saróia...
- Seis grãos na cova; quatro na regra, dois de quebra.
Sobe. Desce...
Camisa de riscado, calça d
mescla. Vai, vem...
Golpeando a terra, o plantador. [...]
(CORALINA, 2006, P. 158/160)

De acordo com, Brito e Seda (2009), no início dos anos de 1940 os filhos de Cora Coralina e Cantídio estavam encaminhados. Guajajarina morava, no interior de São Paulo, Paraguassu tinha duas filhas: Maria Luiza e Maria Helena. Vicência, matriculada em uma boa escola. A jovem Jacyntha desdobrava-se, estudando em duas escolas, a Normal padre Anchieta e a de Educação Física. O homem da casa, Cantídio Brêtas Filho, passou nos exames e foi para Escola Militar do Realengo, no estado do Rio de Janeiro.

Em Tahan (2002), Cora, vivenciou mesmo que distante, os horrores da Segunda Guerra Mundial e se lamentou pelas destruições causadas pelas bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima, no Japão. E apesar de indignada afirma que, a partir daquele momento seriam renovadas as esperanças de dias melhores, inclusive no Brasil, apesar da situação de Getúlio ter ficado “periclitante”.

Em 1955, a era de Juscelino Kubitschek se iniciou e já havia se passado vinte anos da morte de Senhora Jacintha. Coralina teve então, que regressar à Goiás, caso contrário perderia a casa onde nasceu. Senão tomasse posse, a Lei do Usucapião seria aplicada e seu cunhado, que ali morava, teria o direito a ela. Cora Coralina, então, por motivos de herança, retorna à Goiás. Este fato a inspira de tal modo que, amplia sua produção literária, recontando sua vida “em prosa e verso” (TAHAN, 2002).

Cresceste numa escola de luta e trabalho,
depois, cada qual se foi ao seu melhor destino,
E a velha mãe sozinha
devia ainda um exemplo
de trabalho e de coragem.
Minha última dívida de gratidão
aos filhos.
Fiz a caminhada de retorno, às raízes ancestrais.
Voltei às origens da minha vida,
escrevi o “Cântico de Volta”.

1.5 – Na velhice, o reencontro com suas raízes.

De acordo com Britto (2011), quando Cora retorna à cidade natal após viver sua vida para o marido e os filhos, deixando um espaço que a priva muitas vezes de sua trajetória literária em benefício da condição de mãe e de esposa ela corta as amarras, os laços familiares e passa a conquistar autonomia financeira, possuindo “um teto todo seu”, um espaço privativo para sua escrita. Assim a poetisa afirma em Especial Literatura no ano de 1985:

Saí desta cidade em 25 de novembro de 1911 e voltei em 22 de março de 1956. Deixei filhos, nora, genros, netos e bisnetos. A força da terra, das raízes que chamavam, eram mais fortes e sobrepôs a todos esses afetos familiares. Quando eu voltei, não tinha a intenção de permanecer, tinha a intenção de matar saudades velhas e carregar saudades novas. (CORA CORALINA – Especial Literatura, n. 14, TVE, 29/1/1985).

Ao retornar à Goiás em 1956 sua trajetória social sofreu reflexos que influenciaram significativamente seu fazer literário. O poema, O Cântico da Volta, escrito em 1956, é considerado um rito de passagem, um caminho para sua independência intelectual. Cora foi recebida por um grupo de escritores, em Goiânia, que, distribuíram folhetos com o poema, como estratégia para dizer que mais uma literata buscava reconhecimento.

Porém, quando Cora voltou, já não possuía vínculos com o campo literário Goiano e já estava idosa. A idade, de acordo com Britto (2011) foi um entrave para o reconhecimento da poetisa. Então, “Por muitos anos a autora permaneceria no anonimato, publicando esporadicamente em jornais, algumas de suas criações”. Cora no poema, Voltei, descreve esse sentimento:

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém.
Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no
presente e lentamente fui identificando a minha gente.
(CORALINA, 2013, p. 135)

Nessa ocasião, Cora teria vivido um período difícil marcado por críticas que anulavam suas produções e focalizavam aspectos como, idade e questões de cunho pessoal. Dificuldades relatadas em diversos momentos em seus poemas, como por exemplo, no poema “Minha Cidade”.

Goiás, minha cidade...
(...)
Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
Nos teus larguinhos e nos teus becos tristes.
(CORALINA, 2006. p. 34)

Diversos pesquisadores relatam essas dificuldades vivenciadas pela poetisa antes de ser reconhecida. Jane Alencastro (2003), que teve uma convivência com Cora Coralina, conta que, a poetisa tinha uma lembrança dolorida e silenciada da sociedade vilaboense pela intolerância a ela demonstrada. Este sentimento, “a manteve afastada do convívio social quando do retorno à sua cidade”. Com sua rejeição, Cora fica reclusa na Casa Velha da Ponte iniciando a arte de fazer doces e escrevendo poemas e contos. Alencastro relata também que, a poetisa foi acolhida por poucas mulheres “a madrinha, duas primas e três vizinhas. Portanto, como ela não convivia socialmente com a comunidade encontrou na sua poesia sua escuta”. (ALENCASTRO, 2003, p. 97-98).

Para Denófrío (2006), o maior gesto de coragem e autossuficiência que Cora demonstrou foi voltar para sua cidade natal depois de estar, sozinha, pobre e sexagenária. Momento em que, ocupava a posição de figura non grata. E ainda afirma que, enquanto enfrentava a indiferença de seus contemporâneos ganhava a simpatia dos jovens. “enfrentou a indiferença e /ou a discriminação de seus conterrâneos, a má vontade que ainda perdura, de alguns, sobretudo em sua cidade e estado natal. (...) Entretanto, diferenciada, ela passou, nem sempre de mansinho, e marcou, como um dólmen, o seu lugar”. (DENÓFRIO, 2006, p. 203)

O retorno de Coralina à sua terra e o reencontro com sua casa natal fez surgir uma série de lembranças, visto que, “a casa é o nosso canto do mundo que abriga o

devaneio e permite sonhar em paz”. Desse modo seria, um dos principais poderes de integração para os pensamentos, lembranças e sonhos.

Em Bachelard (1978, p. 24), é graças à casa que, “um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem característicos”. Sua volta à Casa Natal, fez com que Coralina acionasse seus devaneios, mais íntimos e revelou-os através de meias confissões:

Velha casa de Goiás. Acolhedora e amiga recende, a coisas antigas de gente boa.
Vem de dentro, um cheiro familiar de jasmims, resedá e calda – doce de figo ou caju.
Um tacho de cobre areado referve numa trempe de pedras. Uma braçada de lenha e gravetos acende o fogo ancestral.
A “porta do meio”, com sua aldrava de palmatória, sempre cerrada, como no tempo das Sinhás-Moças. A “porta da rua”, sempre aberta, num corredor de lajes largas e polidas pelo piso das gerações.
(CORALINA, 2004, p. 105).

Para Britto (2011) com sua volta à Casa Velha da Ponte, Cora passou a ter um lugar todo seu, um exílio voluntário em que pôde ter privacidade suficiente para dedicar a seu projeto literário. Desta forma, foi na casa natal que também conquistou sua independência financeira, se dedicando 14 anos à confecção de doces cristalizados vindo a ser uma das mais famosas doceiras do país.

Com a venda de doces, superou os obstáculos para a inserção. De acordo com Britto (2011) Cora Coralina, reescreve a cultura e sociedade de Goiás. Ela registra, através da escrita, cenários e personagens historicamente silenciados constituindo uma forma de perenização e resistência. Ao retratar em seus poemas, sua infância e Maturidade a poetisa transforma a cidade de Goiás em cidade da escrita.

É relevante observarmos o lugar que Coralina descreve em seus poemas, a opção que ela faz ao cantar os cenários e as personagens que compõem sua cidade natal, demonstrando o grande amor que nutria pela sua Goiás e toda sua gente. Mesmo que, mal compreendida e ignorada por muitos era ali o lugar onde queria estar e esteve para “rever, escrever e assinar os autos do passado” como afirmou na dedicação que fez Ao

Leitor em seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. (CORALINA, 2006, p. 25)

Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que, o tempo passe tudo a raso.

É o que procuro fazer para a geração nova, sempre atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia e folklóre de nossa terra.

Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias. Sei que serei lida e entendida.

(CORALINA, 2006, p. 25)

Segundo Britto (2011) em toda extensão de sua obra Cora deixa claro que sua poesia é a poesia da cidade de Goiás. Não há como ignorar, o laço umbilical da “aquém-Paranaíba” ao observarmos sua cumplicidade revelada nas situações que descreve por meio de seu poema *Minha Cidade*:

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha. [...]
(CORALINA, 2006, p. 34).

A partir desse entendimento, podemos ousar e dialogar com a definição de Afeição pela Pátria de Yi-Fu Tuan (2013) quando afirma que o carinho pela pátria é algo que acontece naturalmente com todos nós e não se limita para nenhuma cultura e economia em especial. O carinho é próprio de todos os povos sejam eles letrados ou não, caçadores, coletores, agricultores, sedentários ou habitantes da cidade. Assim, o defines:

A cidade ou terra é vista, como mãe e nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte”. [...]

[...] “Uma pátria tem seus referenciais, que podem ser, marcos de grande visibilidade e importância pública, como monumentos, templos, campos de batalha sagrados ou cemitérios. Esses sinais visíveis servem para aumentar o sentimento de identidade das pessoas; incentivando a consciência e a lealdade para com o lugar. (TUAN, 2013, p. 189-194)

Cora poderia ter publicado seus escritos quando morava em São Paulo, mas os publicou em sua terra natal, que era o lugar de sua memória. É bem verdade que, grande parte de sua obra foi escrita em Goiás quando estava em reclusão voluntária na Casa Velha da Ponte – enquanto segundo Britto, apoiava seus braços nas muletas do tempo e observava pelas janelas as águas vermelhas do velho rio, assim ia fazendo uma ordenação de uma memória coletiva que foi oficializada.

Entretanto, seu primeiro livro começou a ser escrito quando Coralina ainda residia em São Paulo, no momento em que conseguiu se libertar da métrica e da rima e escreveu seu primeiro poema.

Algumas poesias, já forçavam passagem desde a década de 30.³³ Em 17 de janeiro de 1956 antes de seu retorno à Goiás, Cora recebe correspondência de Nize Bretas confirmando a escrita de poemas e a intenção de reuní-los em livro. “Dona Cora, muito querida. (...) Inicialmente devo dizer que, alegrou-me bastante saber que a senhora com a receita está bem de saúde e bem disposta continuando o livro que, já deve estar quase terminado a essas horas, e é um orgulho e uma grande satisfação para nós a publicação do livro”. (NIZE BRETAS, 1956)³⁴

Para Britto e Seda (2009) a maior e melhor parte de sua obra foi efetuada após seu retorno à Goiás, momento em que reescreveu e registrou as relações de um passado que vivenciou e ou que ouviu contar travadas na terra natal. Neste reencontro, a experiência de vida que, a poetisa possuía promoveu efeitos que devem ser lembrados, pois, ao se distanciar 45 anos de sua cidade e se isolar em sua casa, Coralina fez uma leitura descomprometida com as regras ditadas pela sociedade reconhecida e decanta a

³³ O poema “Minha Infância” (Freudiana), com data de 10 de outubro de 1938, “Cidade de Santos” (no manuscrito original com o título Praias de São Vicente) e “Cântico de Andradina”, escritas em 7 de dezembro de 1943. Além disso, são fatos que merecem destaque, a publicação do “Cântico de Andradina”, no informativo Seiva de Andradina, em dezembro de 1952; e a gênese de “Poema do Milho”, apontada por Vicência Tahan, no período em que a poetisa residia em Andradina.

³⁴ Carta de Nize Brêtas à Cora Coralina. 17 jan. Acervo do Museu Casa de Cora Coralina.

sociedade que testemunhou revelando a violência simbólica promovida em desfavor dos “obscuros” que não foram privilegiados nos autos oficiais do passado.

Para os autores seu distanciamento físico e temporal, na maturidade promove um diálogo com as lembranças do que foi vivido e percebido por ela na infância.

O retorno e o isolamento voluntário de Cora Coralina na Casa Velha da Ponte, proporcionou à poetisa um refinamento das versões anteriores de seus poemas para a publicação em livro. Este fato resultou na eclosão da maioria de seus poemas entre os anos de 1956 e 1962.³⁵

Não desprezando o fato de que Cora tinha como hábito, voltar aos poemas tentando melhorá-los. Darcy Denófrio (2006) lembra que, ao pesquisar poemas de Cora divulgados em jornais antes da edição do livro, observou que frequentemente possuíam mais de uma divisão dos versos, o que poderia se tratar de um amadurecimento literário. De acordo com, o que afirma, houve alterações, por exemplo, em “Oração do Milho” publicado em 1962 em Revista Anhembi e depois em livro, 1965.

Nas alterações feitas por Cora, segundo Denófrio, não eram realizadas somente alterações nas disposições dos versos, mas, às vezes, retirava-se ou inseriam-se estrofes inteiras modificando palavras e até mesmo o título dos poemas.

Isso nos leva a reconhecer que mesmo os poemas escritos à época em que a poetisa residia em São Paulo, tiveram modificações consideráveis quando estes, foram acomodados em livro, período em que Cora estava de volta à Casa Velha da Ponte.

Todas estas atitudes demonstram que, Cora não desanimava. Apesar das dificuldades encontradas e da árdua caminhada, passava dias e noites escrevendo, rodeada de Cômodos vazios de móveis, porém, cheios de sonhos de sua casa natal, aguardando o que ela definia como momento de inspiração. Em Velasco (1990), assim o descreve:

Agora, quando vem, se eu deixo fugir aquele momento, não volta mais. Como me vem, sempre à noite ou pela manhã, tenho perto de minha cama um castiçal com vela e fósforo; um caderno espiral e uma esferográfica para apanhar aquele momento. Depois de apanhado eu não

³⁵“A Escola da Mestra Silvina” e “Frei Germano”; a carta enviada a Paulo Ronái e Sérgio Buarque de Holanda, em 1959, com o poema “Pouso de Boiadas”; os manuscritos de “Velho sobrado” com data de 1959; a correspondência de Tarquínio B. de Oliveira, datada de 28 de maio de 1960, que cita os poemas “Do Beco da Vila Rica” e “Rio Vermelho” em agosto de 1962 na Revista Anhembi em São Paulo.

leio. Escrevo como se fosse uma gravação, sem preocupação de gramática, de estilo, nada. Um esquema. De manhã, vou reler aquilo. Às vezes, tem coisas valiosas que aproveito; outras nem tanto. Mas fico muito satisfeita quando escrevo um esquema válido. (VELASCO, 1990).

Os esquemas que, eram escritos se baseavam em livros de histórias, matérias de jornais, causos e lendas, ou sua infância. A gramática, o estilo e a temática somente depois de uma releitura, seriam trabalhados com as nuances de seu gesto criativo. Desta forma a autora, ajuntou dezenas de cadernos e folhas esparsas, com poemas, contos, desabafos, relatos do cotidiano, anotações de gastos caseiros e etc.

No entanto, todo este, tesouro acumulado por Cora corria o risco de perder, pois, os cadernos e folhas esparsas viviam em péssimo estado de conservação ficando amontoados em seu escritório. Ulhoa (1981) assim relata:

Os originais dela, estão muito misturados e precisam ser reescritos por ela, antes de serem datilografados. „Ela não é uma maravilha de ordenação, para escrever“. (...) „São bons originais, dependendo de uma guaribada e de uns acertos, para os quais, ela não marca prazo e não sabe nem quando vai fazer. Ela quer publicar mas, não apressa“. (...) São dezenas de cadernos, as histórias estão manuscritas, ocupando os dois lados de cada folha e, algumas vezes, estão de cabeça para baixo. Originais (...) de uma pessoa que sente, no arranjo verbal, o mesmo caminho que sente um artista e o músico no arranjo de seu som... Ela tem diante do texto esta posição: de um artista. (ULHOA,1981, p. 1).

Segundo Britto (2009) era preciso então, datilografá-los para apresentar seu processo criativo às editoras. Mas Cora, não possuía uma máquina. Eis, que aí surgiu a figura importante do escritor Tarquínio J. B. de Oliveira, quando da sua visita à Casa Velha da Ponte, em 1960 propõe levar os originais de Cora para serem publicados em São Paulo e, para tanto, presenteia a poetisa com uma máquina que seria um útil instrumento em seu trabalho literário. E como agradecimento Cora, inseriu no seu livro: “os agradecimentos da Autora, gratíssima, igualmente, ao Dr. Tarquínio J. B. de Oliveira, padrinho e animador desta publicação. Foi quem, um dia em Goiás, tirou este livro do limbo dos inéditos”. (CORALINA, 2006, p.21).

Antes do envio da máquina por Tarquínio J. B. de Oliveira, Coralina recebeu correspondências relativas à remessa feita, são elas: “D. Cora. A máquina de escrever „Hermes Baby” já foi despachada para Goiás aos cuidados do Dudu. (...) Guardo recordações magnífica do nosso encontro. (...) Tarquínio J. B. de Oliveira. S. Paulo, 28 de maio 60”.

SP. 15 de julho 60. Querida amiga D. Cora Coralina, (...) A máquina de escrever é sua por direito de conquista. Não agradeça, portanto. Comprei essa Hermes Baby há alguns anos na convicção de que me serviria a escrever poemas. Tempo consumido, em escritos econômicos, negócios, administração. Vejo que, ela tinha um destino certo. E a realiza agora. (...) Certamente um dia, será celebre nas obras de Cora Coralina e com maior beleza e valor. Não me agradeça. A máquina queira um dono coo a senhora. Teria fugido de mim mais cedo ou mais tarde. (...) Ela já era sua. Perdoe que não a tenha encontrado mais cedo.³⁶

Mesmo que a máquina tenha proporcionado um grande passo para a organização dos originais, Cora afirmava que a poesia vinha na ponta de sua esferográfica: “não digo na máquina, porque eu não sei pensar na máquina. Escrevendo à máquina eu não coordeno o meu pensamento”. (SALLES, 2004. P. 6)

Segundo Britto e Seda (2009), Cora ingressou aos 71 anos no curso de datilografia e, mesmo depois de ter seus manuscritos datilografados ainda fazia inúmeras correções. Após a escrita e organização do livro restava o mais difícil, sua publicação. Desta forma com o intuito de realizar a publicação de seu livro, Cora viajou para São Paulo em 1964 e com a ajuda de Tarquínio e da amiga Terlita, começaram uma verdadeira peregrinação em busca de uma editora.

Em Jorge (1968), Cora relata sua peregrinação na busca por uma editora que publicasse seu livro e relata:

Para conseguir a publicação de meu livro, tive que enfrentar uma verdadeira odisseia. Andei em diversas editoras, todas elas diziam: “Deixa os originais, daqui a trinta dias damos a resposta. Vamos levá-lo à comissão de leitores para julgamento. Tem telefone?”. Findo o prazo pedido, desculpavam-me, dizendo-se por demais sobrecarregados. Eu

³⁶Cartas de Tarquínio J. B. De Oliveira. Acervo do Museu Casa de Cora Coralina.

era sozinha nessa peregrinação. Não tive ninguém que me recomendasse às editoras, até o dia da José Olympio. Nunca desanimei. Havia lido vidas de outros artistas que sofreram mais do que eu. Contudo, quando voltava com meus originais devolvidos, sentia como se estivesse num deserto, apesar dos milhares de habitantes de São Paulo. Mas eu estava só.³⁷

Segundo Britto e Seda (2009), depois de insistir com várias editoras, Cora teve uma resposta positiva da José Olympio que, na década de 1930 lhe deu uma oportunidade de trabalho, como vendedora de livros e agora lhe proporcionaria sua inserção no campo literário. Em Felício (1977), Coralina revela com emoção:

Eu nunca pensava na José Olympio, era uma editora muito grande e, certamente não iria querer editar o livro de uma poeta de muito longe, desconhecida e totalmente anônima. [...] mas ao mesmo tempo havia dentro de mim uma voz de reação que dizia: „Vai, outros já passaram por isso“. De repente, paro ante uma grande vitrine, e vejo escrito lá: Livraria José Olympio Editora. No corredor havia uma escada antiga, de cerâmica vermelha que me convidara a entrar. Lá chegando, encontrei-me com o irmão de José Olympio, e foi a mesma conversa: „Daqui a um mês a senhora volta e etc“. Quando voltei sem nenhuma esperança, observei-o abaixar-se para tirar qualquer coisa da gaveta, e pensei que eram os originais para a devolução. Era a orelha do livro já pronta para a publicação.

O contrato foi assinado sem data certa para publicação do livro, devendo, pois, ser feita uma revisão e a decisão sobre a capa. Somente em junho de 1965 o livro foi publicado, isto devido à demora na devolução das provas pela autora, à indefinição da capa e disposição dos poemas. Seu lançamento oficial ocorreu, entretanto, no dia 23 de setembro daquele ano, em Goiânia.

Para Britto e Seda (2011), o nome Anna pelo qual a poetisa foi batizada, de acordo tradições religiosas, possui grande magnetismo e explica toda a maturidade, sabedoria, luta e empenho pela publicação de seu primeiro livro. E assim ressalta:

Não foi por acaso que a poetisa foi batizada como Anna, em homenagem a padroeira de sua cidade. Santa Anna, cujo nome e

³⁷Entrevista a Miguel Jorge. In: Folha de Goyaz, 1968.

hebraico significa graça, simboliza a paciência e a resignação. Na iconografia católica, é representada por uma mulher madura, sábia, portadora de um livro, transmitindo seu conhecimento. [...] Mulher, memória, gênese e escrita, escritora e escritura. Cumpriu-se assim, a profecia. (p. 18-19).

De acordo com Pereira (2009), Anna Lins publicou três obras em vida.³⁸ Em Memórias Póstumas (já preparados pela autora).³⁹ Cora Coralina recebeu inúmeras homenagens, diplomas, honrarias e prêmios.⁴⁰ Tanto que, seu nome identifica inúmeras bibliotecas, escolas, ruas, universidades, creches e praças.

Segundo Britto e Seda (2009), o principal responsável pelo reconhecimento nacional de Cora Coralina, foi Carlos Drummond de Andrade. Somente depois de Drummond é que a mídia e a crítica Literária deram atenção aos versos da poetisa goiana. Até Drummond,

³⁸ *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* – 1965 - Editoras José Olímpio – SP; *Meu Livro de Cordel* – 1976 – Cultura Goiana; *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha* – 1983 – Editora UFG.

³⁹ *Estórias da Casa Velha da Ponte* – 1985 – Global, São Paulo; *Os Meninos Verdes* – 1986 – Global, São Paulo; *O Tesouro da Casa Velha* – 1989 – Livro lançado em comemoração aos 100 anos de Cora e da República (1889); *Villa Boa de Goyaz* – 2001 – Global, São Paulo; *A moeda de Ouro que o Pato Engoliu (Infantil)* – 2006 – Global, São Paulo.

⁴⁰ Membro Efetivo da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Goiânia-GO, 09/11/1970.
Título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás; homenagem na Assembleia Legislativa. 1983 - Goiânia GO – 18/08/1983.
Homenagem promovida pelo Senado Federal, Secretaria de Cultura, Fundação Pedroso Horta e Fundação Cultural no auditório Petrônio Portela. 1983 - Brasília – DF
Fundação do Centro de Formação Profissional Cora Coralina (Senac) 1983 - Goiânia GO.
Grande Prêmio da Crítica/Literatura, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. 1984 - São Paulo – SP.
Troféu Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores. 1984 - São Paulo - SP.
Comenda da Ordem do Mérito do Trabalho, por sua pertinência em prol das causas justas e do progresso cultural de Goiás, concedida pelo governo federal. 1984 - Brasília - DF.
Caso Verdade Cora Coralina, direção de Henrique Martins (Rede Globo) 1984 - Rio de Janeiro – RJ.
Personalidade do Ano em Literatura, Rotary Clube de São Paulo, 08 de Março de 1985.
Símbolo da Mulher Trabalhadora Rural, FAP da Organização das Nações Unidas (ONU), 1984.
Gente de São Paulo, Paulistur e Prefeitura de São Paulo – SP, 20/08/1984.
Cidadã Goianiense, Câmara Municipal de Goiânia – GO, 29/11/1984.
Academia Goiana de Letras – Membro Efetivo, Goiânia – GO, dez.1984.
Troféu Jaburu – Personalidade Cultural, Conselho Estadual de Cultura do Estado de Goiás, Goiânia – GO, 23/10/1981.
Criação da Casa Cora Coralina. 1985 - Goiás – GO
Nome de Biblioteca Infante-Juvenil, em Guaianases. 1986 - São Paulo – SP.
Inauguração da Praça Cora Coralina. 1989 - São Paulo – SP

poucas eram as referências à poetisa nos jornais e na mídia regional e nacional. Com exceção das análises de Oswaldino Marques e Wendel Santos e das matérias publicadas pelos escritores goianos Aidenor Aires, Álvaro Catelan, Anatole Ramos, Bernardo Élis, Brasigóies Felício e Miguel Jorge, que se detinham nos méritos da obra coralínea, a maioria das reportagens e análises focalizavam a figura mítica da “velhinha de Goiás. (BRITTO, 2009, p. 382/383)

Drummond, após receber um exemplar da segunda edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, em 1979, ficou impressionado e enviou uma carta à Editora Universitária Federal de Goiás, pois, não possuía o endereço de Cora. Assim diz a Carta:

Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1979.

Cora Coralina. Não tenho o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração do seu Carlos Drummond de Andrade. (BRITTO, SEDA, 2009, p. 382)

Em resposta à Carta de Drummond, Coralina escreve:

Carlos Drummond de Andrade. Meu amigo, meu Mestre. Com alguma demora no recebimento de sua Mensagem e maior da minha parte, vai aqui na pobreza deste papel de que só vale o branco, meu agradecimento àquele que de longe e do alto atentou para a pequena escriba, sem lauréis e sem louros, sem referências a mencionar. Sua palavra, espontânea e amiga, fraterna veio como uma vertente de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa e dura caminhada ao longo da vida. Abençoado seja o homem culto que entrega ao vento palavras novas que tão bem ressoam no coração de quem tão pouco as tem ouvido. Despojada de prêmios e de lãureas, caminho na vida como trabalhador que bem fez rude tarefa, sozinho, sem estímulos e no fim contempla tranquilo e ainda confiante a tulha vazia. Meu mestre. Meu irmão. Que mais acrescentar? Eu sou aquela menina despenteada e descalça da Ponte da Lapa. Eu sou Aninha. Cora Coralina. Cidade de Goiás, 2/9/79. (BRITTO, SEDA, 2009, p. 383)

Depois da primeira Carta de Drummond à Cora elogiando seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* eles se tornaram grandes amigos e trocaram várias cartas, mas, apesar do desejo da poetisa em conhecê-lo pessoalmente eles nunca se encontraram. Drummond por sua vez, escreveu uma Crônica dedicada à Cora Coralina intitulada “Cora Coralina de Goiás”, com o intuito de propiciar um maior reconhecimento da obra de Cora perante a crítica, o público e demais agentes. Assim, Drummond sublinhou:

Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. (...) Cora Coralina, pouco conhecida nos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das dez mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios. Cora Coralina, um admirável brasileiro. (BRITTO, SEDA, 2009, p. 384)

Coralina sempre o respondia revelando sua gratidão e admiração, pois, era sabedora dos impactos da presença de Drummond em seu processo de distinção no campo literário brasileiro.

Mesmo possuindo idade avançada, a poetisa alcançou as dezenas de homenagens ofertadas em seus últimos quatro anos de vida. E teve nesse período uma superexposição na mídia, imprensa televisiva, o aumento das visitas em sua residência, as novas edições de sua obra, os convites para lançamentos e palestras em diversas cidades brasileiras.

Nos anos de 1983 e 1984, Cora fez várias viagens para fazer lançamentos de livros, receber homenagens e encontros com estudantes secundários e universitários em todo Brasil.

Em entrevista dizia-se realizada e que possuía dois grandes desejos: um deles é poder dizer seus poemas nos presídios, em frente das celas solitárias. Outro é conhecer pessoalmente o poeta Carlos Drummond de Andrade, do qual já mereceu várias crônicas

e um bilhete onde ele diz: “Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina”. (BRITTO; SEDA, 2009).

Após meses longe de sua terra natal, Cora regressou para a Casa Velha da Ponte em dezembro de 1984. Entre janeiro de 1985 e o dia 10 de abril do mesmo ano, data em que ocorreu seu falecimento, Coralina, permaneceu na Casa da Ponte ao lado da neta: Maria Luíza, vizinhos e amigos.

Segundo Britto e Seda (2009) nos fins de janeiro de 1985, devido à enchente do Rio Urú que interditou a estrada que liga Goiás à Goiânia, Cora recebeu a visita de muitos amigos e admiradores.

Entre fevereiro e março, mesmo debilitada, permaneceu em sua residência recebendo turistas, admiradores, imprensa e amigos. Mas, após ter seu estado de saúde agravado, no dia 08 de abril foi internada em um hospital na cidade de Goiás com um quadro de pneumonia. Cora ficou apenas um dia internada em Goiás, sendo que no dia seguinte foi levada à Goiânia, por sugestões médica e internada no Hospital São Salvador.

Em 10 de abril de 1985 Cora faleceu, na cidade de Goiânia-Goiás e assim como era de sua vontade, foi sepultada, em meio a muitas homenagens, no túmulo de seu pai na cidade de Goiás. Com ela repousa a lápide que aconchega o poema “Meu Epitáfio” e a história de vida de uma mulher que trouxe consigo todas as idades. Assim ela deixou escrito em sua lápide:

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçada às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.
(CORALINA, 2013, p. 106)

De acordo com Britto e Seda (2009) na lápide que aconchega o poema “Meu Epitáfio” está a história de vida de uma mulher que trouxe consigo todas as vidas e idades. E quando questionada, meses antes de falecer, se tinha medo da morte, respondeu: “Não em absoluto. Não acho que ser velho significa exatamente morte. Há uma passagem bíblica que diz: 'Na casa de meu pai há muitas moradas'. Vamos ver como serão essas outras”. (VERAS, 1984, p. 9)

CAPÍTULO 2

Visão de outros pesquisadores sobre contexto, natureza e lugar em Cora Coralina.

2.1 – Literatura, geografia e a arte minimizando conflitos sociais.

Segundo Carvalho (2003), Cora se valeu do personagem de si mesma para denunciar diversos atos de um tempo em que as mulheres se encontravam amordaçadas. E expressou, através da poesia, suas angústias, alegrias e aflições, recusando as discriminações e o conservadorismo que a sociedade da época lhe impunha.

Por isso, de acordo com Carvalho (2003, p.1), “é impossível falar de Cora Coralina sem suscitar a discussão do rótulo que desde a infância lhe impuseram, como ”a menina feia”, aquela rejeitada no próprio meio familiar. Assim, a sensibilidade poética da “menina feia da ponte”, como ela própria se autodenominava, captou o cotidiano de Vila Boa através da experiência de sua exclusão. Fazendo com que, mais tarde, suas ações transgressoras levassem-na a ser considerada “aventureira e libertária”.

Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compressão dos
rígidos preconceitos do passado.
Preconceitos de classe,
Preconceitos de cor e de família.
Preconceitos econômicos,
Férreos preconceitos sociais.

(Coralina, 1976, p.12-13)

Para Carvalho (2003) a poetisa: “buscou nas experiências constitutivas de sua subjetividade a força, a inspiração e o saber próprio construído para questionar e solapar a sociedade de sua época, momento no qual se revelou para o mundo, criando com a arte de escrever a principal tática para resistir às atribuições impostas às mulheres”. A escolha do pseudônimo constituiu uma de suas táticas de resistências, pois, ao ocultar o nome oficial carregado de todos os estereótipos que sua condição de mulher, dona de casa e do interior goiano carregou na primeira década do século XX, torna visível o de sua criação, livre de amarras e de rótulos, libertária o bastante para despojar-se de preconceitos e criar o novo.

Chaveiro (2007) faz uma interpretação integrada entre geografia e literatura por meio da análise dos poemas “Oração do Milho” e “Minha cidade”, de Cora Coralina.

O autor se baseia nos pressupostos de que a voz literária pode enriquecer a ação científica; e o de que componentes como a intuição, a emoção e a sensibilidade podem contribuir com a teoria do conhecimento que deseja romper as dualidades entre subjetividade e natureza, espaço e sujeito.

Desta forma, o autor afirma que os poemas interpretados revelam, no contexto de que faz referência, a densidade econômica, antropológica, cultural e geográfica do lugar, clareando impasses e tendências da geografia do sertão.

Por meio da demonstração de que os novos paradigmas do conhecimento com as bases positivistas que ampararam a ciência moderna trouxeram para a tradição acadêmica vários conceitos que se baseiam principalmente na especialização dos campos de saberes, na fragmentação temática, no reducionismo interpretativo, no mecanicismo metodológico, na concepção determinista da natureza e entre outros, na desvalorização de componentes humanos para se proceder ao conhecimento, como a sensibilidade, o afeto e a emoção, a corporeidade.

Esta crítica provém da solicitação para que ciência e arte produzam pontes que potencializem o conhecimento de referências comuns a ambos. Evitando assim, tomar um campo como o outro, ou cair na aberração discursiva, fazendo sobrar imensa possibilidade de inserir, na elaboração do conhecimento científico, um enriquecimento de perspectiva, um alargamento de ângulos.

Para o autor a geografia mundial, brasileira e goiana tem produzido experiências práticas que celebram as possibilidades de ligação entre ciência e arte. E que as categorias de análise da geografia e o seu objeto de estudo, encontram-se pautados nas narrativas literárias, em diferentes gêneros e espécies de poesia, na pintura, no cinema e, inclusive, nas *charges*.

Em Goiás o vislumbre estético com a interpretação científica, especialmente entre geografia e literatura tem feito surgir vários trabalhos desenvolvidos e orientados por Almeida (2005), Chaveiro (2005, 2005a), Mendonça (2004) e vários outros autores.

Todos estes autores trabalham na perspectiva de que a narrativa literária tece fotografias imaginárias que ajudam a desvendar conflitos sociais, modos de vida, organização do trabalho, forma e função de cidades, hábitos de morar, cultura alimentar, modos de falar, eventos culturais, molecagens, traquinagens, astúcias de camponeses, lazer, situações amorosas, preconceitos, violência e encantamento pela natureza como componentes de enredos e situações de certa “geografia do sertão”.

Estes estudos compreendem que a literatura pode ser uma fonte primordial para uma interpretação de um Goiás profundo, para além dos parâmetros matemáticos, das classificações e das diferenciações habituais.

Para a inserção do espaço goiano no centro de suas narrativas e de sua poética e produção de uma imagem desse espaço e de sua gente os literatos goianos tomaram como base as condições dialéticas entre o autor e a obra.

Darcy Denófrío (2004) informa que, por ocasião do lançamento da obra coralínea muitos escritores fizeram restrições ao tom coloquial eminentemente lírico narrativo de seus poemas, que contrastava com a poesia formal dos que estavam no centro da referência literária: “quase todos os críticos, quando não lhe torciam o nariz, batiam na mesma tecla – „é mais prosadora do que poeta“” (p. 25).

Conforme destacou José Mendonça Teles (2001), não obstante o autodidatismo da poetisa, ela transitou entre o culto e o popular, transformando-os em componentes imperativos de sua poética, não somente registrando a linguagem de um tempo, mas as implicações socioculturais dela advindas. No poema “Todas as vidas”, Cora deixa evidente sua opção lírica:

Vive dentro de mim
uma cabocla velha

de mau-olhado,
[...]
Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
[...]
Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
[...]
Vive dentro de mim
a mulher do povo.
[...]
Vive de mim
a mulher da vida.
[...]
Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida -
a vida mera das obscuras.
(CORALINA, 2006, p. 31-33)

Muitos foram os autores que tiveram experiências de vida concretas no espaço goiano e a partir de dramas existenciais que eles viveram e que foram transportados para os personagens puderam proclamar no espaço goiano, a sociabilidade que definiu a sua imaginação criadora que, depois, foi transformada em imagens, enredos e situações literárias.

De acordo com o autor mesmo que seu objetivo não seja discutir o estilo dessa literatura, é imprescindível supor que ela carrega o chão nas palavras e conduz direta ou indiretamente, pelo critério estético, o mundo a que faz referência. Esta literatura, segundo o autor, é fonte e leitura de um mundo que existiu na vivência de um tempo passado e existe no presente pelo contínuo das gerações que, no sertão, relaciona com o mundo presente. De certa forma é como se estivesse avisando que o sertão está vivo e pulsa em tudo que somos e fazemos.

Estes documentos literários são registros de uma tradição, de uma organização social, um apontamento dos rumos aos quais as transformações socioespaciais conduziram o território goiano e a sua gente, bem como, todos os que aqui vieram; os migrantes, os vendedores, religiosos etc.

Assim, Chaveiro (2007) faz a leitura dos poemas de Cora Coralina baseando-se em duas bases:

a crítica de Morin e Moigne (2000), de que a ciência moderna determinista criou a ruína da alma e a concepção de novos paradigmas que afirmam que a interação dos elementos quânticos da matéria, o movimento das partículas subatômicas como os elétrons e os *quarks*, as vibrações das cordas de energia dessas partículas e a relação com a cultura humana desenvolvem a dança da natureza – e a natureza como uma dança. Em tudo, sintetiza-se: natureza e alma se imbricam – e se pressupõem.

Para Chaveiro (2007), Morin e Moigne (2000), Lúcia Cidade (2001) e Peter Pelbart (2000), são exemplos de autores que acreditam que atualmente estão em curso novas maneiras de ler o espaço, interpretar a cultura e compreender a natureza e a sociedade. Segundo o autor esse novo tipo de interpretação e leitura de espaço é o que se chama de interpretação integrada na geografia.

Nesta interpretação integrada os elementos que compõem a natureza interagem entre si numa dança invisível, articulada e caótica. Bem como, os componentes sociais e da cultura interagem entre si e com a natureza. E são esses elos, essas redes e essas comunicações que faz tempo e espaço se ligarem e o aqui e o longe se juntarem, de maneira que a origem se encontra presente, e o “presente é abertamente contínuo”.

Com a finalidade de ler o poema “Oração do Milho”, Chaveiro (2007) toma como pressuposto duas posições sobre a natureza que povoam o atual período e que estão ligadas à cultura do contexto de Cora Coralina. A primeira compreende a natureza como recurso e a entende como espécie de máquina orgânica lógica, e outra que a interpreta como a componente central da vida, que só existe dançando em leis de probabilidades e de diferenciação total. Assim, o autor faz a interpretando o poema “Oração do Milho”.

No decorrer do poema há uma conversa emocionada do milho com Deus e esta conversa pode nos levar a refletir sobre o que Morin e Moigne (2000, p.27) chamam de ruína da alma. Destacando também os princípios de conexão entre tudo que existe constituindo a teia complexa da existência como “glória dos dias que amanhecem”. Neste poema que Cora transforma o milho numa metáfora para falar do lugar e ao fazê-lo trabalha sob uma perspectiva dos empobrecidos.

De acordo com Chaveiro (2007), em seu poema “Oração do Milho” a poetisa Cora Coralina dá voz narrativa ao milho e este numa imensa conversa com Deus entremeia a história do milho e faz também uma crítica sutil ao sofrimento de

camponeses e índios da América Latina em comparação com a opulência do trigo, apresentando vetores da natureza, da economia, da cultura, da religião, da moral, da estética, da genética e da sensibilidade humana. Vejamos:

Senhor, nada valho
Sou a planta humilde dos quintais pequenos
E das lavouras pobres

Meu grão perdido por acaso
Nasce e cresce na terra descuidada
Ponho folhas e arte

Se me ajudardes, Senhor
Mesmo planta do acaso
Solitária, dou espigas e devolvo em muitos grãos
O grão perdido inicial
Salvo por milagre
Que a terra fecundou

Sou a planta primária da lavoura
Não me pertença a hierarquia tradicional do trigo
E de mim não se faz o pão alvo universal
O justo não me consagrou pão da vida
Nem lugar me foi dado nos altares. [...]
(CORALINA, 2006, p. 156).

Muitas são as imagens que o poema retrata e estas revelam por certo o lugar humano de Cora, a força de sua arte e o seu compartilhamento afetivo pelos signos sociais que pertencem ao seu espaço e ao seu tempo: os quintais, as lavouras pobres, os trabalhadores da terra, proletários, pequenos sitiantes, as galinhas, o galo, os porcos, os muars, os bosques...

Sou apenas o alimento forte e substancial
Dos que trabalham a terra
Onde não vingam o trigo nobre
Alimento dos rústicos e animais do jugo

Quando os Deuses da hélade corriam pelos bosques

Coroados de rosas e espigas
Quando os hebreus iam em longas caravanas
Buscar nas terras do Egito os trigos dos faraós
Quando Ruti respinga cantando na seara dos Bóos
E Jesus abençoa os trigais maduros
Eu era apenas o bró nativo das terras ameríndias
(CORALINA, 2006, p. 156-157).

Coralina com muita sensatez e dignidade usa o diálogo para lembrar os ameríndios num cruzamento entre história, antropologia e geografia. Fazendo contraponto aos “homens de comércio” e de “dinheiro avantajado”.

Sua atenção ao plano estético, oriundos da natureza, também é evidenciado no poema. As folhas, a reluzência ourificada dos grãos, as poedeiras e os ninhos são quadros pictóricos de sua significação estética que gira em torno do milho. A solidariedade e fraterna com o “escravo na exaustão do eito”, com o galo que dá o sinal para o trabalho e, logo, para a sustentação da vida, com o imigrante que tem que enfrentar um lugar estranho.

Para Chaveiro (2007) o poema trabalha a estética advinda da natureza. A estética se junta à ética demonstrando que só é justo o que contribui para a edificação da vida. Assim, o que é belo é o angu, a broa, a farinha econômica, os porcos. Pois, são ingredientes que produz “uma existência rústica e humilde”.

Fui o angu pesado e constante do escravo
Na exaustão do eito
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante
Sou a farinha econômica do proletário
Sou a polenta do imigrante
E amiga dos que começam a vida em terra estranha
Alimentos de porcos
E dos tristes “Mu” de cargas
O que me planta não levanta comércio
Nem vantagem dinheiro.[...]
(CORALINA, 2006, p. 157).

O milho de Cora é desprezado por ser um alimento dos rústicos, assim, é possível duas críticas em relação a este desprezo: uma de caráter geopolítico quando o milho se faz menos representado que o trigo por ser alimento e maior identificação com os povos da América, e outra por fazer parte da alimentação de sujeitos empobrecidos.

Ao comparar o milho com o trigo no imaginário cristão, simbolizando o “pão dos justos”, a crítica fica ainda mais contundente, pois, cria um preconceito às religiões indígenas e camponesas, negando o milho e sua imensa inserção cultural, já que este não serve para fabricar a hóstia sagrada. No entanto, a poetisa demonstra sua preferência pelo que é “necessário e humilde”.

Sou apenas a fartura generosa
E despreocupada dos paióis
Sou o cocho abastecido onde ruma o gado
Sou o canto festivo dos galos
Na glória dos dias que amanhecem
Sou o cacarejo alegre das poedeiras na volta de seus ninhos
Sou a pobreza vegetal
Agradecida voz, Senhor
Que me fizeste necessário – e humilde
Sou o milho.
(CORALINA, 2006, p. 157).

Situado num contexto histórico, o milho de Cora está presente em sua vida, na experiência social da Velha Goiás. Esse contexto define não apenas o período que a poeta vivenciou, mas seu lugar, seu espaço num contexto socioterritorial.

A poetisa nos fala de um lugar no tempo e esse lugar se destacou no período aurífero, mas perdeu o posto de capital do Estado de Goiás. Este lugar passou por mudanças em suas atividades econômicas, em especial no século XX devido às condições de relevo, solo e aspectos políticos, vindo a ser um território de empobrecidos, mesmo que, comandados sob o mandonismo do poder.

Cora então se constitui enquanto pessoa neste lugar relacionando com a cultura, os signos, os símbolos e os ritos que lhe foram apresentados. Esta convivência a transforma em alguém que observa e também interpreta a realidade a sua volta. É

através deste lugar que Cora fala, é neste lugar que situa sua alma, que intermedeia sua relação com o mundo dando sentido para condição de sujeito.

E na interpretação do poema “Minha Cidade” Coralina faz um passeio observando a paisagem de sua cidade natal destacando a si mesma e sua relação com o espaço e com o outro.

Ao lançar o olhar do outro sobre si ela transforma o que parece simples em uma sofisticação, pois, trata de um olhar profundo da poetisa que parece ter consciência de como o lugar olha para si, sendo ela mesma o próprio lugar.

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
De tuas ruas estreitas,
Curtas,
Indecisas,
Entrando,
Saindo
Um das outras
Eu sou aquela menina feia da ponte da lapa
Eu sou Aninha

Eu vivo nas tuas igrejas
E sobrados
E telhados
E paredes.
Eu sou aquele teu velho muro verde de avencas
Onde se debruça
Um antigo jasmineiro
Cheiroso
Na ruinha pobre e suja

Eu sou estas casas
Encostadas
Cochichando umas com as outras
Eu sou a ramada
Dessas árvores,
Sem nome e sem valia,

Sem flores e sem frutos,
De que gostam
A gente cansada e os pássaros vadios

Eu sou a dureza desses morros
Revestidos
Enflorados
Lascados a machado
Lanhados, lacerados
Queimados pelo fogo

Pastados
Calcinados
E renascidos

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa
Eu sou Aninha.
(CORALINA, 2006, 34-36).

Para Miranda (2006), a integração do sujeito com o espaço é chamado de “sujeito geográfico” e em Santos (1996), ressalta não existir vida sem uma incursão do sujeito no território, é demonstrada pela “perícia metafórica da linguagem poética”. Assim, Coralina adentra fundo na estrutura de classe que sustenta o lugar, juntando estética e política, imaginário e geografia.

A amplitude de sentido que proporciona seu “milho metafórico” ou seu passeio carregado de sensibilidade pela sua cidade natal proporciona para o leitor a missão de um olhar transdisciplinar. Com esta visão a poetisa engloba num mesmo pensamento, vários níveis de conhecimento da realidade, elucida diversos temas, obtém de cada coisa uma gama de possibilidades, faz a crítica com rigor e leveza juntando sensibilidade e razão.

De acordo com Chaveiro (2007) os poemas de Cora pode ser também para os leitores que possuem uma vontade criativa, um vetor para sair do contexto da poetisa e olhar fundo o contexto atual. A poética de Cora se coloca então como uma espécie de guardiã da cultura passada como memória documental instigando o pensar presente para enfim, encontrar as linhas e os fios que produzem as transformações socioespaciais do lugar e do mundo.

“O fato de o “milho de Cora” ter sido interpretado sob os aspectos do paradigma positivista e da complexidade é como um “milagre de uma terra profunda”, bem como, as concepções de espaço, natureza, cultura e consciência se fundirem num único “lume interpretativo” para Cora e os diversos autores citados em seu artigo.

Em Pelbart (2000), assim como muitos outros autores, atualmente o tempo é superior ao espaço. Ou a afirmação de que o espaço é transformado pelo tempo e acontecimentos sociais. Para nossa reflexão, Chaveiro questiona se o espaço influi para os “necessários e humildes” e como os necessitados estão no espaço atual?

Estas questões nos levam a pensar como estamos trabalhando o saber geográfico e seu diálogo com os paradigmas do conhecimento e como lidamos com os duetos dicotômicos da tradição do saber moderno, como sociedade e natureza, cultura e natureza, espaço e tempo etc.

Apontando também o uso da estética pela literatura na busca pela compreensão dos fenômenos sociais. O autor relata que, os textos de Cora se colocam abertos e nos levam a várias possibilidades de leitura. Estes textos demonstram também que, “sensibilidade é componente do conhecimento”. Pois, a vida deverá ser sempre o nosso objeto de estudo, a razão de nossos métodos, a justificativa para podermos trabalhar, criticar e sonhar.

E finalizando ressalta que o fazer poesia tem o poder de deixar transparecer os problemas reais sócios históricos vividos pela sociedade de uma maneira singular que a ciência moderna não conseguiria. Até porque a tradição científica que triunfou a partir do século XVIII contribuiu para isso.

Esta tendência sempre visou mais a produção, o servilismo tecnológico e em especial a forma com que tratou natureza e sujeito, matéria e subjetividade, fez surgir um sujeito fragmentado que vive hoje no mundo contemporâneo.

Para Morin e Mogne (2000) esta é uma “ciência sem consciência”, pois, faz com que o sujeito se sente alheio ao mundo e a si mesmo em tudo que faz e ao que recebe. É como se ele não fizesse parte daquela realidade e nem pudesse contribuir para tal.

Esse pensamento do sujeito cria uma desarmonia que reflete na alma e produz sua ruína. Mesmo o sujeito vivendo meio a uma multidão, cercado por tecnologias, atualizado pelos códigos simbólicos que são gerados no mundo inteiro haverá dificuldades de comunicação afetiva e de fortalecimento de laços de união da coletividade. Assim, a tendência é o isolamento, a solidão.

Cada vez que se cria um sujeito que consome signos alheios perdendo sua própria identidade ele se distanciará ainda mais de suas próprias raízes e esse seu distanciamento de si fará com que terá as doenças dessa alma em ruína, como a depressão, a ansiedade, a esquizofrenia.

A ruína da alma é o resultado do desencontro historicamente constituído de um sujeito que não se reconhece no mundo, e assim, não se reconhece como ser capaz. Desta forma, passa a ceder aos apelos das tendências da atualidade e das fantasias embrulhadas pela mídia.

O papel da poesia é possibilitar uma recuperação do sujeito. Por meio da poesia é possível estremecer, assustar e interrogar, assim como faz Cora Coralina em seus poemas, em vez de simplesmente consumir, filiar e aceitar a realidade. Entretanto, ser poeta não é viver poeticamente e sim produzir sensibilidade voltada para interrogação poética, desvendando em cada coisa, como faz Coralina, seus universos e sua transcendência.

2.2 – O sagrado e a natureza sob o olhar de Cora Coralina.

Em Pereira (2004), a autora reporta-se sobre Cora Coralina falando do espaço que residiu (cidade de Goiás), sua história de vida e o que a poetisa representa para os goianos em especial para a cidade de Goiás. A autora também relata a força simbólica das hierofanias (algo sagrado que se revela) da natureza na poética coralineana.

Sobre as hierofanias, a autora trabalha na perspectiva de Mircea Eliade (1992) que, analisa essa categoria em várias de suas obras, dentre elas, “*O sagrado e o Profano*”, que ilustra a oposição que se estabelece entre estas duas realidades, descrevendo as modalidades do sagrado e a situação do homem num mundo carregado de valores religiosos. E o autor complementa dizendo que o objeto torna uma hierofania no momento em que deixa de ser um simples objeto profano e adquire uma nova “dimensão” a da sacralidade.

De acordo com Pereira (2004), as obra de Cora Coralina manifestam as imagens sobreviventes da sacralidade cósmica, pois, Cora santifica seu espaço e sua época: sua Casa Velha da Ponte, o Rio Vermelho, sua biquinha d’água, a terra, a água, os vegetais, as pedras, as festas, os rituais religiosos (templo sagrado). Apaixonadamente, destaca os traços de goianidade e seu grande amor pelas coisas vilaboenses: as igrejas, os becos, a paisagem, a gente, os costumes do lugar...

Neste sentido de acordo com a autora, as preocupações de Cora vêm ao encontro das preocupações ecológicas da sociedade pós-moderna: o respeito à natureza, proteção ao ambiente e a preservação dos recursos naturais para garantir os elementos vitais do planeta terra, nossa “grande morada”.

Atualmente existe, segundo a autora, grande movimento em favor da preservação do ecossistema, ecologia, reserva ecológica; patrimônio natural ou

ecológico da humanidade. E destaca que estes são temas da moda havendo movimentos de protesto e ecologistas atuantes. Por outro lado, as escolas entram na batalha da conscientização dos jovens, mostrando o absurdo do imediato; contra o futuro que é a sobrevivência do planeta terra, ou seja, do lucro fácil, da ganância da devastação e desastres da poluição.

Assim, Pereira (2004), citando o professor Haroldo Reimer destaca que há hoje uma necessidade de pensar novas práticas pedagógicas através da interdisciplinaridade e complementaridade curricular e que o discurso religioso deve estar sintonizado com outros campos do saber, devendo promover a compreensão da interdependência econômica, social, política e ecológica, proporcionando conhecimentos necessários à proteção do ecossistema como também formando novas formas de conduta nos indivíduos e na sociedade, a respeito do meio ambiente.

Voltando para o campo poético, podemos constatar de acordo com a autora que, “a poesia retrata todo o universo humano, toda a natureza cósmica por meio do mais rico imaginário simbólico – pela própria natureza estrutural, multivalente – captando a realidade das coisas e dos seres, das inter-relações entre os seres vivos e a natureza”. (p. 97)

Com esta linguagem simbólica e imagística situa-se muito proximamente do campo religioso, sagrado, trazendo, por esta característica, uma dimensão mística à poesia e não raras vezes ao elemento poetizado.

E na perspectiva de que o símbolo é a matéria prima da arte poética Pereira (2004) focaliza a poesia coralínea e especificamente suas inúmeras hierofanias que foram coloridas pela linguagem poética da autora.

De acordo com Velasco (1990), Coralina por meio dos elementos que apontam à química do chão, como, a terra, a água, a pedra, a árvore, retrata as figuras de recorrência que trazem em suas simbologias o infinito movimento cíclico da vida.

Na obra de Cora transparece uma solidariedade infinita entre o telúrico de um lado, o vegetal e o humano de outro, em razão de ser a mesma vida por toda parte que palpita tanto na Mãe como nas suas criaturas. Em Eliade (1993, p. 206) “Há entre a Terra e as formas orgânicas por ela geradas um laço mágico de simpatia”.

De acordo com Pereira (2004), os elementos hierofânicos relacionados a seguir que foram focalizados na poesia coralínea primam pela goianidade e, principalmente, unem-se à preocupação universal ecológica. Estes mesmos elementos hierofânicos ecoam em uníssono um hino apologético à ecologia sagrada e faz com que a poetisa

alcance a condição de pedagoga da pós-modernidade pela vibrante voz em favor do que é ambiental.

O primeiro elemento é a terra que para Coralina é símbolo da maternidade universal. Segundo Pereira (2004), há nas hierofanias coralineanas algumas que são bastante frequentes, sensibilizadoras e fortes. Principalmente as que se referem ao telúrico. A terra, por exemplo, é especialmente sagrada e a poetisa a trata como a “Grande Mãe Universal”, aquela que é responsável pela origem de tudo o que existe nela e sobre ela, tanto que a considera: nutridora, dadivosa, receptiva e berço último das criaturas pela lei do “eterno retorno”. Dentre os poemas que Pereira (2004) traz para falar a questão do sagrado em relação à terra estão: “A Gleba me transforma”, “O Cântico da Terra”, “Poema do Milho”, “Assim será minha vida”, “Mensagens de Aninha”.

O segundo símbolo sintetizador das inúmeras hierofanias que Pereira (2004) aborda são as águas. Para Eliade (1991), as águas constituem símbolos solidários, sendo o único sistema capaz de integrar todas as revelações particulares das inúmeras hierofanias, indo do batismo (lavar o pecado) e do dilúvio (destruir o mal) ao ato de regeneração, purificação, renascer e santificar.

O simbolismo das águas em Cora se apresenta comportando diferentes funções: dar vida, regenerar, limpar e lavar sujeira, destruir, matar (morte de renascença). Porém, a sacralidade se destaca quase sempre no campo provedor de vida em vários poemas enriquecidos por metáforas significativas como pode se ler nos poemas: “Rio Vermelho”, “Anhanguera... Anhanguera” e “Poema do Milho”.

O terceiro símbolo hierofânico abordado em Pereira (2004) são os vegetais. De acordo com Pereira (2004), na história de todas as religiões, nas tradições populares do mundo inteiro, na arte popular, nas místicas arcaicas, na iconografia, nas metafísicas está presentes a existência de ritos e símbolos vegetais. Mas, esta mesma vegetação nunca foi adorada por ela mesma, mas pelo que ela significara, ou através dela se revelara.

E com a conotação de sacralidade encontra-se em Cora Coralina inúmeras passagens que se referem à agricultura (plantio, colheita), ao cultivo de flores, às árvores frutíferas de sombras benfazejas e de frutos saborosos para a delícia das crianças e para os tachos das doceiras de Goiás, ofício que também exerceu a própria poetisa.

Sua intimidade, veneração e amor com as plantas justificam-se por ser Coralina a “poetisa do cerrado”, pois, nasceu e viveu em um ambiente de vasta riqueza vegetal, de espécies nobres e raras. Sendo que ela mesma cultivou árvores, flores e plantou lavouras.

Para Pereira (2004) os poemas, “Poema do Milho”, “Oração do Milho”, “A Flor”, formam a tríade representativa de sua veneração aos vegetais. Esta veneração alcança o devocional assinalando uma teia imagética com alto teor de poesia. Além destes, a autora destaca, “Assim será minha vida”, “A lenda do trigo”, “A Jaó do Rosário”.

O quarto e último símbolo hierofânico abordado por Pereira (2004) são as pedras. Eliade (1993) afirma que sendo a pedra de existência duradoura é reconhecida como símbolo do poder divino e muitos outros símbolos como, poder, firmeza, dureza, resistência, inércia, indestrutibilidade, permanência, imutabilidade e invulnerabilidade. É no sentido de resistência e solidez que a autora percebe a frequência da palavra pedra em Cora Coralina.

2.3 - O Rural como um dos lugares que a poetisa pertenceu.

Para Britto e Santos (2009), a temática do rural ocupa uma espécie de grande importância na história da literatura brasileira. Os espaços rurais compuseram referência e ambiência em diversos períodos como romantismo, parnasianismos e regionalismo.

Os processos estéticos e sociais, a industrialização e urbanização tardia e incompleta no país, o sustento da economia urbana pela produção rural, o desenvolvimento do país por bases agrárias, o êxodo rural; entre outros, possuíram relevância no imaginário intelectual de muitas regiões brasileiras. Além, desta dinâmica, ressalta-se a trajetória de escritores oriundos dos espaços rurais e sua forte ligação a eles, é o caso da poetisa Cora Coralina (1889-1985).

O fato de muitos artistas terem dado prioridades a tal conteúdo narrativo não implica que este era oriundo do meio rural, pois, várias narrativas sobre o rural são provenientes de artistas inseridos no meio urbano.

O que Britto e Santos (2009) destacam é a constância com que a temática do rural era retomada. Esta constância expressa as conexões históricas entre as criações literárias e os contextos políticos e sociais vivenciados pelos artistas em nosso país.

Na obra da poetisa Cora Coralina o rural compõe uma das instâncias fundamentais para compreendê-la. Cora teve uma trajetória enraizada nos espaços rurais e elaborou uma obra ricamente fértil na reinvenção estética e simbólica de elementos como a terra, o trabalho manual, a união entre a natureza e a (re) produção da vida, as plantações, as criações, as relações de poder e dominação, em suma, as práticas diárias e corriqueiras manifestas em versos epilíricos.

Segundo Britto e Santos (2009), os poemas de Cora que tem como tema o rural foram poucos estudados, estes poemas são exemplos de como a poetisa construiu seu projeto criador; tecendo os fios da memória no retorno a um passado distante e utilizando as matizes autobiográficas.

De acordo com Darcy Denófrio (2004), a postura de Coralina era claramente épica nos poemas que tratam das relações humanas no ambiente rural e nos que celebram elementos da natureza. Cora conscientemente aponta algumas destas características em sua obra. “Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso”. (CORALINA, 2001. p. 25).

De acordo com Britto e Santos (2009) Cora fala em uma só voz com os modernistas quando revela seu intuito de rever, escrever e assinar os autos do passado. Pois, este era um de seus desejos.

Informam que para melhor compreendermos basta lembrarmos as pesquisas folclóricas organizadas por Mário de Andrade com o objetivo de compreender a realidade brasileira e traçar as coordenadas de uma cultura nacional.

Desta forma, Cora se coloca como, mediadora entre os autos do passado e o presente. Interessante também observar que seus poemas que evocam o rural não foram escritos quando criança e adolescente na Fazenda Paraíso, em Goiás, ou quando viúva no interior de São Paulo.

Cora escreveu sua obra na maturidade, vindo publicar seu primeiro livro aos 76 anos, em 1965, período em que ficou reclusa (de forma voluntária) na Casa Velha da Ponte, cidade de Goiás. Assim, sua lírica se mantinha da reminiscência, da memória seletiva de algumas experiências do passado e que considerou necessário registrar: “sou a espiga e o grão que retornam à terra. Minha pena (esferográfica)...” (CORALINA, 2007, P. 109).

Para Britto e Santos (2009), o texto poético de Cora é um modelo de narrativa individual que se transforma em um registro da vivência de muitos. Desse modo: “explorar as veredas de sua poética é dialogar com temáticas significativas à

compreensão do imaginário e das relações cotidianas sedimentares no ambiente rural que traduzem, em certa medida, alguns contornos da vida no interior do Brasil”.

Os autores afirmam que para compreender o rural na obra de Cora Coralina é preciso considerar que os processos literários estão relacionados aos processos sociais, apesar de algumas abordagens formalistas não considerarem que a literatura está relacionada com a sociedade. Pois, “a criação cultural é pensada, sempre em conexão com a percepção do criador em relação aos amplos contextos e desafios que lhe cercam como, indivíduo localizado numa determinada posição no universo social e nos espaços literários”. (Britto e Santos 2009, p. 05).

Britto e Santos relatam que o rural na poética de Cora não é apenas um dado espaço geográfico, um nome de um espaço que se opõe à cidade sendo responsável pela produção de alimentos, ou um lugar de surgimento da economia primária. Coralina, expressa em seus poemas uma representação sociocultural através de uma narrativa fundamentada em discursos que são reconstruídos discursivamente.

O que Britto e Santos destacam na análise dos poemas de Cora não é saber diferenciar campo, roça, rural ou mesmo uma projeção de um retrato, imagem copiada, como pintura naturalista, mas, sim a literatura como construção sociocultural, artefato com sentido histórico, dentro de espaços nacionais particulares e compostos a partir de significados linguísticos incompreensíveis fora de seu contexto social.

Para Britto e Santos (2009) Cora utiliza da estética para falar do rural e conciliando uma visão de mundo da autora para expressar um sentimento que surge para se tornar expressão do que foi sentido e ou lembrado em sua trajetória social ligada a experiência rural.

Em (Velasco, 1990; Fernandes, 1992) a intimidade que Cora estabelece entre sua vida e a terra, demonstrado intensamente acerca de temas telúricos, trata-se de uma vasta experiência social existentes em diversos modernistas e regionalistas nas décadas de 30 e 60. Experiência que está relacionada à modernização do país, urbanização tardia, entre outros. Porém, para a compreensão do rural em Cora não se deve levar em consideração apenas tais acontecimentos, entretanto, estes viabilizam um caminho a mais para entender sua experiência, reconhecendo suas criações no contexto sociocultural brasileiro, que era seu próprio contexto. “Tive trabalhadores e roçados... patrão”. (CORALINA, 2007, p. 49 – 50)

O rural neste poema surge em consonância com o trabalho braçal, que é responsável pela produção e reproduz vida. A poetisa fala da experiência dela mesma e

de trabalhadores que ela conhecia, mas, não fala somente de si. Cora fala da mulher que viveu da roça e na produção agrícola, que surge por meio do trabalho rural, mas não vive a partir dele.

O poema apresenta uma vivência no rural dividido entre aqueles que, dão sua vida ao trabalho duro e os que, se apropriam vantajosamente do lucro da colheita. Para o trabalhador sua recompensa se resumia na contemplação daquilo que seu espaço criou. “Viam com prazer o paiol cheio e a tulha derramando, embora não tivessem parte naqueles lucros”.

Coralina apresenta uma metáfora entre a criação poética e a criação do trabalho dizendo que assim como o trabalhador, o poeta não sobrevive de suas construções, mas que é senhor de suas potencialidades criativas. De certa forma, Cora também apresenta no trato com a terra uma abstração das diferenças que são características das relações sociais. O trabalho rural era ausente de participação nos lucros, mas, era recompensada por uma utópica participação universal, na criação que vinha do trabalho com a terra.

Para a compreensão da importância do rural na poesia de Cora Coralina, é necessário destacar a grandeza de recordação, de reconstrução da memória que estabelece a criação da autora. Não podemos questionar apenas os dados documentais deixados pela poetisa, mas a grandeza que suas experiências sociais representam em sua reconstrução poética. Em Britto e Santos (2009, p. 7):

o rural aparece como estrutura de sentimento do vivenciado, como resgate de um habitus compreensível no seio da experiência histórica da autora, a qual, sem hierarquias simbólicas, substancia suas criações, vinculadas à experiência da terra e do rural, à experiência de mulher engajada no ofício poético, num espaço masculinizado como o campo literário, reportando-se a um espaço social de dominação masculina, como o rural.

Para recordar a infância Cora recorre ao poema “Na Fazenda Paraíso”, este poema é caracterizado também pela recomposição literária de um sistema de organização sociocultural elaborado pela fazenda. O rural é um espaço de produção tanto do material, quanto de vivências e interação. Um espaço como micro-cosmo social com abundância e muitas convivências. Na fazenda se congrega as experiências, mas também é espaço com delimitação geográfica onde há um sistema social próprio, cheio,

entre outros, de relações de poder: “tínhamos ali nosso Universo” (CORALINA, 2007, P. 91).

Coralina traz sua experiência na Fazenda Paraíso de forma alegre, festiva e com muita saudade: “Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmaria, nos dias/ da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia,/ que todos diziam Mãe Yayá, minha velha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá” (p. 56). Para isso ela conta que, cada membro da família tinha uma posição e uma condição demarcada no sistema social que regia a Fazenda.

Coralina tem para a vida rural, um olhar de saudosismo e esse olhar resgata uma integração mais profunda com a natureza. A proximidade com a natureza redonda em um olhar de harmonia entre dinâmica social e o que é posto em disponibilidade pelo ambiente. O rural apresentado e vivenciado por Cora é o espaço da fartura, não do excedente. A fartura significava manutenção da vida e não de acúmulo: “o forno de barro estava sempre aceso / e a copa e a mesa das refeições transbordavam da fartura / e da abundância da casa grande” (p. 64).

A fartura no espaço rural simbolizava também não apenas, abundância alimentar, mas espaço de convivência e purificação, recomposição da saúde deteriorada pela típica vida urbana.

“Acordávamos cedo e corríamos para o curral. Copos e canecas na mão e o primeiro apoio espumado e morno tinha um gosto renovado e puro. Depois, o mundo do engenho. A garapa de cana serenada, a garapa fervida, o melado com mandioca cozida no respiradouro da fornalha, “forrando o estômago” para o almoço às nove horas, invariavelmente. Aqueles hóspedes ganhavam novas cores, nutrição, nesse regime de fartura e ares puros. Banhos nos ribeirões, passeios pelos campos. Comiam fruta do mato, carne de caça, leite de curral, ovos quentes. Tudo substancial e forte. Voltavam outros para a cidade, carregando ainda lataria de doces e frutas do quintal, ovos, frangos e queijos. Era a regra do tempo”. (CORALINA, 2007, p. 65).

De acordo com Britto e Santos (2009), é importante observar que, a dinâmica da vida rural é trabalhada no plano da memória, quando Cora busca reconstruir a história. A poetisa, não celebra a contemporaneidade dessa situação de abundância. As condições de abundância pareciam existir, num momento de desenvolvimento das relações mercantes no campo, pois, a produção de alimentos era essencial à obtenção da vida.

Para o autor Coralina relata que as relações sociais no rural são mais humanistas, familiares e se voltam para as tradições afetivas, numa solidariedade mecânica, em que os indivíduos compartilham o que possuem, sem se submeter a um sistema complexo de diferenciação. Estas condições se apresentam no seio de um conjunto de relações sociais que estão distanciadas da lógica das trocas monetárias e do individualismo próprio do sistema capitalista. Entretanto, como afirma a autora, estas sociabilidades desapareceram-se frente às mudanças do mundo rural que foi submetido mais e mais à lógica intrínseca da modernização seletiva.

Aqui a poetisa descreve: “hoje ele consome na cidade, basta dizer que a roça já não queima mais lenha, tem fogão à gás, gás de botijão. A roça compra café torrado e moído na cidade para fazer lá na roça. Não torram mais café, nem socam no pilão e moem no moinho” (FONSECA, 1982).

Para Britto e Santos (2009) os poemas de Cora poderiam ser considerados como uma espécie de documentário da vida rural e para confirmar faz uma citação de J. B. Martins Ramos que aparece no livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* de Cora Coralina. “é uma surpresa e um gosto notar os conhecimentos da vida rural expressos e implícitos em muitos deles” (J. B. Martins Ramos, In: CORALINA, 2001, p. 10).

Desta forma Britto e Santos concordam com Oswaldino Marques quando registrou que:

Beiradeando mais o lado da realidade do que da linguagem, ela ensaia preferentemente a polpa de suas vivências, ou melhor, dito, os dados da sua circunstância concreta. Se não inova, repoeiza – e com que convincentes poderes! – dilatados espaços brasileiros. (...) É sábio, todavia, o matizamento logrado mediante o uso de considerável cópia de regionalismos que, sobre responderem por esplêndidos efeitos sonoros, estilísticos, robustecem a confiança do leitor na consumada ciência ambiental, ecológica, de quem, como a poetisa, maneja com absoluta perícia o instrumental denotativo da região. Ao lê-la pensamos, não raro, num Guimarães Rosa transposto para a poesia de Goiás (In: CORALINA, 2001, p. 14-15).

Quando Cora lembra a vida rural por meio de uma recomposição de sua memória Cora expressa um ambiente social do passado “no antigamente, naqueles velhos reinos de Goiás” (CORALINA, 2007, p. 69).

As lembranças são marcadas pela mudança de um modo social que não existe mais: “Eram essas coisas na fazenda Paraíso./ E como todo paraíso,/ só valeu depois de perdido” (p. 91).

Cora conta em um dos poemas que tem como tema a vida na Fazenda Paraíso, que era costume, contar casos, narrar fatos, acontecimentos ou inventados, gestos que surgia no momento de descontração e que servia para reforçar os laços familiares e ao mesmo tempo fazia parte do cotidiano da vida rural:

Meu avô puxava o tamborete da cabeceira, tomava assento. Tio Jacinto vinha e se ajeitava, nós, gente menor, rodeávamos o fogo sentadas em pedaços de couro de boi, pelo chão.
Gente grande nos bancos em fileira. Ricarda, acorada, alimentava o fogo. Ficávamos ali em adoração naquele ritual sagrado, que vem de milênios, de quando o primeiro fogo se acendeu na terra. Contavam-se casos. Conversas infundáveis de outros tempos (CORALINA, 2007, p. 61).

Para Britto e Santos (2009) o fato de Coralina ter tido uma infância entre contadores fez com que ela se tornasse uma “exímia contadora de casos”. E citando Walter Benjamin (1985) afirma que a fonte de todos os narradores seria a experiência que é transmitida de pessoa para pessoa.

Assim, Coralina também imprime uma estratégia para uma poética confessional pautada na oralidade. Esta é uma iniciativa que tem por objetivo fazer com que o leitor interaja com sua obra. E para alcançar este objetivo Cora utiliza-se de termos comumente utilizados no ambiente narrado. Além de relatar fatos que fizeram parte de sua vivência e que certamente estão inscritos na memória de todos “de uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também se passaram comigo” (CORALINA, 2007, p. 19).

Em Suely Pinheiro (2003) Cora adentra espaços censurados para a mulher ao deixar lugares com jardim e buscando em sua poética espaços significativos como o pasto e o campo. Assim, Britto (2009) destaca que não há diferença entre termos considerados poéticos e não poéticos. Com isso, Cora prova que até as coisas mais banais do cotidiano constituem conteúdo para sua poesia.

E o melhor para limpar de bernes e carrapatos era o sal grosso, torrado, e a salga geral se fazia uma vez por ano. (...) Arrebanhavam o gado, traziam em correria para os currais. (...) Marcava-se a ferro quente a rês ainda desferrada. Castravam-se os machos. Alguns castradores mais antigos faziam, num canto do curral, um braseiro e, ali, em espetos já preparados, assavam e comiam com farinha, sal, pimenta e limão, as glândulas espremidas dos garrotes (CORALINA, 2007, p. 63).

Britto e Santos (2009) informam que o rural na obra de Coralina não aparece apenas como temática, mas, há um trabalho obsessivo com a linguagem. A preocupação em registrar as imagens de um tempo e de um espaço é uma das formas encontrada pela poetisa é a utilização de vocábulos típicos que mescla sua poesia. Observe que os vocábulos estão presentes não somente, mas falar dos personagens, mas, muitas vezes, incorporados no próprio eu lírico:

Minha bisavó não falava errado, falava no antigo, ficou agarrada às raízes e desusos da linguagem e eu assimilei o seu modo de falar. Ela jamais pronunciou “metro”, sempre “côvado” ou “vara”. Nunca disse “travessa” e sim “terrina”, rasa ou funda que fosse, nunca dizia “bem vestido”, falava – “janota” e “fama” era “galarim”. Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas como Inhô, Inhá, Inhora, Sus Cristo (CORALINA, 2007, p. 74).

De acordo com Britto e Santos (2009), Coralina por meio dos aspectos da linguagem deixa transparecer experiências vividas em um momento sócio-histórico e participa do processo de incorporação dos modos de vida. Desta maneira, podem-se identificar representações, emoções e dimensões subjetivas do individual e coletivo o que facilita a interpretação da experiência rural de sua localidade.

Para Britto (2009) o poema do Milho revela que a estrutura de sentimento incorporaria experiências e processos sociais ao estudo da cultura. Assim, o autor aponta as palavras de Oswaldino Marques a respeito do poema, deixando claro (o grande sentimento que o homem rural assume com a terra.) a capacidade de Coralina em transformar a ciência do cultivo da terra numa autêntica poesia. “Nele se contém talvez a mais brilhante poetização da febre genésica vegetal que conheço. É de ver a arte

consumada com que a Autora goiana transmuta a sua ciência do cultivo da terra em superior, lídima poesia” (In: CORALINA, 2001, p. 17). Vejamos:

Lanceado certo-cabo-da-enxada.
Vai, vem... sobe, desce...
Terra molhada, terra sarroia...
- Seis grãos na cova, quatro na regra, dois de quebra.
Sobe. Desce...
Camisa de riscado, calça de mescla.
Vai, vem...
Golpeando a terra, o plantador.
(...)
Cavador de milho, que está fazendo?
Há que milênios você está plantando.
Capanga de grãos dourados à tiracolo.
Crente da Terra. Sacerdote da terra.
Pai da terra. Filho da
terra. Ascendente da
terra. Descendente da
terra.
Ele, mesmo, terra (CORALINA, 2001, p. 161).

Em Poema do Milho, a autora deixa transparecer a importância que tem a terra para o homem rural. Assim, para a compreensão da obra de Cora Coralina, faz se necessário o conhecimento fundamental do rural. Já que, parte de sua lírica está vinculada a esse universo.

2.4 - Os muitos lugares da monumentalização de Cora Coralina.

Em seu artigo *Cora Coralina: a construção da Mulher-Monumento*. Andréia Ferreira Delgado (2008). Traça um percurso pela narrativa de sua tese “*A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*”⁴¹, revelando a investigação sobre uma rede de memórias, tecidas pelo entrecruzamento de diferentes campos discursivos na literatura, patrimônio e crítica literária que, inventaram Cora Coralina e disputaram a instituição da biografia hegemônica.

⁴¹Tese de Doutorado em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas no ano de 2003.

As redes de memórias que a autora fez referências são a autobiografia tecida pela poetisa, a memória construída pela exposição do Museu Casa de Cora Coralina, a biografia escrita pela filha de Coralina e a memória subterrânea engendrada em Goiás.

Para traçar este itinerário, Delgado (2008) investigou a teia discursiva que produz Cora Coralina como símbolo da cidade de Goiás, entrelaçando o conceito de memória com a categoria gênero. Para a autora ao criar o termo Mulher-Monumento ficou agenciado continuamente valores, normas, representações, trajetórias e papéis sociais historicamente construídos para o gênero feminino⁴².

Delgado (2008) definiu monumento, no sentido tradicional, como uma obra erigida para ultrapassar o presente e transmitir à posteridade a memória de uma pessoa ou fato. E que na sociedade contemporânea, a construção de indivíduos monumentos com o poder de representar, evocar e perpetuar o passado representa objeto privilegiado no estudo da constituição e imposição da memória coletiva.

Para Delgado (2008) a monumentalização⁴³ de Cora Coralina está entrelaçada ao processo de instituição de Goiás como cidade histórica e turística. Uma explosão discursiva tece a rede que captura a poetisa e a cidade para a trama da história da memória, objetivando-os enquanto “lugares da memória” por meio de estratégias entrelaçadas que produzem Goiás como âncora da identidade regional e, ao mesmo tempo, inventam Cora Coralina como símbolo emblemático da cidade.

Assim, como nos ensina Le Goff (1984) no campo da memória existem conflitos e relações de poder que marcam as disputas pela dominação da recordação e da tradição.

Neste sentido Delgado (2008) afirma que na cidade de Goiás interessa também estudar os discursos dissidentes e delinear a memória subterrânea que, ao estabelecer a biografia de Coralina a partir de determinada concepção do gênero feminino, produz a Cora-estigmatizada.

Para Delgado (2008) o gesto inicial de construção do Monumento está no entrecruzamento do campo da literatura com a mídia, já que uma teia discursiva confere visibilidade para Cora Coralina ao entrelaçar obra e história de vida para instituí-la

⁴² Em Foucault (1994) é um dos dispositivos de “governo” dos indivíduos, entendido como um conjunto amplo de técnicas e procedimentos destinados a dirigir homens e mulheres: tanto através de práticas de normatização e disciplinarização que objetivam o sujeito, quanto através das práticas do governo de si por si, de controle e de exercício de si sobre si. DELGADO (2008).

⁴³ É o processo pelo qual uma pessoa passa a integrar o patrimônio de uma nação ou região. (ABREU, 1994).

como artesã e guardiã da memória, socialmente investida do poder de testemunhar e eternizar o passado e menciona ainda, o fato de a mídia fabricar esta memória e ser a guardiã dos fatos que fez com que Cora Coralina perpetuasse através de sua monumentalização.

Delgado (2008) afirma que o campo da literatura com a mídia é uma teia discursiva que confere visibilidade para entrelaçar obra e história de vida da poetisa afim de, instituí-la como artesã e guardiã da memória, socialmente investida do poder de testemunhar e eternizar o passado.

A produção deste acontecimento discursivo para Delgado (2008) é o gesto inicial de construção do Monumento e aponta diversos personagens criados com este fim. Dentre eles estão: a anciã doceira e poeta que vive solitária na Casa Velha da Ponte; a fabricação iconográfica da poetisa; A singularização da experiência do envelhecimento de Cora Coralina e a mulher octogenária que transmite ensinamentos aos jovens.

Na primeira página do seu livro inaugural, publicado em 1965, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, ela escreve: “Este livro foi escrito / por uma mulher / que no tarde da Vida / recria e poetiza sua própria / Vida”. (CORALINA, 2006, p. 27)

Outro fato determinante para Delgado (2008) é o fato de Cora Coralina ter elaborado sua autobiografia e eleito a produção dos marcos biográficos mais significativos de sua vida para assim consolidar sua monumentalização.

De acordo com Delgado (2003) a poetisa ao construiu sua autobiografia tece a continuidade temporal e a coerência entre as etapas da vida pelo arranjo de múltiplas lembranças dispersas que são cuidadosamente dispostas numa narrativa que confere sentido à trajetória de vida.

Quando transforma o passado em matéria literária, Cora narra os períodos da sua vida a partir de diferentes estratégias de produção de memórias. Nas composições poéticas que engendram a trama biográfica, a infância e a adolescência são temas recorrentes, construídas por meio de lembranças solidificadas pelo discurso oral, enquanto que o casamento constitui uma ausência e a maternidade raramente é poetizada.

A profusão de lembranças associadas à Casa Velha da Ponte e à cidade de Goiás se contrapõe ao silêncio produzido em torno do marido e do casamento, denotando a dificuldade de conviver com determinadas recordações do passado e a impossibilidade de ressignificá-las.

Observemos, portanto, o quanto a produção autobiográfica é seletiva, elaborada por meio de um complexo processo de gestão da memória, onde determinadas lembranças são muitas vezes narradas oralmente e no discurso literário, mantendo conteúdos quase invariáveis, enquanto outras são zelosamente administradas, apenas eventualmente mencionadas em depoimentos orais.

Conforme Delgado (2008) Cora joga para a zona do esquecimento quarenta e cinco anos de sua vida, afirmando que não constituem matéria da memória. Ou seja, o passado é enquadrado pela memória solidificada, de modo a circunscrever os períodos reconstruídos minuciosamente como fundamentos da história de vida e, ao mesmo tempo, alijar outros acontecimentos, personagens e lugares da biografia.

Segundo Delgado (2008) para encadear presente e passado, quando lhe pediam um resumo biográfico ou lhe propunham delinear a trajetória de escritora, Cora narrava o retorno para a cidade de Goiás enquanto ruptura e como marco inaugural da efetivação da prática literária. E assim dizia:

Nasci e me criei em Goiás Velho, até que me casei. Nasci no século passado, casei-me em 1910 e um ano depois deixei Goiás e fui para São Paulo com meu marido, que não era goiano. No Estado de São Paulo vivi 45 anos da minha vida, encaixada e sem voltar à minha terra. Só voltei a Goiás em 1956. Em São Paulo tenho quatro filhos, quinze netos e quinze bisnetos e tem 21 anos que voltei a minha terra, que sempre esteve presente ao meu emocional. Nunca me apaulistei, nunca deixei de ser mulher goiana e mais que tudo, mulher sertaneja, com todas as marcas de uma mulher sertaneja que me orgulho. Depois de ter dado 45 anos da minha vida aos filhos, eu quis viver longe deles. (...) Em Goiás, vamos dizer assim, abriram-se as portas do pensamento e escrevi o primeiro livro publicado. (CORALINA, 1977).

Para Delgado (2008) outro lugar de discurso responsável pela manutenção de memória e monumentalização da poetisa é o Museu Casa de Cora Coralina. Pois, o museu não apenas produz e preserva a memória material de Cora Coralina, mas também engendra incessantemente determinados significados simbólicos para o Monumento.

Nas práticas da rememoração comemorativa que compõem o calendário anual de homenagem a poeta e na montagem da exposição, o trabalho do Museu Casa de Cora Coralina manipula o tempo, de forma que o passado se transfigure num imperecível

presente, reinventando constantemente a Mulher-Monumento e perpetuando-a para o futuro.

Segundo Delgado (2008) Na batalha das memórias, as construções póstumas que lutam pela consagração da imortal confrontam se com memórias dissidentes que disputam a instituição dos regimes de verdade a respeito de Cora Coralina.

Conforme Delgado (2008) durante as entrevista com os vilaboenses – como são conhecidos aqueles que nascem e/ou moram na cidade de Goiás, perpetuando a referência à denominação anterior de Vila Boa – quando solicitava que conversássemos a respeito de Cora Coralina, muitos depoentes mudavam o tom da narrativa, alguns pediram para desligar o gravador em muitas passagens e outros solicitaram a interrupção da entrevista, alegando temer represálias.

De acordo com Delgado (2008) durante as entrevistas foi necessário prescindir de informações importantes para caracterizar a fonte e assegurar que não utilizaria qualquer parâmetro de identificação, como nome, profissão ou idade. Essa atitude de rezear gravar depoimentos, mesmo depois de ter conversado informalmente com a pesquisadora sobre o assunto, denota a eficiência dos mecanismos de silenciamento dos discursos dissidentes.

Os conflitos e a competição entre a memória que cria a Mulher-Monumento e a memória que produz a Cora-estigmatizada são ininterruptos na cidade de Goiás. A preservação dessa memória dissidente está interligada a uma rede de sociabilidade, unindo grupos de moradores que, na maior parte dos casos, convivem desde a infância, encontram-se quase diariamente e guardam um repertório de histórias que são relembradas constantemente.

Quando evocam Cora Coralina, é comum expressões como “isto foi minha mãe que contou”, “eu conheço a mocidade dela por causa da minha mãe que contava para nós”, “meu avô contava direitinho”, “foi no tempo da minha vó”, demonstrando que o estoque de lembranças mais remotas forma uma memória transmitida no interior do grupo familiar.

De acordo com Delgado (2008) um morador em depoimento assim relata: “nossa cidade tem o escol da cultura goiana, e o povo sabe posicionar-se nos seus moldes morais. Como estimar uma mulher que todo mundo sabe que montou na garupa de não sei quem, um homem de fora, que era casado e foi embora?”.

Segundo Delgado (2008) a fuga de Cora Coralina com Cantídio Brêtas para São Paulo em 1911 e os fatos que o antecedem são também centrais na biografia “Cora Coragem, Cora poesia”, escrita por uma de suas filhas, Vicência Bretãs Tahan.

Em Delgado (2008) Os limites deste texto não permitem uma análise exaustiva, porém, interessa ressaltar que a biógrafa narrou detalhadamente com tom romanescos, de forma a configurar uma clássica história de amor, desde o primeiro encontro entre Aninha-Cora e Cantídio Bretãs até madrugada da fuga para São Paulo, destacando a gravidez e a coragem do casal, principalmente de Cora, para enfrentar a rejeição da família e os preconceitos da época.

Segundo Delgado (2008) não somente a fuga de Cora e Cantídio foi responsável pela memória subterrânea, mas, O relacionamento conflituoso que a poeta estabelecia com os moradores da Cidade é substrato de muitos acontecimentos narrados. Em depoimento assim diziam: “Cora era grosseira com o povo de Goiás, ela era bem grosseira. O povo de fora ela tratava muito bem, mas o povo de Goiás, não, conosco não”. Desta forma, Delgado (2008) ressalta que:

É preciso destacar que a monumentalização da poeta é reconhecida mesmo por esses depoentes que discordam do processo e produzem os marcos da memória subterrânea. Questionar a biografia hegemônica não significa, porém, negar que o “mito” ou o “fenômeno” Cora Coralina, como se referiram alguns depoentes, é a principal atração da cidade e que o Museu, que guarda sua memória, é o local mais visitado pelos turistas. Comentando a hegemonia da memória oficial, uma vilaboense desabafa: “o mito Cora já é muito forte, e a gente não vai derrubar mesmo”. (DELGADO, 2008, p. 27).

Para Delgado (2008) tanto a prática autobiográfica de Cora Coralina quanto às produções discursivas que instituem a imortal ganharam novos contornos quando consideramos esse campo de conflitos configurado em Goiás e que constitui o palco principal onde desenvolvem as lutas dessa batalha das memórias.

Os mecanismos da memória, a lembrança e o esquecimento, são faces do processo de monumentalização: o passado é manipulado para esculpir as lembranças que perpetuam os contornos da Mulher-Monumento, ao mesmo tempo em que estratégias de poder urdem o esquecimento configurado no silêncio, omissão e ocultamento das memórias dissidentes que, entretanto, se mantêm latentes na cidade de Goiás

CAPÍTULO 3

3.1 - Cora Coralina e a natureza.

Na busca por compreender a natureza em Cora Coralina, faz-se necessária primeiramente análise de certos conceitos. Um deles, diretamente ligado à temática em questão é o conceito de Natureza.

Lenoble (1969, p.367) faz uma interessante definição de natureza que nos leva a pensar na complexidade do termo: “(...) Toda a ideia de natureza pressupõe, com efeito, uma complexa aliança de elementos científicos (o que são as coisas?), morais (que atitude deve tomar o homem perante o mundo?), religiosos (a natureza é o todo ou é a obra de Deus?)”.

Morin (1988, p. 222) segue nessa linha de pensamento refletindo a complexidade dessa questão: “(...) A natureza não é desordem, passividade, meio amorfo: é uma totalidade complexa” e o autor vai além, demonstrando a interação homem/natureza: “(...) o homem não é uma entidade isolada em relação a essa totalidade complexa: é um sistema aberto, com relação de autonomia/dependência organizadora no seio de um ecossistema”.

Morin, em seu pensamento, reforça que o ponto de diferença entre o ser humano e os demais animais é a cultura, pelo fato de que esta tem um papel civilizador. Ao mesmo tempo em que nasce num ambiente natural, a espécie humana também está inserido em um ambiente sociocultural.

A complexidade na concepção de natureza proposta por Morin pode ser evidenciada nas poesias de Cora Coralina, pois, elabora uma visão de supernatureza, mãe natureza. Aponta a grandiosidade da natureza, sempre harmônica, enaltecida, maravilhosa, com equilíbrio e beleza estética, algo belo e ético. Cora se aproxima da natureza e se vê como natureza. Em *A Gleba me Transfigura*, Coralina revela sua visão romântica, valorização e seu amor pela natureza:

Sinto que sou abelha no seu artesanato.
Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.

Amo a terra de um místico amor consagrado, num sponsal sublimado,
procriador e fecundo.
CORALINA (2013, p. 108)

Quando referimos à visão romântica de Cora para com a natureza estabelecemos como objeto de análise as diferentes concepções de natureza que Tamaio (2002, p. 28) apresenta: Romântica, Utilitarista, Científica, Socioambiental e Naturalista.

Segundo Tamaio (2002) A visão romântica da natureza enaltece seus aspectos belos e grandiosos, considerando a natureza como harmônica e sempre em equilíbrio, calcada na dualidade homem x natureza e muito associada ao conceito de mãe-natureza, provedora, acolhedora e bucólica. Diferentemente, da visão romântica difundida pelos escritores do período literário Romantismo.

Até mesmo porque, Coralina apresenta uma visão mergulhada na geração moderna e modernista. Segundo Yokozawa (2005) Cora Coralina começou escrevendo contos. Foi só depois da libertação formal da vanguarda de 22 que ela passou a escrever versos. Seus versos são exemplares da indistinção tão cara aos modernistas entre a forma da poesia e a da prosa; indistinção de que tem consciência a autora ao fazer a seguinte ressalva em Poemas dos Becos...: "Este livro: / Versos... Não / Poesia... Não. / um modo diferente de contar velhas histórias" (CORALINA 2006, p. 27).

De acordo com Yokozawa (2005) apesar de a crítica destacar o desprendimento da poetisa de qualquer tradição literária, apesar de ela própria reiterar esse desprendimento, verifica-se que, nos momentos de maior individualidade e originalidade da sua obra, como é o caso de quando canta a “gentinha” do beco da sua cidade, ela fala em uníssono com a modernidade literária e o modernismo brasileiro.

Cora Coralina foi uma mulher que viveu à frente de seu tempo. Como ela mesma afirma no poema “Nasci antes do tempo”:

[...] Tudo que criei, imaginei e defendi
nunca foi feito.
E eu dizia como ouvia
a moda de consolo:
Nasci antes do tempo.

Alguém me retrucou.
Você nasceria sempre
antes do seu tempo.
Não entendi e disse Amém.
(CORALINA, 2013, p. 38)

Esta afirmativa se aplica às atitudes da poetisa para com a natureza tanto em sua vida quanto em seus poemas, pois, no decorrer desta, teve atitudes que demonstraram uma relação de respeito com o meio em que viveu mantendo atitudes igualitárias e de humildade, sempre se colocando, não como o centro das coisas, mas simplesmente fazendo parte delas.

Em Wortmann (2001) a forma pela qual compreendemos a natureza está intimamente conectada com a forma pela qual agiremos.

Cora soube como ninguém interagir com os elementos que fizeram parte do seu meio ambiente, demonstrando amor pelas aves, plantas, animais, rio, serras, lavadeiras, menino lenheiro, pobres e desamparados. Isto de acordo com Beltrame (2008) é uma nova concepção de natureza:

A nova concepção de natureza, que estou chamando de novo paradigma de natureza, deve proporcionar outra relação com o meio em que vivemos, uma relação mais respeitosa, igualitária e acima de tudo humilde, de maneira que não somos o centro das coisas, mas simplesmente somos parte delas, interagindo com os elementos que a compõe. (p. 31).

De acordo com Tuan (2012), topofilia é uma palavra nova (neologismo) utilizada para definir o amor humano com o meio ambiente material.

No poema “Minha Cidade”, Coralina canta seu amor pela cidade:

Goiás, minha cidade ...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas
curtas,
indecisas,
entrando,

saindo
uma das outras.
Eu sou a menina feia da ponte da Lapa
Eu sou Aninha.
(CORALINA, 1985, p.47)

O tom de dedicatória amorosa aparece ainda explicitamente nos versos do poema “Becos de Goiás”:

Beco da minha terra ...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja. (...)
Amo a prantina silenciosa de teu fio d’água (...)
Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos. (...)
Amo e canto com ternura
todo o errado de minha terra.
(CORALINA, 1985, p.103-104)

Também é possível reconhecer a simbiose da poetisa com o espaço do rio e a lavadeira:

Vive entro de mim
A lavadeira do Rio Vermelho
Seu cheiro gostoso
d’água e sabão.
(CORALINA, 1985, p.45)

Rizzo (2012) afirma que o amor de Cora pelas plantas veio da infância passada na Casa Velha da Ponte. “Com a morte precoce do pai de Cora, o quintal tornou-se o celeiro a garantir a sobrevivência da mãe, dela e das irmãs. O amor pelas plantas veio daí. Ela e as irmãs vendiam frutas e verduras e talvez tenha nascido na mesma época, a doceira que Cora seria até o fim de seus dias”. (Especial Diário da Manhã, 4 de Jul. 2012).⁴⁴

Segundo Jacobi (2003), os ideais ambientalistas no Brasil passaram a ter maior expressão a partir de meados da década de 70. Cora Coralina, entretanto, em seu poema

⁴⁴ Acervo da Academia Goiana de Letras.

“Minha Infância”, descreve uma relação de respeito e cumplicidade com o meio que a cercava:

[...]

Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.

[...]

Meus brinquedos...
Coquilhos de palmeira.
Bonecas de pano.
Caquinhos de louça.
Cavalinhos de forquilha.
Viagens infundáveis...
Meu mundo imaginário
mesclado à realidade.

[..]

A rua. A ponte. Gente que passava,
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,
eu via por um vidro quebrado, da vidraça
empanada.

(CORALINA, 2006, p. 168-170)

Cora passa parte de sua infância e adolescência na Fazenda Paraíso e este foi um dos oásis para sua imaginação criativa. Seu contato direto com a natureza ela nos descreve em seu poema: “Na Fazenda Paraíso”

Na Fazenda Paraíso, grandes terras de Sesmarias, nos
dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó
Antônia,
que todos diziam Mãe Yayá, minha velha tia Bárbara,
que era tia Nhá-Bá.

[...]

Acordávamos cedo e corríamos para o curral.
Copos e canecas na mão e o primeiro apoio espumado e
morno.

Tinha um gosto renovado e puro.
Depois, o mundo do engenho. A garapa de cana
serenada,
A garapa fervida, o melado com mandioca cozida no

respiradouro da fomalha,
“forrando o estômago” para o almoço às nove horas,
Invariavelmente.
(CORALINA, 2013, p. 56 e 65).

Seus primeiros escritos tinham como tema a natureza, e é deste período a crônica “O Canto da Inhuma”.

Qualquer pessoa que tenha vivido algum tempo no campo, ou melhor direi, na proximidade das mattas, conhece, sem dúvida, a inhuma e o seu canto extraordinário, incompreensível, único na espécie. O que mais accentua a particularidade desse pássaro é reunirem-se em bando de cinco a sete, formando uma verdadeira orchestra de ritmo impeccavel e com a competente variedade de instrumentos. [...]
(CORA CORALINA, 1909).

Na juventude seu relacionamento com intelectuais que faziam parte do Clube literário demonstrou sua facilidade de relacionamento com outras pessoas e Cora soube administrar muito bem este poder de comunicação, pois chegou a ser Vice-Presidente do Grêmio Literário Goiano e com o reconhecimento do seu talento, logo ocupou outros espaços culturais goianos.

De acordo com Nelly Alves Almeida (2002), em 1908, ela se tornou redatora do Jornal *A Rosa*, também colaborou com o Jornal *A Imprensa*, onde manteve uma secção chamada “Chroniqueta”. Nesses espaços, escrevia sobre assuntos variados, mas, predominavam os temas relacionados ao romance e à natureza. É desta época a escrita do conto “Tragédia na Roça” que o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo não apenas elege para publicação, como tece comentários elogiosos sobre a escritora:

Cora Coralina, (Anna Lins Dos Guimarães Peixoto), é um dos maiores talentos que possui Goyaz; é um temperamento de verdadeiro artista. **Não cultiva o verso, mas conta na prosa animada** tudo que o mundo tem de bom, numa linguagem fácil harmoniosa, ao mesmo tempo

elegante. É a maior escriptora do nosso Estado, apesar de não contar ainda 20 anos de idade. (AZEVEDO, 1910, p. 209).

Na idade adulta morou em diferentes cidades e praticou atos de amor ao lugar e à natureza.

Em Jaboticabal vendeu, mudas de árvores para serem plantadas durante a pavimentação da cidade e durante o tempo que lá residiu, Cora viveu intensamente para o esposo, filhos e cultivando de rosas, chegando a ser conhecida como: Cora florista.

Também foi neste período que Cora, por meio de sua visão pioneira sobre a importância da preservação ambiental, escreveu o artigo “Árvores”, que foi publicado em setembro de 1922. Assim ela relata:

Podiam realizar nesse dia uma linda e nobre festa de propaganda prática e fecunda se, em vez de, versos inócuos cada professor levasse sua classe a plantar de fato árvores pelos arrabaldes, pela orla dos caminhos, pelas praças que nas cidades do interior são tão tristemente amplas, nuas e desertas e que seriam assim pela infância anualmente arborizadas! E elas aprenderiam assim melhor a amar e defender essas plantas, que cresceriam com elas e em que mais tarde se reveriam enquanto homens mulheres feitos a lembrar-lhes sempre os mais belos dias de vida. Nem é isto fantasia irrealizável de escritora, senão objetivo de fácil alcance. As municipalidades hoje, todas elas mais ou menos interessadas na equação desse problema, se incumbiriam facilmente de designar e preparar os pontos a serem arborizados e as plantas para esse fim. É que linda festa não seria essa a que o povo se juntaria, festa religiosa em que a crença na primavera da vida, plantando árvores na primavera do ano, com suas mãos pequeninas e débeis, sentir-se-ia dignificada e feliz por uma ação nobre e boa, concorrendo assim, para beleza, progresso e fecundidade da terra que lhe é berço! (BRITTO; SEDA, 2009, p. 121)

No período em que residiu em São Paulo, Cora presenciou a Revolução Constitucionalista em 1932. Nela, alistou-se como enfermeira, trabalhou costurando uniformes e bibis de soldados. Uniu-se aos que lutavam pelo estado e doou joias para “o bem de São Paulo”.

Em Penápolis, plantou sementes de árvores, fez mudas em latas de lixo e vendeu para arborizar a cidade.

Em Andradina Cora tinha uma vida social ativa, com participação em muitas reivindicações que os trabalhadores faziam para melhores condições de trabalho e tornou-se lavradora.

Em determinado momento, ainda em Andradina, que precisava ajeitar o terreno para plantação de algodão, buscou ajuda à Emater. Foi sob a orientação do Agrônomo que fez Curvas de nível em seu terreno e segundo Britto e Seda (2009), não guardou somente para si as informações que obteve daquele profissional, mas compartilhou com seus vizinhos sitiantes que também necessitavam aprender novas técnicas de cultivo sem prejudicar o solo. É desse período o “Poema do Milho” escrito pela poetisa:

Milho...
Punhado plantado nos quintais.
Talhões fechados pelas roças.
Entremeando nas lavouras.
Baliza marcante nas divisas.
Milho verde. Milho seco.
Bem granado, cor de ouro.
Alvo. Às vezes vareia,
- espiga roxa, vermelha, salpintada.

[...]
Em qualquer parte da Terra
um homem estará sempre plantando
recriando a Vida.
Recomeçando o Mundo.

[...]
“Não andeis a respigar” – diz o preceito bíblico.
O grão que cai é o direito da terra.
A espiga perdida – pertence às aves
que têm seus ninhos e filhotes a cuidar.
Basta para ti, lavrador,
o monte alto e a tulha cheia.
Deixa a respiga para os que não plantam nem colhem.
- O pobrezinho que passa.
- Os bichos da terra e os pássaros do céu.
(CORALINA, 2006, p. 158, 161, 167).

De acordo com Britto e Seda (2009), em sua velhice, quando Cora voltou para sua cidade natal, “estreitou seu contato com a Grande Mãe Universal, recuperou o extenso quintal, tornando-o produtivo, cultivou hortaliças e árvores frutíferas, cuidou de

suas rosas, com a ajuda de seu Vicente”. Utilizou as frutas de sua terra para fazer doces. Em seu poema, *O Cântico da Terra*, nos relatou:

[...]
Eu sou a grande Mãe universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor. [...]
CORALINA (2006, p. 210-211)

Também manteve um maior contato com os agricultores e sitiantes da região que vendiam frutas na Casa Velha da Ponte e aqueles que vendiam e comercializavam verduras no mercado da cidade.

Britto e Seda (2009) também afirmam que entre o período de 1960 a 1980, Cora teve oportunidade de vivenciar de perto a vida rural, despertando sua imaginação para a “verve telúrica”, pois, estava em contato direto com as águas e era embalada pelos risos e soluços do Rio Vermelho. Assim, usou sua imaginação criativa para exaltar e dignificar a Terra e o trabalho:

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

[...]

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fartura teremos
e donos de sítio
Felizes seremos.
(CORALINA, 2006, p. 210-211).

Cora se identificava muito com o lugar onde nasceu, sua terra natal. Esta identificação também pode ser percebida no poema “Palácio dos Arcos”. O epilírico⁴⁵ relata a história de um índio da tribo Carajá que deixou o Araguaia para se “civilizar” em Goiás. Aprendeu a ler e a contar, se tornou soldado e trabalhava no Palácio dos Arcos. Certo dia um trovão estalou e ele sentiu:

[...]
Um cheiro forte de terra.
Um cheiro agreste de mato.
Um cheiro de aguada distante.

O soldado carajá, sabe lá o que sentiu.
Acordou dentro de si
uma grande nostalgia.
Uma dura rebeldia.
O grito da sua raça.
Chamados da sua taba.
Aquela mudança de tempo
despertou os seus heredos.
Acordou seus atavismos.

[...]
Coberto com seus heredos.
Alcançou a Barreira do Norte
E sumiu-se no rumo do Araguaia...

Na poeira do bárbaro
Atuado pelas forças cósmicas e ancestrais. [...]
(CORALINA, 2006, p. 123-124).

Neste poema, a identificação pode ser concebida como uma metáfora da vida de Cora, já que a poetisa deixou a cidade e foi viver experiências em São Paulo, porém, um dia sentindo o chamado de seus ancestrais e atraída pela força da terra refez o caminho de volta às suas origens.

Seu contato com a terra, com o rio Araguaia, o cotidiano cercado pelo grande quintal e banhado pelo rio Vermelho, reativou as lembranças dos tempos em que era transfigurada pela gleba, despertando sua percepção ambiental.

⁴⁵ Épico ou epilírico é uma tendência na poesia moderna, haja vista que os poemas apresentam características estilísticas da prosa, como, por exemplo, a extensão dos poemas, a presença de personagens, de narrador e de uma ação. Enfim, poemas com tom narrativo de algum acontecimento passado. (CAMARGO, 2007, p. 8).

Carvalho (2008), afirma que,

o sujeito ecológico agrega uma série de traços, valores e crenças que poderia ser descrito em facetas variadas. Em sua versão de gestor social, supõe-se que partilhe de uma compreensão política e técnica da crise socioambiental, sendo responsável por adotar procedimentos e instrumentos legais para enfrentá-la, por mediar conflitos e planejar ações.

Em depoimento a Britto e Seda (2009), Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles, amiga de Cora, relata que Coralina marcou muito sua vida, até mesmo por chegar à idade em que chegou sem demonstrar que precisava de ajuda, pelo contrário ajudava.

Segundo Britto e Seda (2009), um dos gestos mais evidentes de amor ao próximo de Cora, foi permitir que Maria da Purificação, ou, Maria Grampinho, como era chamada, dormisse na Casa Velha da Ponte durante 29 anos. Para o autor, Maria representa as tantas outras Marias amparadas por Coralina. E ressalta que quando Cora regressou para Goiás, em 1956, Maria já dormia todas as noites no quintal da Casa da Ponte. Assim, em seu poema “Coisas de Goiás: Maria”, a poetisa canta seu amor e respeito por Maria:

Maria, das muitas que rolam pelo mundo.
Maria pobre. Não tem casa nem morada.
Vive como quer.
Tem seu mundo e suas vaidades. Suas trouxas e seus botões.

[...]

Seus figurinos, figurações, arte decorativa,
Criação, inventos de Maria.
Maria grampinho, diz a gente da cidade.
Maria sete saias, diz a gente impiedosa da cidade.
Maria. Companheira certa e compulsada.
Inquilina da Casa Velha da Ponte.
Digo mal. Usucapião tem ela, só de meu tempo,
vinte e seis anos.

[...]

Entre, Maria, a casa é sua.

Nem precisa mandar. Seus direitos sem deveres,
vai pela manhã e volta pela tarde.

[...]

Estas coisas dos Reinos
da
cidade de Goiás.
(CORALINA, 2013, p. 39-41).

Heloísa Salles destaca que, a poetisa acreditava na juventude, era fraterna, incentivava à leitura, ao conhecimento, à valorização das coisas simples e a importância do trabalho. Para Salles, Cora foi a primeira ambientalista que conheceu, pois, estava sempre, por meio de sua obra, gestos, atitudes e discurso defendendo as questões ambientais. (In: Britto e Seda 2009).

A terra em toda trajetória de vida de Cora Coralina significou fonte de vida, desde os primeiros escritos, assumiu um papel central. Sua infância e adolescência na Fazenda Paraíso, suas terras no interior paulista, sua casa de chão, a relação com a natureza, os animais e vegetais, à volta a Terra Mãe.

Esta sua identificação com a mulher roceira lhe rendeu em 1984 uma homenagem que posteriormente recebeu e aceitou de bom grado, foi eleita Símbolo de Mulher Trabalhadora Rural pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, FAO/ONU.

Cora Coralina foi uma mulher que sempre se posicionou frente aos problemas sociais vivenciados pelas comunidades em que viveu. Em Goiás de acordo com Britto e Seda (2009), em plena ditadura militar não se absteve de manifestar seu apoio à reforma agrária e os posicionamentos de dom Pedro Casaldáglia e dom Tomás Balduino a respeito do movimento dos sem-terra, que nasceu à época, da relação entre Igreja e Governo, do êxodo rural e da marginalização nas grandes cidades.

Durante entrevista concedida a Vicente Fonseca e Arnaldo Lacerda, na fase de prospecção do Filme Cora Doce Coralina (1982), ao ser questionada sobre os pensamentos de dom Tomás e dom Pedro Casaldáglia com relação à reforma agrária, Coralina respondeu: “Se não tivesse esse conflito o que seria dos sem-terra? O que seria dos espoliados? O que seria dos expulsos de suas posses? De modo que eles ainda representam uma barreira”.

Esta preocupação com os menos favorecidos acompanhou Cora por muitas décadas tanto que a poetisa as registrou em seus versos:

[...]

A vida tem a melhor expressão no trabalho constante
nem sempre remunerado, mas que seja contínuo.
O homem não aceita a ociosidade. Sofre com ela, é a
sua angústia maior.
As autoridades têm três deveres a cumprir: dar terra ao
homem da lavoura,
Fixá-lo na gleba. Não consentir no seu desligamento do
meio onde foi criado,
Ajudá-lo no possível. Ali na terra está a harmonia
e integridade
Do grupo tribal. Tangidos para a cidade, é a desagregação familiar,

A desilusão, a incompatibilidade urbana, o
desarranjo total, a perdição.
Nada do que imaginou se realiza e a unidade é destruída.
(CORALINA, 2013, p.55)

Com a certeza de se manter viva, nas árvores plantadas e nos gestos de amor à natureza, Cora faz uma declaração em seu poema “Eu voltarei”, registrando que cada nascimento de um filho seria marcado com o plantio de uma árvore simbólica:

[...]

Cada nascer de um filho
Será marcado com o plantio de uma árvore simbólica.
A árvore de Paulo, a árvore de Manoel,
a árvore de Ruth, a árvore de Roseta.

[...]

Plantaremos o mogno, o jacarandá,
O pau-ferro, o pau-brasil, a aroeira, o cedro.
Plantarei árvores para as gerações futuras.
(CORALINA, 2013, p. 71).

Segundo Britto e Seda (2009), são muitas as árvores plantadas por Cora que continuam embelezando as cidades do interior paulista. E em comemoração ao

centenário de morte de Cora Coralina, em 1989 foi lançado pelo correio um selo ilustrativo em que a poetisa, em primeiro plano, contrasta com a Casa Velha da Ponte, e uma árvore faz a união entre elas.

Atualmente, a poetisa dá nome ao principal prêmio do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental – FICA, que foi idealizado em 1999, na cidade de Goiás. Este festival concilia cinema com ações educativas e sociais visando o desenvolvimento sustentável.

Desta forma Cora se mantém viva no trabalhador que semeia a semente proporcionando a germinação e as festas das colheitas:

“Em qualquer parte da Terra
um homem estará sempre plantando,
recriando a vida.
Recomeçando o mundo”.
(CORALINA, 2006, p. 161).

Assim, o lugar como espaço vivido por Cora foi sempre muito valorizado e muito bem expresso em toda sua obra. Pois, Cora por todos os lugares que passou no decorrer de sua vida amou grandemente este lugar e praticou ações que demonstraram este amor. Como a própria poetisa descreve. Em “Estas Mãos”:

Olha para estas mãos
De mulher roceira,
Esforçadas mãos cavouqueiras.
[...]

Mãos que jamais calçaram luvas.
[...]

Minhas mãos doceiras...
Jamais ociosas.
Fecundas. Imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.
Mãos de semeador...
Afeitas à sementeira do trabalho.
[...]
(CORALINA, 2013, p. 62-63).

Segundo Britto e Seda (2009, p. 430), Cora deixou a todos o ensinamento do amor: “amar o próximo, os ideais, a Deus, a natureza, a linguagem. Amor altruísta que não esperou nada em troca e que demonstrou que nunca é tarde para voltarmos sobre nossos próprios passos, recomeçarmos a caminhada e lançarmos a boa semente”.

Desta forma, durante a análise de cada ciclo de vida de Cora Coralina encontramos expressões de sentimentos da poetisa para com lugares e as coisas neles existentes.

Na infância nos deparamos com a Casa Velha da Ponte, a escola, a igreja, o Rio Vermelho. Em sua adolescência encontramos referências à Fazenda Paraíso.

Na Juventude a poetisa deixou claras evidências de vida na cidade, no Grêmio Literário Goiano e um bom relacionamento homem e sociedade. Em sua idade adulta, as cidades por onde percorreu, as plantações, a vida em família, os filhos. E por fim, na velhice encontramos Cora Coralina falando da Casa Velha da Ponte, dos Becos, das lavadeiras, prostitutas entre outros. Tudo isso de acordo com Tuan (2013) é natureza. E está inserido em uma totalidade.

Segundo Tamaio, (2000) há seis concepções de natureza, a saber: romântica, visão dualista (homem x natureza), sempre “harmônica, enaltecida, maravilhosa, com equilíbrio e beleza estética, algo belo e ético” (p.43); utilitarista, também “dualística”, interpretada como fornecedora de vida e de recursos ao homem (leitura antropocêntrica) (p. 44); científica, abordada como uma “máquina inteligente e infalível”; generalizante, forma muito ampla, vaga e abstrata: “tudo é natureza” (p. 45); naturalista, que se refere a tudo que não sofreu ação de transformação pelo homem (as matas, bichos, os alimentos, entre outros); socioambiental, desenvolve uma “abordagem histórico-cultural”, reintegrando o homem à natureza e, muitas vezes, o homem surge como responsável pela degradação ambiental (p.46).

Assim, a visão que Anna tinha de natureza comunga com concepção *Romântica* de natureza que está diretamente relacionada com as vivências em ambiente natural e evidenciam as influências de contexto, lugar e natureza na vida e nas obras de Cora Coralina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

I

Meti o peito em Goiás
e canto como ninguém.
Canto as pedras,
canto as águas,
as lavadeiras, também.

Cantei um velho quintal
com murada de pedra.
Cantei um portão alto
com escada caída.

Cantei a casinha velha
de velha pobrezinha.
Cantei colcha furada
estendida no lajedo;
muito sentida,
pedi remendos pra ela.
Cantei mulher da vida
conformando a vida dela.

[...]
(CORALINA, 2013, p. 9)

“... o poeta, pela multiplicidade das imagens, nos torna sensíveis aos poderes dos diversos refúgios”. (BACHELARD, 2008, p. 103)

Cora Coralina em toda reflexão aqui traçada revelou os “diversos refúgios” por ela vividos. Estes refúgios são aqui representados através do contexto que marcou sua história de vida e que são revelados através de seus escritos. As coisas da natureza que, como poucos, soube amar e respeitar e os diversos lugares que pertenceu.

Em suas reminiscências, por ela escritas, Cora canta toda sua vida, desde seu nascimento até a velhice, relatando não somente sua história, mas de seus contemporâneos. Como bem destacou, em sua obra, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, “Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o tempo passe tudo a raso”. (CORALINA, 2006, p. 25).

E lançando mão de nossos objetivos, o primeiro a ser observado foi como o contexto vivido por Cora Coralina, influenciou em suas obras? E em resposta

constatamos que, o contexto muito influenciou na escrita das obras de nossa poetisa, pois, Cora canta, conta e recria a história do povo goiano, e de todos os outros lugares onde viveu. Assim, Cora afirma: “Amo e canto com ternura/ todo o errado da minha terra”. (CORALINA, 2006, p. 93).

Observamos também que outros autores também evidenciaram contexto, nas obras de Cora Coralina. A exemplo Carvalho (2003) relata como Cora se valeu do personagem de si mesma para denunciar diversos atos contra as mulheres de seu tempo. Como, por exemplo, as lavadeiras e as prostitutas.

Ainda sobre contexto, encontramos Chaveiro (2007) que fala de uma interpretação integrada que Cora faz entre a geografia e a literatura, por meio da análise dos poemas “Oração do milho” e o “Minha cidade”.

O segundo objetivo foi identificar o lugar que Cora pertenceu no decorrer de sua vida? Segundo Tuan (2013, p. 167). “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. E como resposta, identificamos diversos lugares, que tiveram grandes significados na vida de Cora. Pois, a grande maioria foi por ela cantados e ficou eternizado em seus poemas. Como, a Casa Velha da Ponte, a Escola, a Fazenda Paraíso, o Clube Literário, Jaboticabal, Penápolis, Andradina, e tantos outros.

Ainda sobre lugar, Britto e Santos (2009), ressaltam que o rural, faz parte de uma das instâncias fundamentais para compreender a trajetória de Cora, pois, elaborou uma obra ricamente fértil na reinvenção estética e simbólica de elementos como a terra, o trabalho manual e a natureza.

Procurando responder ao terceiro objetivo, buscamos identificar como a natureza se apresenta na vida e nas obras de Cora? Então, nos deparamos com uma extensão de escritos de Cora que enaltece a natureza e as coisas que a compõe.

Desta forma, verificamos que os elementos da natureza se apresentam sempre nos escritos de Cora, simbolizando o grande amor e respeito que a poetisa nutria pelo meio que pertenceu. Este amor e respeito foram evidenciados desde sua infância até sua velhice. Assim canta o poema “Rio Vermelho”:

Tenho um rio que fala em murmúrios.
Tenho um rio poluído.
Tenho um rio debaixo das janelas
da Casa Velha da Ponte.
Meu Rio Vermelho.
(CORALINA, 2013, p. 47).

E por fim, é relevante considerarmos a “concepção romântica” que segundo Tamaio (2000) compõe as seis concepções de natureza existentes, mencionadas anteriormente neste trabalho.

Concepção que evidencia uma visão de supernatureza, mãe natureza que a poetisa elabora, apontando sempre a grandiosidade da natureza, sempre harmônica, enaltecida, maravilhosa, com equilíbrio e beleza estética, algo belo e ético.

E de acordo com Silva (2015),⁴⁶ Cora amava a natureza, não como uma ambientalista que, simplesmente preserva, mantendo-a longe de si, sem ter contato algum. Mas, Cora Coralina é a própria natureza, pois, amava, cuidava e se sentia fazendo parte da mesma, interagindo, participando, amando e respeitando a si e aos outros.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Jane de. **Memórias de Aninha. In: Leitura: teorias e práticas.** Goiânia: Editora Vieira, 2003.

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711 – 2001).** São Paulo; Escrituras Editora, 2002, p. 141.

ALMEIDA, M. G. (Org.). **Tantos Cerrados.** Goiânia: Vieira, 2005.

⁴⁶

Professor Sandro Dutra Silva, em depoimento, durante a Banca de Qualificação.

ALMEIDA, Augusto César de. **Modernidade e tradição em Goiás: uma análise da transição a partir do patrimonialismo da Política oligárquica e da Revolução de 1930**. REVISTA EDUCAÇÃO & MUDANÇA - Número 03 – Janeiro / Junho – 1999.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Anuário Histórico e Descritivo do Estado de Goyaz para o ano de 1910**. Goiás, 1910.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1978.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : meio ambiente,saúde** – Brasília. 1997 - 128p.

BELTRAME, Rodrigo José Antonio. **A concepção de natureza entre estudantes do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. 2008.

BITTAR, Maria José Goulart. **As três faces de Eva na Cidade de Goiás**. Editora Kelps, 2002.

BOTASSO, Rosalina. **Cora Coralina: A vida em prosa e verso**. Família cristã, São Paulo, Set. 1984.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas** - o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.

BRITTO, Clóvis Carvalho. **Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina**. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1, 2007.

_____. **Economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César**. Tese (Doutorado em Sociologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

_____. **Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina**. Caderno Espaço Feminino, v. 24, n. 1, 2011.

BRITTO , Clovis Carvalho e SANTOS, Robson dos. **Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina**. HISPANISTA - Vol X nº 38 – 2009.

BRITO, Clóvis Carvalho; SEDA Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009.

CAMPOS, F. Itami. **Coronelismo em Goiás**. 2 ed. Goiânia: Vieira, 2003.

CAMARGO, Flávio Pereira. **Cora Coralina e a tradição poética Moderna e Modernista**. Letras & Letras, v. 21, n. 2, 2007.

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, Agosto. 1999

CARVALHO, Maria Meire de. **Cora Coralina: a poesia como ação política**. Em Tempo de Histórias, nº. 7, 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. - 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura—uma leitura possível**. Ateliê Geográfico, v. 1, n. 2, 2007.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. -23ª Ed. – São Paulo: Global, 2006.

_____. **Meu livro de Cordel**. - 18ª Ed. – São Paulo: Global, 2013.

_____. **Estórias da casa velha da ponte**. 7. Ed. – São Paulo: Global, 1994.

_____. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10ª Ed. – São Paulo: Global, 2013.

_____. **O tesouro da casa velha**; seleção de Dalila Teles Veras. – 6ª Ed. – São Paulo: Gaudi Editoria, 2011.

_____. **O canto da Inhuma**. *Jornal Goyaz*, ano XXV, n.1086, p.3, 23 out. 1909. Acervo do Gabinete Literário da Cidade de Goiás.

CIDADE, L. C. F. **Visões de mundo, visões da natureza e a formação de paradigmas geográficos**. In: *Terra Livre*, São Paulo, 2001, vol. 17, p. 99-118.

DELGADO, Andréa Ferreira. **Cora Coralina: a construção da mulher-monumento**. *Caderno Espaço Feminino*, v. 19, n. 1, 2008.

DENÓFRIO, Darcy França. **Cora dos Goiaeses**. In: DENÓFRIO, Darcy França (Org.). *Cora Coralina: melhores poemas*. São Paulo: Global, 2004.

DENÓFRIO, Darcy França. **Melhores Poemas de Cora Coralina**. São Paulo: Global, 2004.

DENÓFRIO, Darcy França. **Retirando o véu de Ísis: Contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina**. In: Denófrío, Darcy França; Camargo, Goiandira Ortiz de (org.). *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

DULLEY, Richard Domingues. **Noção de Natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais**. *Agri. São Paulo*, São Paulo, v. 51, nº 2, p. 15-26, jul/dez. 2004.

ELIADE, Mircea. **O profano e o sagrado**. São Paulo: Martins, 1992.

FELÍCIO, Brasigóis. **Cora Coralina dos becos de Goiás e dos caminhos do mundo**. *O Popular*, Goiânia, 23 dez.1974, p. 11. 2.º Caderno.

FERNANDES, José. **Dimensões da literatura goiana**. Goiânia: Cerne, 1992.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. **A propósito dos estudos biográficos na história das ciências e das tecnologias**. *Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 4. Ano IV nº 3. Julho/Agosto/Setembro. 2007.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, n" 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** 8ª Ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA, Vicente. **Depoimentos de Cora Coralina na fase de prospecção do filme “Cora Doce Coralina”.** Goiás, 1982.

GASKELL, G. (2002). **Entrevistas individuais e grupais.** Em M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Orgs.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (pp. 64-89). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).

GONÇALVES, Maria José. **Cora Coralina. Cidade de Santos.** Santos., 17 out. 1982.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay of the organization of experience.** New York, Harper & Colophon, 1974.

JORGE, Miguel. **Conversa com Cora Coralina.** Folha de Goiás, Goiânia, 1968.

JACOBS, Andresa Liriane. **A “Ecologia” como representação social: um estudo com educadores de biologia em Florianópolis, Santa Catarina.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis. 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LENOBLE, R. **História da ideia da natureza.** Lisboa: Edições 70. 1969.

LEVI, G. Os usos da biografia. In: FERREIRA M. de M. AMADO, J. (org.) **História Oral:** Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 172-184.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica .** Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

MELO, Maria Ivone Souza. **Rastros do vintém perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina.** – Salvador, 2011. 105f.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano.** 22 de setembro de 2004. 448 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2004.

MIRANDA, M. **Representações sociais do espaço urbano e a revelação do sujeito geográfico: um estudo com jovens de Ceilândia – DF.** Julho de 2006. 210 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

MORIN, Edgar, 1921 - **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução De Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

MORIN, E; MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. Ed. Peirópolis. São Paulo, 2000. 263 p. (Série Nova Consciência).

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Sintra: Publicações Europa América, 1990

_____. **Ciência Como Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. N

PALACIN, LUÍS. **História de Goiás**. – 5ª Ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1989.

PEREIRA, Perciliana Chaves. **O Universo simbólico corallineano: as hierofanias da natureza**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Goiânia. 2004.

PELBART, P. P. **A nau do tempo rei : sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PINHEIRO, Suely Reis. **Biografia, culinária e literatura: a história do cotidiano com o tempero de Cora Coralina**. Gênero, Revista do NUTEG. Niterói, EDUFF, v. 3, n. 2, 2003.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no Interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. **Cora Coralina: o mito de Aninha**. Editora da UFG, 2003.

ROAZZI, A. **Pesquisa e Contexto. Métodos de investigação e diferenças socioculturais em questão**. *Cadernos de pesquisa*, no prelo. 1987.

RIZZO, Garibaldi. **A verdadeira história da Casa Velha da Ponte**. Especial para Diário da Manhã. Goiânia. 4 de Junho. 2012.

SALLES, Mariana de Almeida. **Cora Coralina: uma análise biográfica**. Monografia (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2004.

SANTOS, M. **De la totalidad al lugar**. 1 ed. Barcelona: Oikos, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SIQUEIRA, Euripedes Bastos. **O Desenvolvimento do Estado Goiás sob a ótica do planejamento territorial**. Portalcatalao, Goiás, 2009. APA

SOUZA, Fabíola Ribeiro. **Olhares da criatividade sobre a vida de Cora Coralina**. Estudo Interdisciplinar envenhec. Porto Alegre. v. 18, nº 1, p. 185 – 194, 2013.

TAMAIO, Irineu. **Mediação do Professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo – São Paulo/SP – Campinas, SP. s.n.º, 2000.**

TAVARES, Giovana Galvão. **Zoroastro Artiaga – o divulgador do sertão goiano (1930-1970)** - Campinas, SP.: [s.n.], 2010.

TAHAN, Vicência Bretas. **Cora Coragem, Cora Poesia**. 4ª Ed. – São Paulo: Global, 2002.

TELES, José Mendonça. **No santuário de Cora Coralina**. 2. ed. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

TUAN, Yi-Fu (1983). **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**; Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL. 2013.

TUAN, Yi-Fu (1930). **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** – Londrina: Eduel, 2012.

THEODORO, Domingos. **Grêmio Literário Goiano**. Jornal A República, Goiás, n. 126, p.3, 27 jul. 1907. Acervo do Gabinete Literário Goiano.

ULHOA, Raquel. **Cora Coralina: nos originais abandonados, um tesouro que pode se perder**. Diário da Manhã, Goiânia, 29 set. 1981.

VELLASCO, Marlene Gomes de. **A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. 1990.

VERAS, Dalila Teles. **Cora Coralina: senhora de todas as vidas**. União Brasileira dos Escritores – Prêmio: O intelectual do ano: Troféu Juca Pato. São Paulo, 20 jun. 1984.

WORTMANN, M. L. C.. Da inexistência de um discurso unitário para falar da natureza. In: SCHMIDT, S.. **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **Confissões de Aninha e memória dos becos**. Revista Texto Poético, v. 2, n. 2, 2005.